Autobiografia do Missionário Hugh Clarence Tucker - Um belo documento histórico de outubro de 1940

AUTOBIOGRAFIA DR. TUCKER

INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, amigos meus têm pedido com insistência que eu publique minhas lembranças, impressões, observações e experiências que tive no Brasil durante os muitos anos em que vivi, viajei e trabalhei neste pais. Enquanto descansava por alguns minutos, como em geral fazia depois do almoço, no dia em que completava 73 anos, senti um quase irresistível impulso para tentar fazer isto.

O período de 1857 até o presente, é uma época maravilhosa para se viver. Em termos de descobertas científicas, de invenções materiais, de realizações e de expansão do trabalho missionário cristão, a humanidade fez maiores progressos do que em qualquer século do passado. As mudanças políticas e as revoltas sociais e espirituais são marcos importantes no caminho do progresso.

Os futuros historiadores terão muito prazer em rever registros, em analisar os fatos e em descobrir as dinâmicas que produziram resultados.

Eu peço perdão aos amigos para quem escrevo, como peço a indulgência dos leitores, se os houver, por oferecer dados breves, que antecederam à minha vinda para esta terra do Cruzeiro do Sul.. Estas informações podem ser de pequena importância, mas são aqui registradas na esperança de que possam ser interessantes para alguém que passar os olhos por elas nas páginas que seguem.

A anotação acima foi feita no Rio de Janeiro, em outubro de 1930. Os cinco anos seguintes a esta data, ao invés de trazer o descanso antecipado por levar ao fim o propósito concebido, mostrou visões de novas oportunidades e serviços posteriores que poderiam ser prestados. O período demonstrou ser uma época de árduas responsabilidades, algumas das mais estafantes tarefas e das mais felizes experiências que me aconteceram nos 60 anos de meu ministério.

Eu voltei ao Brasil em 1935 e depois de me aposentar da Sociedade Bíblica Americana, por ocasião de umas férias nos Estados Unidos, comecei em outubro a procurar me liberar de várias das muitas comissões e juntas de serviços cristão, social e filantrópico nas quais eu tinha trabalhado durante longos ou curtos períodos, na maioria longos, esperando que eu poderia terminar meu manuscrito. Mas,

outra vez, onde o “céu e distantes paisagens” se encontram, lampejaram visões que me cativaram para novos empreendimentos.

Agora, ao final de outro período de 5 anos, chegando ao 85° marco da peregrinação pela vida e anotando o 65° aniversário de minha entrada ativa na mais gloriosa missão dada ao homem, faço algumas correções no meu manuscrito e acrescento uma linha aqui outra ali e dito também uma carta procurando um editor.. Enquanto espero pelo veredicto, sigo adiante, ainda a procura de horizontes fascinantes.

Quero aqui, com gratidão, reconhecer a valiosa ajuda de minha esposa, fiel e devotada companheira por quase meio século, por suas úteis sugestões; ao meu competente secretário Carlos Godinho; a minha sobrinha Esther Tucker pelo trabalho de datilografia; ao cunhado e cunhada Dr. John C. Granbery e Sra. May Granbery pelas necessárias correções e valiosas sugestões quando leram o manuscrito.

Devo às autoridades da Igreja e aos Gerentes e Secretários da Sociedade Bíblica Americana por me permitirem continuar no trabalho bíblico por quase 50 anos, a fazer viagens para o exterior e por me darem uma aposentadoria com uma generosa pensão, permitindo que eu tivesse tempo para escrever.

Casa da Bíblia

Rio de Janeiro

4 de Outubro de 1940.

REMINISCÊNCIAS- 50 ANOS NO BRASIL

OU

MEMORIAS DE HORIZONTES EM EXPANSAO

CAPITULO I

O destino determinou para mim uma pesada tarefa se é verdadeiro o ditado que uma criança nascida em um domingo deve ser "blith and bonnie" (jovial e encantador) e também quanto melhor o dia, melhor a ação, pois eu nasci, segundo dizem, numa tarde de domingo,em outubro de 1857. A casa era de uma só peça de madeira, com meio andar em cima e situada numa pequena elevação no condado de Williamson, no Estado de Tennessee. Uma cadeia de montanhas por trás e outra na frente, com cerca de trezentos metros de altura que, para meus olhos de criança, pareciam altos como uma torre que tocava o céu. Eu costumava imaginar o que estaria alem do horizonte e o que acontecia com as águas claras do pequeno riacho Beech Creek, que corria vale abaixo, onde nós pescávamos e nadávamos. Mais tarde, em aulas de geografia, aprendi que ele desaguava nos rios

Cumberland, Tennesssee e Mississipe, indo para o vasto oceano que eu vi pela primeira vez quando embarquei para a minha aventura no Brasil. Numa noite escura e chuvosa, olhando para fora de nossa cabana na encosta do morro, vi pela primeira vez o Jack-o-lantern (fogo fátuo) movendo-se ao longo das margens do pequeno riacho, perto da casa de um vizinho. Pensei que fosse um fazendeiro que estivesse cuidando de um animal doente no pasto. As explicações do estranho fenômeno, dadas pelos meus pais, foram significativas para mim, pois continuei imaginando de onde a luz vinha, onde ela podia estar escondida durante o dia e quando ela apareceria outra vez, pois eu continuava esperando por ela. A lembrança. daquela luz enfeitiçada freqüentemente parece uma parábola para mim e uma profecia do caminho por mim percorrido durante 63 anos,. pois eu tinha 19 anos quando deixei minha casa para ingressar na universidade, saindo daquela cabana entre os montes e para me aventurar no grande e misterioso mundo de horizontes sempre mutantes, de luzes lampejantes e de experiências enriquecedoras para a vida, através de cinco continentes, passando por mares pontilhados de ilhas.

Uma estrada publica passava ao longo da pequena fazenda de 45 ares, localizada perto do Pico Hillsboro, cerca de 17 quilômetros e meio ao sul de Nashville . Aquele lar humilde tornou-se uma verdadeira "Casa ao lado do caminho, onde passa a raça humana', e onde cada um da família de 18 pessoas foi ensinado a ser um amigo do homem. Com imaginação reverente eu contemplo aquele lar nas montanhas, onde pela primeira vez eu aprendi a balbuciar os nomes de meu pai e de minha mãe. Suas lembranças e associações foram uma rica herança de

valores morais crescentes, pela vida afora. A recordação e a influencia dos entes queridos, das cenas e experiências na pequena fazenda, têm sido uma alegria e uma inspiração nas labutas e nas viagens na vida por mais de três (three score) anos. Com certeza estas coisas têm, em grande parte, tornado a vida no que ela tem sido e é hoje para mim. Sinto pena daqueles a quem foi negada a benção de um verdadeiro lar, mesmo que tenha sido apenas uma cabana:

> "Mesmo que seja humilde
>
> Não há lugar como o lar."

As palavras não podem expressar o tamanho da dívida de amor e gratidão que devo aos meus devotados e santos pais. Uma tentativa de fidelidade ao dever, de bondade para com meu próximo e um desejo de fazer de meu lar uma benção para outros, foi a única maneira que eu encontrei para tentar retribuir este compromisso.

Nossos antepassados originados do condado de Amélia, na Virgínia, atravessaram os montes Alleghanys logo depois do nascimento de meu avô, em 19 de maio de 1805 e se estabeleceram nas vizinhanças de Murfreesboro a 64 quilômetros a sudeste de Nashville. Foi feita uma pesquisa publicada há poucos anos atrás, revelando que os Tuckers descendem de um certo Teucer, um rei de Tróia. Os primeiros descendentes apareceram na Inglaterra em 1066; um deles lutou sob as ordens de William, o Conquistador, e em 1079 foi agraciado com o brasão Tucker, com a inscrição "NIL DESPERANDUM" (

Nunca desespere). Seus descendentes vieram ainda mais para o Oeste das Bermudas e de lá mudaram-se para a Virgínia e outros para Massachussets.

Daniel Tucker foi nomeado Governador das Bermudas em 1616; registros mostram que ele ordenou que se fizesse um levantamento das terras e da partilha das mesmas, começando em cada extremidade da Ilha Maiu que tem a forma aproximada de uma foice. E ele tomou posse do centro da ilha, a parte mais fértil; e diz-se que assim foram lançadas as bases das posses dos Tucker nas Bermudas e na Virgínia. O nome Tucker aparece com proeminência na história da Virgínia e em outras partes dos Estados Unidos.

Minha mãe era descendente dos Bibbs, que segundo dizem, eram donos das terras onde foram construídas Brooklyn e New York. Na minha meninice o Senador Bibb procurou sem sucesso, recuperar a fortuna para os descendentes da família, baseado no fato que o direito de posse doado por 99 anos tinha expirado. Neste caso, "the best bib and ticker" não caiu em nosso quinhão.

Uma das mais antigas e vívidas lembranças de infância é da manhã em que meu pai deixou a casa para ir para a Guerra Entre os Estados, ocorrida entre 1861 e 1865. Nós, as crianças (cinco meninos, o mais velho com cerca de 8 anos e o mais moço com 1 ano e meio) despertamos cedo certa manhã e saímos de nossas camas baixas de rodinhas, como sempre, mas não foi com o costumeiro

sorriso doce que nossa mãe nos recebeu. Seu rosto estava triste; a voz quase sempre alegre do pai denotava tristeza. Ele estava indo embora, mas não para a cidade, de onde voltaria a tarde, como fazia duas ou três vezes por semana. Em lágrimas ele beijou os meninos e esposa e dando adeus, saiu de casa, montou no cavalo e cavalgou para a guerra, talvez por um longo tempo. Por que o pai não voltou naquele dia ou em breve? O que significava ir juntar-se ao exército? A duradoura impressão daquela triste experiência logo despertou minha afinidade com as crianças de todas as guerras que conheci desde então. Eu notei depois de pouco tempo que a mãe tinha mais trabalho a fazer do que antes de meu pai ir embora; ela saia para o jardim e para as compras, ensinando ao meu irmão mais velho como lavrar a terra,como plantar as sementes, como cuidar do jardim, a cuidar das aves bem como dos poucos cavalos, vacas e porcos da pequena fazenda. Meu avô e um rapaz negro, chamado John que tinha sido dado a ele, embora a gente não pensasse nele como um escravo, vinham às vezes para ajudar. Cada um da família tinha que fazer o que podia na casa, no estábulo e nos campos. Quando chegava o inverno e a mãe estava atarefada, depois do dia de trabalho com costura e tricô, nas longas noites de inverno, eu não podia naquele tempo, dizer porquê, mas lembro bem a minha decisão de não deixa-la sozinha ao pé do fogo, à noite. Eu levava minha pequena cadeira para perto dela e pousava minha cabeça em seu colo até que a tarefa programada para aquela noite tivesse acabado. Muitas vezes ela me disse: “vai para a cama meu menino, eu preciso terminar esta meia (ou outra peça de roupa, ou pregar tantos botões, ou costurar tantas bainhas) antes que eu vá dormir”, e eu sempre respondia “ Não mãe, vou ficar com você até que você for também”. Quando a tarefa terminava, eu me ajoelhava a

seus pés e dizia: “Agora me deito para dormir”. Ela se ajoelhava perto da cadeira por algum tempo em oração silenciosa, quase sempre chorando. Eu não podia entender tudo, mas sabia que ela estava triste por que o pai estava longe e ela não podia nos dizer quando ele estaria de volta. Quando chegou segundo inverno, nós os meninos estávamos aprendendo a tricotar, pois tínhamos que fazer meias, não só para nós mas para o pai e para os outros que estavam com ele no exército. Às vezes a mãe dava um determinado número de metros de lã para cada um e então nos apressava para ver quem acabaria primeiro.

Eu costumava ficar imaginando por que minha mãe lia a Bíblia com tanta freqüência e com tamanho prazer, especialmente os Salmos de Davi, algumas vezes com lágrimas de júbilo correndo pelo rosto. O desejo de saber o que havia naquele livro que tanto interessava minha mãe, aumentou quando cresci. Mais tarde, cheguei a saber, a coisa que eu desejava acima de tudo: era ter a minha própria Bíblia.

Uma experiência triste daqueles dias foi que Papai Noel não veio naquele Natal. Tivemos certeza que a guerra devia ser uma coisa terrível, já que não permitiu que Papai Noel trouxesse coisas boas para encher meias. Assim, as guerras obrigam as crianças a sofrer.

As lutas ao redor de Nashville causaram uma profunda impressão na mente e nos corações; nós ouvíamos o ruído das espingardas, o troar dos canhões e víamos a fumaça

subindo nos horizontes, à distância. Certa ocasião os soldados Federais acamparam perto de nossa casa, fizeram fogueiras à noite, serrando a madeira da cerca que circundava nosso pequeno pomar e levaram o último cavalo que tínhamos, deixando um que era velho e inútil em seu lugar. Nós queríamos saber por que eles faziam tais coisas, mas somente nos anos de amadurecimento, nós pudemos compreender por observação e experiência, os terríveis métodos da guerra.

Um dia, quando nós, crianças, tínhamos cortado algumas das maiores hastes de milho da temporada e fizemos os melhores cavalos de brinquedo que tínhamos visto, cavalgamos pelo quintal até ficarmos exaustos e então os alinhamos atrás da casa no celeiro imaginário, a fim de descansar e comer.Corremos para a frente da casa e vimos alguns soldados entrando pelo portão, vindos da estrada que passava por perto. O mais moço do grupo voltou-se e correu para o celeiro, gritando: "Os malditos yanquees vão pegar nossos cavalos". Naturalmente acharam muito divertido. Eles não sabiam que outros soldados tinham levado nosso único cavalo verdadeiro, deixando-nos praticamente desamparados neste aspecto.

Poucos quilômetros adiante de nossa pequena casa havia um grande parque, situado ao sul de Nashville, no qual se encontravam certos animais selvagens de propriedade do General Herding. O exército invasor derrubou o muro de pedras e ficamos um dia tremendamente excitados quando vimos vários búfalos e veados vagando num monte cerca de um quilômetro e meio de nossa casa.

Nós achamos que foi terrível terem os soldados queimado nossa cerca e terem levado nosso cavalo, mas já que tínhamos tido o prazer e a empolgação de ver estas bestas vivas pela primeira vez (só as tínhamos visto em livros, em figuras), o fato de haverem feito um buraco na cerca de pedras não nos pareceu tão ruim; e além disso o proprietário era tão rico; ele poderia recuperar seus animais ou comprar outros e poderia mandar consertar a cerca.

A cena de júbilo quando o Pai regressou da guerra causou uma impressão tão profunda em minha mente como a de sua partida. Foi ao cair da noite, eu me lembro, num dia chuvoso de julho. Seu irmão subiu a escada da varanda de nossa casa de um só compartimento; a minha Mãe exclamou: Olá Robert, é você? Ele respondeu: "aqui vem alguém que você verá com maior prazer do que a mim". Poucos minutos depois o pai, de muletas, surgiu da escuridão para os braços de minha mãe. Minha memória não relembra, através dos anos, uma cena de maior alegria.

Entre os poucos papéis que ele deixou quando morreu, em abril de 1892, eu guardo como uma relíquia sua. Sua dispensa "por estar completamente incapaz de executar qualquer dever de um soldado, por motivo de reumatismo que o tornou incapaz por quase 4 meses, e agora ele é incapaz de cuidar de si mesmo". O Pai, assim incapacitado para a guerra, daí em diante só podia dirigir o arado com dificuldade. O cavalo que restava estava velho e cansado. O cavalo, com o qual meu pai serviu no exército era o único animal para a agricultura. Era uma luta para a

sobrevivência; e todos os braços eram necessários para a fazenda; nós podíamos ir a escola somente por 4 meses, durante o inverno. Eu entrei para a escola aos 8 anos. Eram dados prêmios pelo meu professor em concursos de memória. O prêmio que me foi concedido foi minha primeira Bíblia, a única coisa acima de todas as outras, que eu mais desejava. Eu ainda a conservo como meu tesouro de maior valor. Ela tem a seguinte dedicatória: "Oferecida a H. C. Tucker por Robert Cotton no ano de 1866".

Eu estava fora no campo quando meu professor chegou em minha casa para perguntar o que e preferia: um lindo livro com o título A Gazeta ou uma Bíblia. Quando eu voltei à tardinha minha mãe me contou que ele havia dito que talvez eu preferisse o primeiro, e que ele iria à cidade no dia seguinte para comprar os prêmios que seriam ofertados. Eu fiquei muito desapontado e disse: "Mãe, você não sabia que eu preferia ter uma Bíblia a qualquer outra coisa no mundo"? Quando o pai chegou nós conversamos a respeito e pensamos no que poderia ser feito. Não havia telefone em 1866; a única maneira possível de encontrar meu professor e notifica-lo do meu desejo de ter uma Bíblia era levantar antes do dia amanhecer e andar mais de um quilômetro para estar no portão do pedágio onde ele tinha de passar de manhã cedo indo para a cidade a 19 quilômetros de distância para comprar a Bíblia. Pedi que um de meus irmãos mais velhos fosse comigo pois eu tinha medo de andar sozinho no escuro. Meu pai disse também que ia trabalhar cedo no campo e que nada havia a temer para me prejudicar; além disso, logo o dia ficaria claro antes que chegasse ao posto do pedágio. Minha mãe acordou-me em tempo: ela

precisou chamar-me só uma vez. Meu irmão mais moço foi comigo.

Tenho por inúmeras vezes, no correr dos anos, visto o dia nascer e o sol na terra e no mar, algumas vezes sob circunstâncias bem extraordinárias: no Corcovado no Rio, nos Andes na América do Sul, no Monte das Oliveiras em Jerusalém e em outros lugares, mas eu não senti nessas ocasiões maior alegria do que senti na manhã quando os primeiros raios de luz espantaram a escuridão e o sol surgiu, quando encontrei meu professor e lhe disse da minha preferência pela Bíblia. Voltei saltitante para casa, com o coração leve e pronto para um grande dia de trabalho no campo, mais do que qualquer um de meus irmãos.

A pequena Bíblia editada por J.B. Lippin Cott e Cia., em Filadélfia é de tipo extremamente pequeno- 12,5 x 7,5 cm.: com os Salmos de David em Matre. Ninguém com a atual arte de impressão e com os cuidados para proteção aos olhos, esperaria que uma criança lesse regularmente uma letra tão minúscula como esta sem uma lupa. Eu, felizmente, não tinha consciência da pressão sobre meus olhos e lembro que muitas vezes, depois do almoço, ao invés de fazer uma sesta, dormindo um pouco antes de voltar ao campo, eu caminhava pela varanda para ficar desperto, lendo meu pequeno tesouro.

Não era fora do comum naqueles dias de recuperação e reconstrução do pós guerra que todos estivessem em

campo trabalhando às 7 horas da manhã, parando para o almoço e depois trabalhando de 13:00 h. até cerca de 18:00 h., completando assim de 9 a 10 horas de trabalho por dia. Em geral estávamos tão cansados à noite, que nem mesmo a Bíblia podia ser lida com proveito. Mas lembro que de vez em quando, alguns sentados em cadeiras, outros no chão encostados na parede, outros até juntos com o pai e a mãe, cantávamos hinos e canções evangélicas. A música de nossa varanda aberta para as colinas e era ouvida e aparentemente apreciada por vizinhos que moravam abaixo no vale do riacho serpenteante. Oito das onze crianças nascidas naquela cabana alcançaram a maturidade. Os cinco que ainda permanecem, quando nos reunimos, como fazemos de vez em quando, ficam felizes em recordar as experiências daqueles belos tempos.

Meu pai, em seus esforços para tornar a vida rural mais interessante e também mais produtiva, para sustentar a nascente família, comprou umas poucas ovelhas para fazer uma experiência.

"O Senhor é meu pastor", palavras do Salmo 23 de David, que fala a respeito de ovelhas e pastores, e pequenas histórias que tinha lido ou ouvido, despertou meu interesse pelas ovelhas. A meu pedido meu pai me deu uma ovelha nova e fiquei muito emocionado quando ela deu a luz a gêmeas. Logo um dos cordeiros ficou doente e eu queria saber se meu pai podia fazer alguma cousa para curá-lo; mas ele não era um veterinário. Fiquei sozinho com o bichinho, acariciando a pequena criatura, notei a ansiedade da mãe dele e pensei se não haveria alguma

coisa que pudesse ser feita para salvar sua vida. Tinham me ensinado a orar e tinha tanta fé que deveria orar sobre tudo que tinha importância. Ajoelhei-me e disse a Deus que si ele salvasse a vida do cordeirinho eu o daria para Ele; quando ele crescesse eu venderia sua lã e daria todo o dinheiro para a igreja. O cordeirinho morreu. Fiquei desapontado, naturalmente.

Às vezes penso o que teria acontecido se eu tivesse dado o cordeiro forte e sadio para Deus, e imaginado que Ele curaria o doente para mim. Este incidente tem sido lembrado muitas vezes quando procuro saber o mais profundo significado e valor da verdadeira oração.

Meu avô era Superintendente da primeira Escola Dominical que eu freqüentei. A literatura fornecida para a classe era um pequeno catecismo e um livro azul que ensinava a soletrar.

Eu passei pela experiência com a conversão com a idade de 13 anos e fui admitido como membro da Igreja Johnson´s Chapel.

Eu sentia um prazer muito especial fazendo o trabalho de zelador e cuidando do prédio. Logo estava tomando parte ativa nas reuniões de oração. Eu não lembro quando senti o primeiro chamado sério para o ministério, mas quando ainda menino alguma visão de um horizonte distante me

levou a dizer à minha mãe que eu esperava ser um pastor algum dia.

Obtive licença da Quarterly Conference de Bethlehem and Johnson Clerge para pregar em 22 de janeiro de 1876. O presbítero na presidência era o Reverendo R. P. Ranson, nesta época vindo para o Brasil; ele chegou ao Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1876 e organizou definitivamente o Trabalho Missionário Metodista. Eu nem pensava que poderia seguir suas pegadas dez anos mais tarde. Minha primeira tentativa em pregar na igreja onde morava, foi para meus próprios parentes e amigos íntimos: o texto foi Mateus 21:28: "Filho, vai hoje trabalhar em meu vinhedo". Estaria pregando para mim mesmo. Os esforços mais bem sucedidos de meu ministério, por mais de meio século, foram aqueles em que o meu "eu" estava incluído entre meus ouvintes.

Matriculei-me no departamento preparatório Acadêmico e Teológico da Universidade Vanderbilt, em 1876 quando tinha quase 19 anos. Meu irmão mais velho, que dirigia uma pequena fazenda localizada a 9 quilômetros da Universidade ofereceu-me pensão gratuita, meu pai deu-me um cavalo para fazer a viagem de ida e volta diariamente. O Bispo Holland N. Pyeire, presidente da Junta de Administradores, tendo residência no campus, deu-me permissão para abrigar meu cavalo durante o dia, numa estrebaria atrás de sua casa.Usando de sua bondade e gratidão meu pai encheu uma carroça de milho de sua propriedade e fez dela um presente para o Bispo.

Tive a infelicidade de sofrer catarro na cabeça e olhos (sinusite?), contraída ao enfrentar o vento frio do norte, naqueles 18 quilômetros de viagens diárias a cavalo para a escola; tive de parar de estudar no fim da primeira metade do ano e fui trabalhar numa fazenda produtora de laticínios e obtive, através de conhecidos do colégio, os melhores fregueses em pensões e famílias de professores. Havia 22 vacas na leiteria; um rapaz e eu ordenhávamos as vacas duas vezes por dia, sendo cada um de nós, responsável por 11 vacas; vendíamos o leite e a manteiga; alimentávamos e cuidávamos das vacas.

Retornei à Universidade no outono de "77" e então no início de meu último ano, "79", encontrei-me numa situação financeira bem difícil. Meu pai podia oferecer somente uma pequena ajuda e minha aventura para as férias foi vender Bíblias para a Sociedade Bíblica, como já relatado, que me trazia poucos dólares. Todo o fundo disponível naquele ano, na mãos do Tesoureiro do Fundo de Empréstimo para ajuda a estudantes pobres, através do Departamento Bíblico, já tinha sido distribuído quando fiz meu pedido. Havia promessas extraordinárias; se eu estivesse pronto para ir procurá-las, um empréstimo seria feito com os lucros obtidos. Pela primeira vez na vida, com a idade de 21 anos, tomei um trem de Nashville para Franklin, a 13 quilômetros de distancia, com notas e endereços de pessoas a quem não conhecia.. A sensação era empolgante, sem dúvida, mas foi dobrada em graus na viagem de volta, pois tinha 50 dólares em meu bolso para apresentar ao Tesoureiro e promessas de mais 100.

Na metade do ano, achei necessário procurar fundos para mudar de Wesley Hall, o internato dos estudantes de Teologia. Combinei com a diretora fazer só uma refeição por dia; meu pai arranjou que eu dividisse com um jovem dono de uma mercearia um quarto sobre sua loja. Minhas refeições durante o resto do ano escolar eram leite e pão pela manhã, um nutritivo almoço em Wesley Hall, (a diretora conseguia pouco lucro desse arranjo) e queijo e bolachas no jantar.

No dia seguinte à formatura, meu pai veio à cidade, vendeu seu lote de lenha e levou a mim e a minha mala para a casa na colina. Além disso, eu tinha um pergaminho chamado diploma. Como agora eu vejo não representa muito num sentido escolástico, uma dívida de 150 dólares emprestados pelo Fundo de Empréstimo e uma única moeda de um centavo.Até hoje eu posso sentir com minha imaginação aquela moeda em meu bolso. Somente uma vez nos 60 anos que passaram tive uma dívida que não pudesse pagar no fim do mês, quando chegavam as contas. Terminei de pagar a minha dívida com a escola depois que vim para o Brasil. Meu diploma, datado de maio de 1879, ostenta a fotografia do Comodoro Vanderbilt, fundador da Universidade; os nomes da Junta de Administração, H.N. Mctyeire, Presidente; Robt. Al Young, tesoureiro; O Summers, Deão e Professor de Teologia Sistemática; A. M. Shipp, professor de Teologia Exegética; J. C. Ganbery, professor de Teologia Prática; T. J. Dodd, professor de Hebraico e de História Eclesiástica. O premio conquistado no concurso de memorização na minha primeira escola colocou-me na direção errada para obter uma educação ou para desenvolver poderes de raciocínio mental. Vi-me na

Universidade lutando desencorajado para decorar lições em matemática, latim, grego e outras matérias, quando para minha surpresa e momentânea tristeza, descobri pela primeira vez que o objetivo do treinamento escolar deve ser aprender a pensar, a racionalizar e a investigar, não simplesmente decorar. As perspectivas eram sombrias e melancólicas para mim. O senso de fracasso era tão deprimente que eu estava prestes a fazer minha mala e voltar para a pequena fazenda entre as colinas; e talvez tivesse feito isso ao fora o conselho bondoso e útil de um velho professor, Dr. A. A. Lipscomb, que fazia palestras dobre "As Leis do Pensamento." Posso lembrar hoje, seus longos cabelos brancos caindo sobre os ombros, sua mão pousada em meu ombro, enquanto eu lhe contava sobre minha triste descoberta, e ele dizendo com sua voz gentil: "Filho, venha caminhar comigo e eu te direi uma coisa."Nós saímos a caminhar juntos por sob as árvores no campus da Universidade Vanderbilt e ele contou-me seu segredo.

Eu deveria ler com muita atenção um parágrafo de algum livro ou publicação antes de deitar e então a primeira coisa ao fazer ao despertar seria lembrar do conteúdo essencial do parágrafo não fazendo nenhum esforço para decorar as palavras exatas. Depois de seguir diligentemente este plano por duas semanas as nuvens começaram a desaparecer e havia luz no horizonte. Cheio de gratidão pelo meu querido professor, continuei a fazer isso por meses e freqüentemente a repito por anos afora.

O incidente provocou uma certa intimidade entre o professor e o aluno. Ele começou a pedir que eu fizesse

pequenos favores e eu tinha grande prazer em fazer o que pudesse para ajuda-lo, especialmente levando seus manuscritos para o editor e trazendo as provas. Isto se tornou o melhor momento em todas as minhas experiências e esforços para obter educação. Tenho sentido aquela mão e ouvido aquela voz ao longo da jornada de cerca de 3 décadas.

Fui para a Universidade com o propósito de preparar-me para o ministério cristão. Desde a meninice a inclinação para o ministério tinha sido estimulada. Agora a visão dos deveres e privilégios estava se tornando mais clara. Outrossim, a tentação de ficar em casa com o grupo social que conhecia estava ficando mais forte, embora isto tenha seguido uma linha de menos resistência em evitar as implicações de responsabilidade pessoal e de incertezas, e, naturalmente de negar a mim mesmo a sensação de aventuras heróicas.

Nesta luta eu procurei a orientação divina com a seriedade e senso de carência nunca antes sentidas por mim. Tive uma visão de um veado ágil e reluzente passando com uma fita ao redor do pescoço na qual estava escrita uma mensagem. Ao mesmo tempo, numa série de reuniões de reavivamento que eu estava assistindo, um jovem me disse: “você me levou a Cristo”. A decisão foi imediata e definitiva; logo afirmei para a Igreja e para os líderes missionários que eu estava pronto para o trabalho em qualquer parte do mundo onde eu fosse necessário.

Parecia não haver qualquer possibilidade de prosseguir meus estudos na Universidade, de maneira que precisei tomar medidas para entrar no ministério ativo. Precisava de um pouco de dinheiro para roupas e viajar no outono para requerer admissão ou prova para entrar na Conferência Anual. Esforços para conseguir ensinar numa escola de verão não deram resultado. Os fazendeiros estavam procurando mão de obra para colher o trigo dourado de seus campos. Eu estava desesperadamente necessitado; pedi um ancinho e, talvez imprudentemente, a uma hora da manhã, num dia quente de verão, juntei-me a um grupo de trabalhadores calejados até o por do sol. Eu não trabalhara no campo por cerca de 3 anos. Na manhã seguinte foi preciso meia hora de massagens para acabar com o endurecimento dos meus músculos, mas, para surpresa de todos, eu estava pronto e no local para continuar a colheita. Trabalhando durante a estação de colheita, a um dólar e meio por dia, eu consegui o dinheiro para a Conferência Anual Metodista, e além disso, a experiência foi boa para mim na época, e tem sido uma benção pois entrei em muitos outros amplos campos de trabalho.

Nas férias de verão de 1878 tive minha primeira experiência na venda d Bíblias para a Sociedade Bíblica Americana. Foi uma grande benção e talvez tenha influenciado minha decisão, anos mais tarde, quando me ofereceram a Agência da Sociedade no Brasil. fui recebido, como experiência na conexão da viagem para a Conferência Anual da Igreja Episcopal Metodista do Tennessee em Murfreeboro, em outubro de 1879, sob a presidência do bispo David S. Dogget. Três incidentes na vida estão associados com esta cidade calma e bela numa

área de grama azul de Tennessee: O lar de meus antepassados, a batalha sangrenta em janeiro de 1993, que custou as vidas de 13.000 homens do Exército do Norte e 13.000 do Exército do Sul e minha admissão no ministério ativo do Evangelho. Fui ordenado como diácono pelo Bispo Robert Taine em Pulaski, em outubro de 1880 e presbítero pelo Bispo George F. Pierce em Shelbyville em 21 de outubro de 1883.

Durante os primeiros três anos no ministério eu viajava freqüentemente a cavalo e evidentemente precisava de hospedagem. Eu apreciava a hospitalidade das pessoas, e gostava de ficar em suas casas e aprendi muitas lições valiosas em contatos e associações que me ajudavam na formação do curso de minha vida e me serviam com vantagem em muitas ocasiões.

No meu segundo ano tive minha primeira experiência na escola de treinamento para pregação. Vários meses antes de a Junta Escolar conseguir um assistente, eu tentava ensinar uns 18 alunos principiantes, incluindo rapazes e moças, que faziam cursos mais avançados, incluindo latim e álgebra. A escola, que funcionava numa única sala, superlotada, começava às 8:00 h. da manhã e fechava ás 17:00 h. com pequenos intervalos, tanto de manhã com à tarde e um mais longo ao meio dia. A direção da escola contratou mais tarde, como meu assistente, meu irmão mais moço que tinha sido meu protetor, naquela manhã cedo, na tentativa de conseguir a Bíblia.

Como conselheiro e membro de juntas escolares, anos mais tarde, nunca me senti orgulhoso do tipo de ensino, do ponto de vista pedagógico, dado àquelas crianças.

Durante meu pastorado na Igreja de Park Avenue, em Nashville, entrei em contato com a Universidade Fisk, localizada por perto; alguns dos professores brancos ocasionalmente vinham à minha igreja. Eu conheci e ouvi alguns dos primeiros Jubilee Singers, especialmente na sua primeira apresentação em público em Nashville, quando regressaram da viagem triunfal ao exterior, onde, como relataram, cantaram perante sete das cabeças coroadas da Europa. Um deles, me lembro, fez um relato vívido e sem par da viagem marítima , dos ventos, das ondas imensas e de seu navio balouçante; e justamente neste momento, o excelente baixo-cantor do grupo veio a frente da plataforma e cantou como só ele podia "Embalado no Berço do Veado". A enorme audiência ficou quase fora de controle, de tanta emoção.

A parte industrial da cidade, em crescente progresso, em que minha igreja estava localizada, com a Universidade Fisk para negros, nos arredores, propiciou um campo favorável para observações e estudos de problemas sociais e raciais nos quais eu estava me interessando.

Tendo que deixar aquela situação e vir para o Brasil, onde escravos negros ainda existiam, passarei a narrar sobre este tema.

CAPITULO II

HORIZONTES DISTANTES

Ao final de um dia luminoso e cheio de trabalho, em 1886, eu estava descansando no quintal de minha casa pastoral no Sun Line, em Nashville, quando o Presidente da Junta da Igreja de Park Avenue chegou e me cumprimentou "Você soube de seu destino?", perguntou ele? Eu de nada sabia. Mas o presidente tinha pedido ao oficial para convocar uma reunião da Junta, fechar as contas até aquela data e se preparar para receber um novo pastor. Eu estava indo para o Brasil.

No início de minha carreira ministerial eu tinha expressado boa vontade para ir para qualquer parte do mundo para pregar o Evangelho. No começo de maio, o tesoureiro da Junta de Missões tinha me lembrado da promessa. Ele tinha recebido um pedido da colônia americana no Rio de Janeiro para que enviassem

um pastor jovem para organizar e servir uma Igreja Metodista de língua inglesa e ele era de opinião que eu preenchia as especificações apresentadas. Cinqüenta anos depois a carta original chegou às minhas mãos e eu descobri naquela data tardia que as especificações incluíam "as qualidades essenciais de um bom pregador e pastor em relação com uma boa medida de prudência e discrição, mas, sobretudo precisava ser um pastor com coragem moral para lutar, mesmo as custas da popularidade, com os males que prevaleciam naquela época.

Contra uma carreira missionária eu podia alegar apenas dois empecilhos: minha dívida com a fundo de empréstimo da universidade e uma obrigação com a educação de minha única irmã, mas uma vez que o pedido do Brasil trazia as assinaturas de pessoas responsáveis, com o Ministro e o Cônsul Geral dos Estados Unidos eu estou certo que o pastorado no Rio de Janeiro me faria capaz de saldar minhas dívidas prontamente quando chegassem as cobranças que receberia na Conferência do Tennessee. E agora a convocação tinha chegado.

Eu preciso me antecipar neste ponto e mencionar que eu pude pagar minha dívida e ajudar minha irmã. Isto provou ser o melhor investimento que fiz. Minha irmã tornou-se esposa de um pregador, mãe com filhos, uma líder em assuntos eclesiásticos e missionários numa escola do governo e presidente do Conselho Missionário Feminino da Igreja Metodista Episcopal, no Sul Em reconhecimento pelo seu inestimável trabalho, as mulheres metodistas, em 1940, estabeleceram e doaram no Scarritt College. a cadeira Clara Tucker de Vida e Pensamento Cristão.

As duas semanas depois de minha nomeação para o Brasil, foram dias de muita atividade, entusiasmo contido e uma seria preocupação para o pastora do interior prestes a embarcar numa grande aventura. Um missionário que partia, era naquela época, alvo de interesse, mesmo em Nashville, o centro administrativo do Metodismo sulista. Meu pai, minha mãe e avô vieram do interior. Houve uma festa de despedida, um sermão e um culto na Igreja Mackendree presidida pelo notável Cel E. W. Cole, assistido pelos bispos e o clero da cidade. Em minhas viagens por terra e mar por mais de meio século, tenho levado comigo o que o jornal Christian Advocate chamou um “valioso relógio de ouro”, com a inscrição “Ao Rev. H.C. Tucker, de suas amigas da Igreja de Park Avenue, maio de 1886.” A omissão da palavra “Sul” foi causada por falta de espaço, mas nem por isso menos profética a respeito da Uniting Conference que eu veria, quando as designações geográficas foram para sempre eliminadas do nome Metodista.

Em 4 de junho de 1886 pela primeira vez em minha vida atravessei as fronteiras de meu estado. Tomei um trem em Louiville com o Bispo John Granbery que fazia uma visita episcopal ao Brasil, acompanhado por sua filha Ella e duas amigas.. Viajamos passando por Richmond, onde eu preguei na Centenary Church, onde foi previsto que se formaria um romance entre os jovens viajante. Eu, precipitadamente garanti que isso não era possivel, mas em julho de 1891 a Srta. Ella Granbery tornou-se minha esposa numa cerimônia presidida pelo Embaixador dos Estados Unidos, no Rio. E assim caminhamos unidos por todos os passos da jornada missionária.

Nós partimos de Newport News em 8 de junho de 1886 no S.S. Advance da Companhia Mail SS dos Estados Unidos e do Brasil. Os Estados Unidos e a B.M. S.S.C., como jocosamente se mencionava, significava Companhia de Navegação Extraordinariamente Vagarosa e Mal Administrada,mas durante os primeiros anos de meu envolvimento com a companhia, os navios eram confortáveis e administrados por capitães e uma tripulação cortês e eficiente.. Os anos que se passaram não apagaram de minha mente a profunda emoção feita pelas luzes e praias que sumiam naquela noite. Nunca vira antes um tal espetáculo. Na manhã seguinte fiquei no deque (convés) e vislumbrei pela primeira vez a glória das profundezas, sentindo reverência pelo mar azul sob um céu sem nuvens e então corri para a amurada e fiz minha primeira mas não a última contribuição ás águas claras!

No seu devido tempo o navio chegou a S. Thomas uma excelente baía Landlocked cercada em três lados por

montanhas altas.A cidade de Charllote Amélia, com uma população de um pouco mais de mil almas, desgarrava-se sobre três contrafortes de montanha para baixo da beira d' água as torres conhecidas como o Castelo Bluebeards (ou Blackbeards) ficam conspicuamente na montanha. O todo combinava, formando uma cena pitoresca. A aproximação de Barbados era menos impressionante: sendo a ilha achatada, sem uma baía natural, nosso navio ancorou na road stead da Baía Carlisle. Descemos à terra em Bridgetown e passeamos pelo empoeirado edifício do Congresso Estadual. Os habitantes, um tanto estranhos, se interessaram por nós e nós e disseram que havia lá mais pessoas por milha quadrada do que em qualquer outra parte do mundo. O responsável pelo Palácio do Governo, chamado "Peregrino" nos assegurou que ele tinha tudo pronto para receber a rainha Vitória. A rainha já tinha ocupado a mansão? – Não, ela virá e está sendo esperada a qualquer momento!

Entre Barbados e o Pará eu atravessei o Equador pela primeira vez. Na devida e solene forma, o velho Netuno encontrou o navio e introduziu os passageiros nos seus domínios.

A duzentas milhas do Pará, minha atenção foi chamada para a mudança das águas do mar coloridas pelo poderoso Amazonas. Na meninice eu tinha lido sobre este grande rio e agora as águas barrentas e a selva ao longo da costa apresentavam uma cena muito parecida com a que eu imaginara. Subimos 128 quilômetros rio acima num braço do raio e chegamos a Belém, capital da Província do Pará e único porto de entrada para a vasta

região amazônica. A linguagem do naturalista Walter Bates, descreve adequadamente a cena como eu a vi pela primeira vez:"A aparição da cidade ao nascer do sol era agradável no mais alto grau; os edifícios brancos cobertos de telhas vermelhas, as numerosas torres e cúpolas das igrejas e conventos, as coroas das palmeiras empinadas sobre os edifícios, tudo claramente delineado contra o azul claro do céu, dava um aspecto de leveza e de contentamento que é extremamente agradável."

Quando lançamos âncoras em Belém, nosso navio foi abordado por um pequeno exército de oficiais médicos, alfandegários e polícia, cada um com vários assistentes; e eles efetuaram suas rotinas de inspeção. Eu nunca antes tinha visto uma tal demonstração de oficialismo e fiquei muito impressionado e supuz que tudo fizesse parte da monarquia.O mesmo desempenho foi repetido em outros portos onde paramos com o número de pessoas exigido para nos dar permissão para deixar o navio até que a cerimônia alcançou um clímax primoroso no Rio de Janeiro.

Entre nossos passageiros havia dois jovens brasileiros que voltavam a Belém, vindos dos Estados Unidos. Seus parentes e amigos foram os primeiros a chegar ao navio, e eu testemunhei com espanto os apertos de mão, abraços e tapinhas nas costas e beijos nas faces, que fazem parte da etiqueta brasileira. Por mais de meio século eu tenho me deleitado e praticado estas cerimônias, apreciando o espírito de cortesia e amizade que os inspiravam, mas não estava preparado para efusão tão calorosa em 1886.

De Belém partimos para o Sul, ao redor da famosa protuberância, que iria se ornar tão importante em 1942. Eu nunca tinha ouvido falar em Dakar e meus conhecimentos geográficos não incluíam o fato de que fora de Recife estava na realidade mais perto da África do que de New York. Nosso navio atracou em São Luiz, capital do Maranhão, Recife, em Pernambuco e Salvador na Baía. E então, numa tarde de um domingo escuro e chuvoso em 4 de julho de 1886, passamos entre a montanha Pão de Açúcar e o forte de Santa Cruz, adentrando a famosa, arrebatadora e bela baia de Guanabara no Rio de Janeiro.

A entrada para esta baía, naturalmente protegida, tem cerca de quilômetro e meio de largura. Sua área tem cerca de 48 quilômetros quadrados e é uma das mais seguras e mais atraentes baias do mundo. "A baía do Rio de Janeiro", escreveu um amigo na época, "é um mar de verão em miniatura, adormecido dentro do âmbito de cadeias de montanha sobre cujo seio descansam cerca de cem ilhas de fadas e ao redor de cujas costas ondulam cerca de cem pequenas baías. Desde o início tem sido chamada de Guanabara, uma palavra dos índios que os escritores declaram que significa o estuário de um grande rio.

Descobri muitas opiniões a respeito da história da região mas autoridades de confiança indicam que o primeiro a entrar na baía foi o navegador português André Gonçalves. Ele navegou naquelas águas em janeiro

de 1602 e, pensando que tinha descoberto a boca de um grande rio, deu-lhe o nome de Rio de Janeiro.

Não há evidências de que Gonçalves tentou fundar uma colônia. Os primeiros colonos foram franceses. As embarcações sob o comando de Nicholas Durand de Villegaignon trouxeram uma colônia de huguenotes, protestantes franceses, em 15 de novembro de1555, Eles se estabeleceram numa ilha na baía e deram a ela o nome Villegainon que é conservado até hoje. A colônia prosperou até quando os portugueses resolveram expulsar os intrusos franceses do território que coube a Portugal pela famosa decisão do papa Alexandre VI (Tratado de Tordesilhas). Uma sangrenta e demorada luta terminou com sucesso para os portugueses, sob o comando de Estácio de Sá. Ele organizou e fortificou a colônia de Vila Velha ao pé do Pão de Açúcar, mais tarde elevando-a a categoria de cidade, com o nome de São Sebastião, em homenagem ao rei de Portugal. Pressionado pelos franceses, Estácio foi substituído por seu tio Mem de Sá, governador da Bahia, que derrotou os huguenotes em 20 de janeiro de 1567, o dia em que se festejava o patrono da cidade, são Sebastião, o Mártir. Estácio foi ferido no rosto por uma flecha envenenada atirada pelos índios e morreu um mês mais tarde. Mem de Sá mudou a colônia para o Morro do Castelo e o nome da baía foi acrescentada a seu título, tornando-a São Sebastião do Rio de Janeiro. Administradores posteriores acrescentaram a honrosa designação de “Muito Leal e Heróica Cidade”.

As comemorações religiosas ocorrem anualmente em 29 de janeiro: durante muitos anos era costume carregar-se a imagem a imagem de São Sebastião, oito dias mais tarde, através das ruas desde a Capela Imperial para sua própria igreja no Morro do Castelo onde repousavam as cinzas de Estácio de Sá. Quando o morro foi levado para a baía por força hidráulica e a igreja demolida, a imagem foi removida para a catedral; as cinzas do fundador, com uma lápide marcando a data da origem da cidade, foram guardadas para serem depositadas sob um monumento a ser erguido no centro da Esplanada do Castelo, diretamente sob o lugar que originalmente ocupavam no topo do morro.

As sensações experimentadas pelas jovens criadas no interior, quando o navio entrou nesta nobre baía nunca se apagaram da memória. Não havia cais para a atracação. Nosso navio ancorou no riacho acima de Villegainon. Umas poucas barcas a vapor e numerosos barcos a remo vieram nos buscar; as lanchas traziam as bandeiras do Brasil Imperial e eu julguei que festejavam o 4 de julho! Subiu a bordo um exército de oficiais inspetores e a vistoria foi iniciada; o navio, a tripulação e os passageiros foram colocados sob controle marítimo e alfandegário, e nós tivemos permissão para desembarcar. E não tinha passaporte; estranhos não suspeitos de serem malfeitores não eram obrigados a mostrar tais documentos. Meu primeiro passaporte foi despachado pelo ilustre Thomas J. Jargis, encarregado de negócios diplomáticos e ministro plenipotenciário para o Império do Brasil, em 18 de janeiro de 1888, quando eu planejava longas viagens para o interior.

A pedido do ministro o Bispo protestante e seus subordinados foram dispensados das costumeiras inspeções e receberam permissão para sair do navio imediatamente e uma lancha especial, que eram poucas naquela ocasião, foi providenciada para nos levar à terra. Pus meus pés pela primeira vez no Rio no Cais Pharoux na Praça D. Pedro II, hoje Praça 15 de Novembro. Ante de nós estava o melhor Palácio Imperial, completado em 1743 e ocupado pelos governantes reais até a chegada de D. João VI e a família real portuguesa em 1808. Demonstrou ser muito pequena para a Corte Imperial e os Padres Carmelitas cederam o convento do outro lado da rua, que era ligado com o Palácio por uma ponte coberta anexada sob a qual passamos. A ponte existiu até a queda da monarquia em 1889. O velho convento conforme nos disseram, foi por muitos anos a residência de D. Maria I, de Portugal e era ligada com a capela imperial por uma leve ponte de ferro coberta, se estendendo até a rua 7 de Setembro. O Imperador D. João VI mudou-se pra uma bela residência em São Cristóvão, presenteada a ele pelo negociante Elias Antônio Lopes, mas durante o reinado de 48anos de D. Pedro II, de 18 de julho de1841 a 15 de novembro de 1889, o velho palácio da cidade foi usado para recepções da corte em feriados e aberta aos visitantes no dia de Corpus Christi, quando a coroa real e as jóias eram mostradas.

A Capela Imperial foi iniciada pelos Carmelitas em 1761, no local do velho convento e foi escolhida como catedral por D. João em 18 de junho de 1808. Em anos recentes foi aumentada com a inclusão da velha e histórica

Igreja do Carmo, iniciada em 1755 e terminada em 1770. Uma grande imagem da Virgem Maria agora encima a torre da catedral.

Seguimos, ao desembarcar, em velhas carruagens puxadas por pequenas mulas, por ruas estreitas e mal pavimentadas com pedras e mal iluminadas por lampiões a gás. Atravessando-se a rua encontrava-se a Câmara dos Deputados em velho edifício que, em anos passados tinha sido uma prefeitura e o xadrez. No mesmo terreno hoje fica a imponente nova Câmara Federal de Deputados, completada em 1926, que tem sido utilizada pelo Departamento Brasileiro de Publicidade e Propaganda, já que o Governo Executivo fechou o Congresso e aboliu a constituição em 1936.

Nosso grupo separou-se. O Bispo e outros foram recebidos numa casa missionária, enquanto eu fui para o Hotel Carson no Catete, na rua Correia Dutra. Nunca tinha estado em um hotel antes e o casal que falava inglês e era proprietário do hotel, foi um grande auxílio para mim.

Agora eu estava bem instalado na Capital Imperial do Brasil. A cidade tinha uma população com mais de 350.000 pessoas. Disseram-me que os habitantes eram chamados cariocas, termo tirado de duas palavras indígenas que significavam "casa do homem branco". Anos mais tarde, quando a população tinha aumentado para meio milhão, os estrangeiros eram 125.000; três

quintos das pessoas eram brancas, um quinto era negra e as outras eram índios ou mistos. No Rio de Janeiro, quase metade da população era analfabeta e no Brasil, como um todo o recenseamento revelou que numa população de 14.330.000, somente 2.120.000 sabiam ler.

O Rio em 1886 oferecia pouca semelhança com a magnífica cidade de hoje em dia. As ruas eram estreitas, mal pavimentadas, pouco iluminadas e eram sujas. O transporte era feito por tílburi, pequenas carruagens puxadas por mulas com lugar para um só passageiro, além do condutor. Havia 5 linhas principais de carros com ramais que terminavam na intercessão das ruas Gonçalves Dias, rua Uruguaiana e rua do Ouvidor; havia outras no Largo de São Francisco de Paula, Largo do Paço (agora Praça Quinze de Novembro) e na Lapa e Santa Tereza, ligadas por plano inclinado à rua Riachuelo.

Durante os 50 anos em que tenho vivido no Rio de Janeiro, tenho presenciado a transformação da cidade em uma metrópole que é conhecida em toda a parte por sua magnificência. Algumas coisas não mudaram: ainda permanecem o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Gávea, Santa Tereza, a Serra dos Órgãos, as ilhas da baía de Guanabara.

O Pico do Corcovado, elevando-se como uma torre a 776 metros acima do nível do mar, podia então ser alcançado por uma caminhada de 8 horas embora o sistema de trens sobre trilhos da Cia. Riggenback que

chegaria a um ponto perto do cume fosse iniciada em 1885; agora um bonde elétrico confortável leva os passageiros ao pé da estátua de Cristo que lá foi colocada. O Pão de Açúcar, com 440 metros de altura é alcançado por um bonde puxado a cabo. Ao redor de sua base um grande bairro residencial se desenvolveu. A ilha de Villegagnon está agora coberta pela nova Escola Naval e em outras estão localizadas as docas, armazéns e outras empresas de serviço da indústria de navegação. O Morro do Senado foi retirado para preencher uma ampla extensão de cerca de 4 quilômetros ligando o cais moderno à terra. O entulho resultante do desmonte do Morro do Castelo estava servindo de aterro de parte da baía a fim de estender a Ponta do Calabouço até Villegagnon, empurrando o mar para formar uma área frente ao hospital Casa da Misericórdia e providenciando espaço para o que está rapidamente se tornando um dos maiores aeroportos do mundo. A Avenida Beira Mar, o Jardim de Botafogo, o Túnel Novo, as Avenidas Atlântica e Niemeyer, a zona residencial de Copacabana e desenvolvimento da Gávea nem teriam sido imaginados 50 anos atrás. As avenidas Rio Branco, Mem de Sá, Senhor dos Passos e outras não eram nem sugeridas nos mapas da cidade.

Na tarde de nossa chegada houve um culto de boas vindas para o Bispo e seus acompanhantes na capela do Catete. Esta foi a primeira casa de cultos construída pela Igreja Metodista no Brasil e foi inaugurada em setembro de 1882. Duas congregações prestavam culto na capela: a igreja brasileira, de língua portuguesa com 42 membros e a congregação de pessoas de língua inglesa, com 39 almas que ele viera para servir . Entre os presentes ao culto de

boas vindas estavam o Embaixador Americano o Hon. Thomas J. Jarvis e sua esposa, que tinham sido casados pelo bispo Granbery. O Cônsul Geral do México, Sr. Felipe dos Santos, também estava presente; ele demonstrou surpresa pela ausência da bandeira americana, pois ele pensava que seria uma comemoração do 4 de julho. Este cavalheiro tornou-se um dos calorosos amigos pessoais e em certas ocasiões assistia aos cultos em inglês na igreja. Sua filha era casada com o tenente Alexandrino de Alencar, que tomou parte na revolta naval de 1897 e serviu como Secretário da Marinha sob a s ordens de dois presidentes da República.

Eu tinha vindo afim de organizar e servir uma Igreja Metodista de língua inglesa no Brasil. Em 1835 o primeiro metodista, Ver. Fountain E. Pitts, também do Tennessee, havia estado no país mas fez pouco mais do que uma viagem de inspeção e deu um relatório favorável. Um ano mais tarde foram enviadas outras pessoas: Ver. Daniel P. Kidder, Rev. Justin Spaulding e Mr. R. McMurdy: estes passaram 5 anos mas não estabeleceram nenhum trabalho permanente. Dizia-se de Mr. Kidder que “ o que ele não sabia sobre o Brasil não era digno de ser sabido”, e ele escreveu um livro sobre o Brasil que foi publicado quase um século depois por uma douta sociedade. Ele deixou o Brasil quando sua jovem esposa faleceu e em anos mais recentes eu descobri seu túmulo abandonado no velho cemitério dos Ingleses no Rio, e angariei o auxílio de outros americanos para erigir um monumento mais condigno em sua memória.

Estes primeiros grupos não obtiveram resultados permanentes mas o Metodismo estabeleceu-se no Brasil

de uma maneira interessante. Durante a "era trágica" de reconstrução que seguiu à Guerra Civil, muitas pessoas dos Estados do Sul resolveram deixar sua terra nativa pois não queriam viver entre "aventureiros políticos e mandriões". Muitos desses emigraram para o Brasil. Um desses grupos fundou uma pequena cidade conhecida como Vila Americana, no Estado de São Paulo. Entre estes colonos estava um pastor metodista, o Rev. J. E. Newman, que tinha sido informal e não oficialmente reconhecido como missionário pelo Bispo W. W. Wightman antes de deixar os Estados Unidos.Mr. Newman começou a pregar para os emigrados e mais tarde erigiu uma igreja, sendo que a sua sucessora ainda existe perto de Americana. Sua filha abriu uma pequena escola na cidade vizinha de Piracicaba, onde hoje está situado o Colégio Piracicabano, uma das instituições proeminentes da educação no Brasil.

Mr. Newman tanto importunou a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal, no sul em 1876, que ela finalmente enviou seu primeiro missionário regularmente nomeado para o Brasil na pessoa do Rev. John T. Ranson, que foi o responsável pela organização da Igreja Metodista no Rio.

Eu encontrei um grupo de pessoas que falavam inglês, cerca de 100, todos americanos. Entre eles estavam o embaixador dos Estados Unidos, Thomas J. D. Jarvis e sua esposa da Carolina do Norte, o Cônsul Geral dos Estados Unidos, H. Clay Armstrong e sua família de Alabama, um dentista, C. D. Rambo, sua esposa e um irmão da Geórgia.

Estes eram todos membros da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos. O Sr. e Sra. Longstreth eram Quaker da Filadélfia. Havia presbiterianos da Escócia e Metodistas Wesleyanos da Inglaterra. havia também uns poucos brasileiros e alguns negros de Barbados. Era evidente que meu ministério sobrepujaria fronteiras eclesiásticas, nacionais e raciais.

Fui informado de que meu salário seria de 3 contos de reis (cerca de $ 1.000) por ano e teria duas refeições por dia com famílias da congregação. Porém o mil réis estava em alta e a quantia era suficiente para minhas necessidades. Consegui um quarto com café da manhã por 35 mil reis por mês (cerca de $ 12,50). Dois amigos me deram uma escrivaninha que usei por mais de 50 anos e sobre a qual estas notas foram escritas e comprei uma cadeira por 25 mil reis que também está ainda sendo usada. Minhas necessidades eram simples e as despesas baixas. Por 100 réis (cerca de 2 cents) eu podia comprar café, um jornal e podia engraxar os sapatos. O preço da passagem de bonde era 100 réis por zona, uma distância de cerca de 3 quilômetros, e em alguns casos abrangia a distância completa da linha.. Esses preços duplicaram em 50 anos, mais ainda são os preços mais baratos de transporte que conheço.

Logo deparei com a questão do meu direito legal para realizar batismos e casamentos. A Igreja Católica Romana era a religião oficial do Estado e os documentos da igreja eram usados como documentos oficiais.

Seguindo o conselho de um distinto amigo advogado, eu obtive do Cônsul Geral dos Estados Unidos um certificado atestando a assinatura e as relações oficiais do Bispo George P. Pierce, cujo nome estava assinado no certificado de meus encargos. Os documentos foram devidamente traduzidos e registrados e assim obtive autorização legal para realizar batizados, casamentos e outros atos oficiais que no Brasil eram da responsabilidade do clero.

Agora eu estava propriamente lançado no meu ministério missionário. Eu estudava a língua portuguesa e a história do país, pregando em inglês para a pequena congregação que se reunia regularmente na capela do Catete. Era uma igreja Metodista até 1914 quando com a aprovação da congregação e das autoridades eclesiásticas, foi estabelecida a Union Church do Rio de Janeiro. A congregação agora presta culto em seu próprio e belo edifício numa área residencial da cidade.

Tenho agido como pastor através dos anos, em várias ocasiões relacionadas com outros trabalhos. Meu tempo integral como ministro, porém, teve pequena duração, pois logo fui chamado para incumbir-me de um ministério maior, para todo o Brasil.

CAPÍTULO III

APRENDENDO SOBRE O BRASIL

Eu era um homem jovem e sem experiência, da zona rural do sul dos Estados Unidos, sem nenhuma experiência em questões mundanas e somente possuía uma educação média completamente alheia ao meu ambiente e à minha missão. Naturalmente, eu comecei de imediato a estudar a língua portuguesa. E eu estava consciente do fato que, para que o trabalho fosse permanente e fundamental eu precisava me familiarizar com a história, os costumes, a cultura e a psicologia do povo brasileiro e a geografia do próprio pais.

Não era fácil em 1886 conseguir tais informações e discernimento. A literatura não era facilmente obtida. A conselho de amigos, eu encontrei, depois de muita procura, uma cópia de segunda mão da History of Brazil de Robert Southey. Mais tarde consegui uma cópia deste monumental trabalho, traduzido para o português, que coloquei na biblioteca do Colégio Granbery em Juiz de Fora. Mesmo agora, pouca gente sabe que este antigo trabalho é uma das mais valiosas histórias do Brasil. Meu é de tamanho ¼, contém 2383 páginas e está em perfeitas condições depois de ser usado por 120 anos. Foi publicado em Londres em 1822.

Fato interessante é que uma das mais importantes histórias do Brasil tenha sido escrita por um inglês que visitava o pais, e que fosse publicada num pais

estrangeiro. Parece que no ano de 1800 Southey visitou Portugal como convidado de seu tio, Reverendo Robert Hill, o qual, durante 30 anos, tinha sido um capelão inglês, popular em Lisboa. Leitura de escritos do tio levou-o a resolução de escrever uma história e Portugal, que ele esperava ser de 10 a 12 volumes. Através da influência de se tio, ele obteve acesso a todos os registros nos arquivos do Governo em Lisboa e nele encontrou tal riqueza de material sobre a colônia de além mar, que resolveu agrupa-las em uma História daquele país longínquo, assim facilitando um trabalho maior sobre Portugal. . O resultado foi sua História do Brasil, publicado pela primeira vez em 3 volumes de tamanho ¼. O livro leva a história através da retirada da monarquia portuguesa de Lisboa para o Rio de janeiro, em 1808. Dizia-se que o próprio Southey ficou muito orgulhoso do trabalho e declarou que ele sobreviveria pelos séculos vindouros e seria comparado, por sua excelência, aos trabalhos históricos de Heródoto.

Para suplementar Southey nos meus primeiros estudos, havia um livro de Daniel P. Kidder e J. P. C. Fletcher intitulado "Brasil e os brasileiros". Estes autores, eram ambos cidadãos dos Estados Unidos. Kidder esteve no Brasil de 1837 a 1840 como um missionário metodista e percorreu o Brasil de maneira mais completa do que qualquer outro estrangeiro de sua época. Em 1845, ele publicou um livro intitulado "Esboço de moradia e de viagens pelo Brasil". Fletcher veio para o Brasil poucos anos depois e, com o consentimento de Kidder bem como com sua cooperação, aumentou o trabalho em um volume de 640 páginas em 1/8, com o título "Brasil e Brasileiros". Este foi publicado em 1857 e passou por 9 edições até

1879. Continha um mapa que havia sido corrigido e revisado porá Fletcher, durante suas viagens de 4.827 quilômetros através do pais e que , segundo se dizia, era "o melhor jamais publicado, de um Império que nunca havia sido vistoriado".

O valor duradouro do trabalho de Kidder e Fletcher é atestado pelo fato de que no ano de 1940, a BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA, publicou em magnífico ¼, uma tradução portuguesa feita por um erudito brasileiro e é visto como uma valiosa contribuição à literatura do país.

Estes dois trabalhos em inglês formaram o currículo pelo qual me eduquei a respeito do país e do povo que tinha vindo servir. Eles me deram a chave para eu entender o desenvolvimento do Brasil desde os primeiros períodos, quase os meus próprios tempos que eu tenho vivido e em medida participado na parte da história do Brasil que foi efetuada depois que os estrangeiros haviam escrito.

Os dois aspectos institucionais da vida brasileira que mais me impressionaram foram a monarquia e a escravidão, as quais logo desapareceriam, Nasci no tempo da escravidão nos Estados Unidos e na minha infância sofri de algumas privações e infortúnio de uma longa e cruel guerra ao fim da qual a escravidão foi abolida. Meu pai não foi dono de escravos. Nunca entrei em contato direto com a escravatura e minhas lembranças a respeito dela são bem

vagas. Agora estava numa terra onde a escravidão tinha sido estabelecida há muito tempo e aparentemente era um aspecto permanente da vida nacional. Portugal foi um dos primeiros paises europeus a adotar a escravatura e a participar do tráfico de escravos. Os africanos foram trazidos para o Brasil nos primeiros períodos coloniais, com Martim Afonso de Souza, cerca de 1500 e um acordo por escrito foi ajustado para a introdução de escravos na colônia, que foi assinado por Salvador Correia de Sá em 1568. Havia 8.000 escravos em 1580 e 30.000 em 1628. O tráfico foi abolido em 1850. Não parece que a escravidão aqui foi acompanhada pelas crueldades que se alegava ser parte de sistemas em outros paises. Certamente os escravos recebiam cuidados e consideração depois que o tráfico havia cessado, já que seu valor tinha aumentado e assim os donos tinham um incentivo para os proteger. O sistema também não afetou a psicologia do povo brasileiro como afetou a dos norte-americanos. O preconceito e a discriminação contra negros no sul dos Estados Unidos, estou persuadido, não está nos ancestrais dos negros e sua "prévia condição de servidão" mas é principalmente um produto da política odiosa da orientação da Reconstrução, depois da Guerra Civil. No Brasil a força foi aplicada e nunca se desenvolveu entre os brancos uma atitude em relação aos negros que nem de leve se parecia com aquela prevalecente nos Estados Unidos.

No Brasil, tudo era a favor da liberdade. Numerosas providências foram tomadas para emancipação, e, quando livre, não encontrou nenhuma barreira à sua completa participação na vida do país. Se um homem negro possuísse as qualificações adequadas, era possivel a ele

ascender a uma posição social elevada. Alguns dos homens mais inteligentes no Brasil descendiam de africanos, cujos antepassados tinham sido escravos.

Sob a lei brasileira um escravo podia chegar perante um magistrado, fixar seu preço e comprar a si mesmo. Havia um fundo para a compra e libertação de escravos e sociedades de emancipação de iniciativa particular que os compravam em número considerável. A imprensa relatava muitos exemplos de libertação voluntária da parte de donos de escravos. Estes asseguravam pagamento a vista por trabalhos executados em feriados e em outras ocasiões além das costumeiras horas de trabalho e, com os ganhos acumulados, podiam comprar sua liberdade.

Quando comecei meu ministério para a congregação de pessoas de língua inglesa que se reunia na Capela do Catete o zelador do prédio era um negro que estava trabalhando para obter sua liberdade com a cooperação de seu dono. Ele conseguiu acumular a quantia necessária e tornou-se um homem livre poucos meses antes que a lei da abolição fosse assinada. Ele encontrou emprego nos Correios, onde trabalhou lealmente e bem até que foi aposentado com uma pensão. Foi calculado que um escravo com energia e hábitos frugais, podia acumular dinheiro suficiente em 10 anos, para comprar sua liberdade.

No Brasil hoje o "problema de raça" como conhecido nos Estados Unidos, praticamente não existe. Negros são

admitidos em convivência social, em toda parte,. Não há preconceito contra o negro, como tal. Brancos e negros trabalham juntos, se divertem juntos, e em algumas vezes se casam em casamentos mistos. Esta ausência de preconceito social estimulou o interesse do Presidente Theodore Roosevelt, que o levou a comentar que no Brasil está sendo efetuada uma experiência que poderia resultar na criação de uma nova raça.

Seria, porém, demais (inverídico) dizer que os negros no Brasil, não encontram quaisquer desvantagens. São uma minoria da população e a maior parte deles se concentra no interior do país. Provavelmente eles não gozam do uso proporcionado dos lucros e das bênçãos da ordem social e, se fosse feita uma pesquisa a respeito de seu *status* econômico e educacional, seria revelado, que eles vivem em considerável desvantagem. Mas tudo isto é explicado pelo funcionamento das bem conhecidas forças econômicas, ao invés de preconceito.

Quando cheguei ao Brasil o movimento pela abolição da escravatura estava bem adiantada. Era dirigido por homens hábeis e distintos, mas sem animosidade ou amargura e seus ideais eram compartilhados pela maioria dos brasileiros e por muitos que eram donos de escravos No dia seguinte à minha chegada um cônsul americano declarou "É possivel que os americanos beberão café produzido por trabalho escravo, pelo menos um quarto de século". Porém ele não leu corretamente os sinais dos tempos, pois dentro de um ano depois de seu comentário, passou em ambas as casas do Congresso um ato de emancipação, sob a liderança do

Primeiro Ministro,em 8 dias,e foi assinado e promulgado em 13 de maio de 1888 pela princesa Izabel, que reinava na ausência de seu pai, D Pedro II, que estava na Europa por motivo de doença. A família real havia libertado seus próprios escravos muitos anos antes. O decreto de emancipação em impressionante contraste com a proclamação da Abolição nos Estados Unidos, era curta e objetiva. Tinha somente dois artigos e treze palavras na tradução inglesa:

1. A escravidão no Brasil é declarada extinta.
2. Todos os atos em contrário são anulados.

Eu estava em Januária, no rio São Francisco, e à noitinha do domingo, 27 de maio de 1888, o mensageiro trouxe a notícia da lei de emancipação. Embora houvesse poucos escravos naquela região do interior, a notícia foi recebida com entusiasmo considerável. Houve uma procissão que percorreu as ruas, ao som de música de alguns instrumentos velhos, batidas de latas e panelas, e gritaria. Enquanto viajava adiante para a costa marítima, durante os dias seguintes, vi muitos ex-escravos e suas famílias arrastando-se pelas estradas poeirentas, descalços e mal vestidos, carregando seus pertences em pequenos embrulhos. Estavam deixando as fazendas e os lares de seus antigos donos, se arrastando para vilas e cidades sem planos definidos ou perspectiva para o futuro. Os escravos subitamente libertados não estavam passando muito bem. Tinham poucas oportunidades de se manter e nos novos locais das cidades, centenas e milhares se tornavam miseravelmente pobres e vítimas da bebida, doenças venéreas e pragas costumeiras de que são vítimas tais pessoas.

Todavia, a emancipação no Brasil, como em toda a parte, foi um grande passo no caminho da civilização. Um ano e meio mais tarde o Império caiu e a família imperial foi para o exílio. Um cavalheiro brasileiro disse à Princesa Isabel: “Sua Majestade para resgatar uma raça, perdeu um trono”. A princesa respondeu:

“Se eu possuísse outro trono e houvesse outra raça em escravidão, não hesitaria em perder o trono para que pudesse libertar a raça”.

Na época dizia-se que os negros chegavam a mais de 2.000.000 numa população total de 14.200.000. Havia aproximadamente 4.600.000 mulatos e 1.300.000 índios. Estes, negros e índios, eram em sua maioria analfabetos. Na verdade, só 15% deste povo (de todo o povo do Brasil) sabia ler e escrever e estes todos (esses 15%) eram praticamente encontrados entre os 6.300 brancos.

Como presidente do Corpo Administrativo do Colégio Granbery, certa vez assinei o diploma de um homem que era descendente puro de africanos; embora fosse o único negro em sua turma, ele tinha sido escolhido orador da turma. Ele se tornou um Pastor Metodista e teve vários cargos, dos quais o de Superintendente de Distrito, independente da sua cor. Em 1938 eu o ouvi pregar com grande aceitabilidade, o sermão de abertura do Concílio Anual, na principal Igreja Metodista do Rio de Janeiro, que incluía o bispo Presidente, a maioria dos

pregadores brasileiros, delegados leigos, os missionários dos Estados Unidos e uma grande audiência, composta na maioria, por brancos. No presente este negro faz parte do Conselho Diretor do Colégio Granbery, e professor no Seminário Teológico em São Paulo. Seu exemplo ilustra o fato, precisamente mencionado que o preconceito não impede negros capazes de participar plenamente na vida social e religiosa no Brasil.

O Dr. John Mackay da Universidade Princeton, um perspicaz observador dos assuntos latino americanos, que residiu na América do Sul, diz: nada no Mundo é comparável ao ecumenismo social, se assim podemos chamar, o que existe no Brasil. Aqui, mais que em qualquer outro lugar, a "raça cósmica está se desenvolvendo. Não há discriminação contra os negros. No Rio de Janeiro, a capital, se um negro ou um homem com sangue negro em suas veias, é capaz de ocupar determinado posto, a cor de sua pele não o impede de ocupá-lo".

O Bispo brasileiro em seu discurso perante o Concílio de Unificação da Igreja Metodista em Kansas em 1939, disse " nós, o povo brasileiro, não sabemos qual será o nosso papel nos destinos da humanidade. Não temos divisões no Brasil entre estrangeiros e brasileiros, brancos e índios e pretos e missionários."

Eu tinha vivido por dois anos no meio da escravidão e tinha visto a instituição cair. Tinha estudado a história

do sistema e o movimento crescente que levou à sua abolição e eu conheci pessoalmente alguns dos vultos proeminentes que tomaram parte no drama.Meu interesse em tudo isto levou-me de volta ao meu breve pastorado perto da Universidade Fish, em Nashville, Tennesse. Tendo em vista as diferenças nas relações das raças nos Estados Unidos e no Brasil, eu encarreguei-me de interessar os sociólogos da América do Norte num estudo da situação social como um todo. Comecei a pensar e a trabalhar neste projeto imediatamente e nunca ficava longe do meu centro de interesse, embora a idéia não se materializasse por muitos anos.

Em certa ocasião, encontrei o Dr. Joseph Park, notável professor e autor, da Universidade de Chicago e insisti com ele para estudar cuidadosamente o laboratório de "experiência racial". Era preciso que as pesquisas fossem iniciadas logo que possivel pois o impacto da industrialização crescente, do comercio, educação e política já estava efetivando mudanças na situação. Poucos anos mais tarde o Dr.e Mrs. Park, ao voltarem de uma viagem para observações na África do Sul passaram duas tardes em nossa casa no Rio, discutindo o assunto, continuei com minha insistência. Poucos anos depois, em 1935, quando estava nos Estados Unidos em férias, fui informado que as Universidades Fish, Chicago e Havaí tinham se unido num plano para enviar ao Brasil um homem que iniciasse os estudos pelos quais eu vinha suplicando por tantos anos. Logo estávamos recebendo em nossa casa Mr. e Mrs. Donald Pierson. Ele tinha sido escolhido por uma comissão, para levar adiante as pesquisas e, em retribuição a este erudito, pelos trabalhos executados, prestei todos os serviços possíveis. Ao fazer

isso senti o prazer de alguém que realizou um grande sonho. As investigações de Mr. Pierson foram amplas e cuidadosas e os resultados foram publicados pela Universidade de Chicago em um volume intitulado “O negro na Bahia”. Dr. e Mrs. Park nos visitaram em 1938 para saber como o trabalho estava progredindo.

Embora a abolição da escravatura não requeresse uma luta muito grande que exaurisse recursos e provocasse amargura, o decreto teve repercussão no Brasil. As estruturas econômicas e industriais ficaram consideravelmente desorganizadas quando os escravos das grandes plantações de café e de açúcar tiveram que ser substituídos por homens livres e assalariados. Felizmente, porém, a imigração italiana teve lugar em grande escala e isto tornou possivel o necessário reajuste sem que houvesse conseqüências econômicas desastrosas.

Quanto à monarquia, foi algo novo para mim. Minhas únicas idéias sobre reis e imperadores eram derivadas de meus breves estudos e de leituras superficiais e, quando confrontadas com a realidade que encontrei no Brasil, demonstraram ser imprecisas, em muitos pontos.

O jovem pregador do interior olhava pasmado o Palácio Imperial enquanto passeava pelas ruas depois de desembarcar no Rio. Eu vi o Imperadaor D. Pedro II e a Imperatriz pela primeira vez poucos dias depois de minha chegada. Eles estavam assistindo a missa na Capela Imperial, na esquina da rua 1º de Março com a Sete de

Setembro. A monarquia caiu 3 anos depois de minha chegada e antes que eu tivesse entrado em contato com qualquer dignatário da nação que tivesse qualquer conhecimento com pessoal com Sua Majestade. Mas eu o vi em muitas ocasiões e tive um contato embaraçante com ele. Sua residência de verão ficava em Petrópolis. Esta cidade nesta época era de difícil acesso, exigindo uma viagem de 19 quilômetros através da baía por lancha, 16 quilômetros por trem e 4 mil e oitocentos metros num trem que funcionava pelo sistema de cremalheira, inventado por Riggerboch e que subia a montanha a uma altura de 930 metros. Havia somente um trem em atividade e sua chegada a Petrópolis à tardinha era um grande evento. Multidões se juntavam na estação para receber os passageiros, ouvir os boatos e pegar os jornais. O Imperador era visto lá com freqüência. Eu estava em Petrópolis, convalescendo de um ataque de febre amarela. Um tumulto na multidão me levou a dar um encontrão em Sua Majestade. Muito confuso, eu pedi desculpas, ao que o Imperador respondeu com um sorriso afável, assegurando-me que nada de sério havia acontecido. Pouco tempo depois, em nome do Concílio Anual da Igreja Metodista, apresentei congratulações por sua recuperação de uma doença séria e, em resposta, recebi uma carta de agradecimento do Palácio Imperial, através de seu secretário.

D. Pedro era um homem de aparência impressionante e de vasta cultura. Dizia-se que dominava todas as principais européias bem como o grego e o hebraico. Ele era notável como lingüista e lia a literatura mais importante de todas as épocas na sua língua original. Sempre freqüentava a Sociedade Histórica. Gostava dos

poemas de Longfellow e de Whitier, alguns dos quais traduziu para o português, enviando-os para os autores com seus cumprimentos e congratulações.

O reinado de D. Pedro cobriu quase meio século e foi um governo brando e benevolente, caracterizado pela justiça em afeto genuíno pelo povo. Era tido em alta estima pessoal pela maioria do povo e foi provavelmente o mais sincero republicano de todos eles. Houve pouca inimizade pessoal envolvida na queda da monarquia e na expulsão da família imperial.

Já mencionei o fato de que muitas pessoas do sul dos Estados Unidos no final da Guerra Civil, vieram para o Brasil. Tenho diante de mim o diário não publicado de uma moça de Montgomery, Alabama, que era membro de um desses grupos, no qual faz referência interessante ao Imperador. A escritora com seus pais, fazia parte de um grupo de 300 americanos que partiram de Nova Orleans no navio S.S. Marmion. Chegando ao Rio de Janeiro, descobriram que o Governo Imperial havia preparado de antemão uma festa para eles num belo e velho palácio que pertencera a um nobre brasileiro. E lá receberam a rara honra de uma visita do próprio imperador. Num pequeno discurso ele referiu-se ao grupo como “meu povo” e expressou esperança e expectativa que eles prestassem serviços de grande valor ao Brasil, especialmente construindo estradas de ferro e estradas de rodagem, desenvolvendo a agricultura e ensinando ao povo brasileiro os métodos progressistas pelos quais os Estados Unidos tinham se tornado famosos.

O sentimento antimonarquista tinha crescido no Brasil por vários anos, influenciado pelo sucesso da forma de governo republicano dos Estados Unidos. Um líder de projeção do movimento foi o Gen. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, professor na Escola Militar no Rio. Este homem tinha estudado em Paris e lá absorveu a filosofia de Auguste Comte, tendo doutrinado o exército brasileiro com o Positivismo e com idéias republicanas. Ele e outros tornaram o positivismo uma religião no Brasil e a filosofia de Comte ocupa esta posição até o presente. Existe agora no Rio de Janeiro uma linda e espaçosa Igreja Positivista, dedicada ao culto de humanidades e a pregação do positivismo. Este templo contém bustos de gesso dos líderes de filosofia, política, religião, arte e literatura em todas as partes e épocas e ostenta uma espécie de relógio com seus ponteiros apontando para Paris, a cidade de Augusto Comte. Aqui fez-se a tentativa de se criar um sincretismo religioso, juntando-se idéias e valores de vários sistemas, produzindo uma curiosa mistura religiosa. Com a morte de Benjamin Constant, Miguel Lemos, o primeiro sacerdote do templo, e outros dos primeiros e ardentes adeptos, teve início uma decadência que reduziu a congregação e a Igreja Positivista a um punhado de gente e seu futuro não parece promissor.

Outro líder do movimento contra a monarquia foi outra figura militar, Marechal Deodoro da Fonseca. Provavelmente ele não era motivado por considerações filosóficas que impeliram o Gen. Benjamin Constant. Ele astutamente aproveitou-se de todas as desavenças no

país- os grandes proprietários de terra que tinham perdido seus escravos, o clero que se ressentia pelo castigo imposto a alguns de seus membros, aqueles que alimentavam rancores pessoais e os oficiais da marinha e do exército que estavam proibidos de intrometer-se na política e, desta forma incentivou a revolta dentro das forças armadas.

D. Pedro II foi chamado de Petrópolis em 15 de novembro de 1989, e foi informado que a monarquia tinha caído e que a família imperial devia ser exilada. Na noite do dia 16 eles foram colocados a bordo de um navio cargueiro e levados para Lisboa. A Imperatriz sobreviveu por menos de seis semanas e o próprio imperador morreu 2 anos mais tarde, em 5 de dezembro de 1891, com a idade de 66 anos. Há uma história verdadeira e freqüentemente citada que ilustra o amor dele pelo Brasil. Antes de embarcar para o exílio ele pediu a um criado para encher um saco com terra, dizendo que embora seu corpo não pudesse descansar na terra que ele amava, desejava que sua cabeça pudesse repousar em solo brasileiro. Em 1913, quando minha filha e eu voltávamos da Convenção Mundial de Escolas dominicais em Zurique, visitamos Lisboa e procuramos a velha igreja de São Vicente, onde repousavam os corpos de D. Pedro e de sua Imperatriz. O atendente tirou a bandeira brasileira que os cobria e nos permitiu ver a face do Imperador, dizendo: “Sua cabeça repousa no travesseiro de terra brasileira que ele trouxe do Brasil quando ele foi exilado de seu país”. Por decreto do Governo promulgado em 3 de setembro de 1920, a sentença de exílio foi revogada e foi pedido o consentimento da família e do governo português para trazer os corpos para o Brasil. Foi dada a permissão e os

corpos foram trazidos de volta e colocados na Catedral de Petrópolis até que um mausoléu adequado fosse construído. Os ritos solenes de consagração e colocação dos corpos na cripta foram marcados para maio de 1939, mas foram adiados por causa da morte do papa Pio XI e pela partida do Cardeal Sebastião Leme para Roma, para eleição do sucessor do papa. A cerimônia foi realizada no aniversário da morte do Imperador em 5 de dezembro de 1939 e foi assistida por uma grande assistência de oficiais do governo, diplomatas estrangeiros, cidadãos importantes e pelo povo em geral.

Eu estava no Pará, retornando ao Rio de Janeiro de uma viagem de mais de 1609 km amazonas acima, quando as novas da queda da monarquia chegaram lá. Os lideres republicanos receberam instruções para liderar os acontecimentos na província. O presidente da província nomeado pelo governo imperial, tinha estado no cargo somente por 48 horas e quando informado que deixasse vago o cargo, respondeu que ele não tinha recebido aviso do imperador para fazer isso. Ele concordou, porém quando um destacamento de soldados esperava por ele. Meu primeiro conhecimento com a monarquia foi no Pará em junho de 1886 e foi no Pará em novembro de 1899 que testemunhei seu final.

Foi uma viagem memorável de 3591 km de volta ao Rio numa velha gaiola típica do Amazonas. Fizemos a viagem em 31 dias parando em 6 portos, onde recebemos como passageiros 5 ex-presidentes de províncias com suas famílias, empregados e uma comitiva de oficiais. Durante todo o tempo o único tópico de conversa era a revolta

política. Um dos ex-presidentes de província comentou que quando foi nomeado para o cargo era monarquista, mas a monarquia caiu e ele imediatamente tornou-se republicano.

A revolução, porém não foi consumada quando a monarquia caiu. O Brasil não estava preparado para a democracia. Por mais de um ano Deodoro da Fonseca encabeçou um governo provisório quando então tornou-se presidente. Sua política ditatorial não era popular e o andamento das questões brasileiras não era dos melhores. Mas algum progresso real foi alcançado.

Um editor americano de um jornal no Rio de Janeiro editou e fez circular uma tradução da constituição dos Estados Unidos e esta atitude de familiarizar o povo com aquele documento fez muito para influenciar a produção de uma constituição para o Brasil, tendo por modelo, a dos Estados Unidos. Ela separava a Igreja do Estado e instituiu um congresso.Tem havido mudanças constitucionais através dos anos. O documento foi abolido com a revolução de 1930. Um novo foi produzido em 1934, que, por sua vez, foi posto de lado em 1937 no golpe presidencial de 10 de novembro de 1937 que aboliu o congresso e colocou todas as funções legislativas nas mãos do executivo. O presidente Vargas apresentou uma constituição completamente nova por decreto que deve ser submetida a um plebiscito nacional em alguma data futura.

Não é meu propósito seguir tortuosos caminhos da política brasileira embora tenha conhecido os vários regimes desde D. Pedro II até Getúlio Vargas. Alguns dos presidentes eu conheci pessoalmente e participei de muitos empreendimentos cívicos com o correr dos anos. O governo até 1894 era mais ou menos como uma ditadura militar, quando o Presidente Prudente de Morais Barros foi eleito por voto popular de acordo com a nova constituição. Ele foi o primeiro autêntico presidente civil da República, um "paulista" de Piracicaba. Ele foi um dos mais nobres na História do Brasil e sua administração fez muito para ajudar o país a ter uma melhor apreciação dos valores democráticos, embora ele encontrasse oposição dos elementos despóticos e, em certa ocasião, tivesse que enfrentar uma rebelião em um dos estados mais atrasados.

Eu conheci bem e admirava muito o Presidente Prudente de Morais. Ele era atencioso para com nossa escola Metodista, em Piracicaba e fez muito para ajudar a dar à instituição a confiança pública em seus primeiros dias. Ele tinha um grande apreço e admirava as habilidades e o trabalho da diretora Miss Martha H. Watts. Quando ela recebeu a missão de abrir uma nova escola em Petrópolis a residência de verão dos Imperadores, Presidentes e diplomatas, ele logo permitiu que seu nome aparecesse como referência na circular que anunciava o empreendimento, como também o fez seu distinto irmão, Senador Manoel Morais Barros. Quando ele assumiu o cargo de Presidente da República eu o presenteei com uma bem encadernada cópia da Bíblia em português, bem como gravações em cobre de George Whashington e Abraham Lincoln, oferecidos por Miss Watts. Recebi uma carta em resposta, muito gentil, afirmando seu

recebimento e sua gratidão. Era assinada pelo Dr. Rodrigo Otávio, secretário confidencial do presidente e ele mesmo um distinto cidadão brasileiro, amigo dos Estados Unidos. Em 1934 ele publicou suas memórias, que são uma valiosa contribuição para a história do período.

Uma pessoa que conheci pessoalmente e cuja amizade significava muito para mim, era o Dr. Saldanha Marinho, um famoso jurista, jornalista, estadista e maçom. Depois da Lei Rio Branco, de 1871, que libertava todas as crianças de mães escravas, ele tornou-se um renomado líder na organização e na direção de um partido republicano que finalmente derrubou a Monarquia. Era um grande liberal que em 1969 recusou-se a repetir o juramento de fidelidade à Igreja Romana, e ele estava sempre pronto a dar conselhos e interessava-se pelos meus esforços em servir o povo e avançar o bem estar humano.

Joaquim Nabuco era outro dos velhos tempos. Era líder do movimento de abolição, com aspecto de príncipe. Douto em realizações e eloqüente em discursos. Quando se sabia que ele deveria falar no Parlamento Imperial, as galerias ficavam sempre lotadas e suas falas em prol dos encravos eram magistrais e emocionantes. Embora fosse monarquista convicto, ele aceitou servir sob o Governo republicano, tornando-se ministro em Londres e depois o primeiro embaixador em Whashington, onde se tornou um excelente Pan-americanista. Ele era católico romano leal, mas era liberal em seus pontos de vista religiosos e

era apreciador dos valores do cristianismo Protestante para a vida moral e intelectual do Brasil.

Outro líder abolicionista com quem eu mantinha relações de amizade era o notável jornalista e orador José do Patrocínio, ele próprio um negro. Dizia-se que este homem, num momento de incontrolável êxtase levou seus dois filhos pequenos subindo os degraus que levavam ao assento da Princesa Isabel, quando assinava a Lei Áurea e fez um discurso apaixonado começando assim: "Minha alma sobe os degraus deste palácio de joelhos".

Eu também vi e ouvi muito do ministro conservador Barão de Cotegipe, o qual em 1886 e 1887 esforçou-se para salvar os remanescentes da escravatura, apoiando a monarquia cambaleante. Ele também era mestiço.

CAPITULO IV

Os primeiros dias no Rio

Meu ministério na excelente pequena congregação que freqüentava a Igreja do Catete enriqueceu minha própria vida e foi aceitável, de acordo com os meus

conhecimentos. Em pouco e surpreendente tempo tornei-me socialmente bem recebido e eu entrei em contato pessoal com brasileiros influentes, devido em grande parte ao fato de muitas pessoas influentes fazerem parte de minha congregação ou estavam interessados em meu trabalho.

O Bispo Granbery, embora ficasse pouco tempo em sua primeira visita ao Brasil, percebeu a situação social com a precisão de um estadista eclesiástico que era, e fez e faz amplos planos para o longo futuro em vista. O Brasil, a seu modo de ver, estava a beira de grandes sublevações, as quais, se bem dirigidas, levariam a nação a ter importância mundial e os vastos recursos não avaliados e esperando exploração,certamente algum dia levariam a nação a posição de comando. Mas no momento havia necessidades urgentes. Aqui e estava uma nação incentivando a democracia mas completamente despreparada para leva-la ao sucesso.

O povo, na sua maioria, era analfabeto e o interior não era explorado, o sentimento de responsabilidade praticamente não existia, nenhum grupo possuía experiência política, a vida religiosa era dominada por concepções medievais., não havia sistema de educação pública.. O bispo reconheceu que o progresso do Brasil dependia da produção praticamente nova de uma liderança progressista, liberal e socialmente dedicada. E isto significava uma política de educação de longo alcance. Sobre tal programa de ação, a missão Metodista era e ainda é, baseada nesta exposição, um movimento de sucesso como instituição nativa brasileira.

A escola para meninas do Colégio Piracicabano já estava funcionando em Piracicaba, São Paulo. Na realidade ele era um rebento da escola particular estabelecida lá pela filha do imigrante Rev. J. E. Newman, como já foi mencionado, embora a escola fosse suspensa por um ano quando o missionário Dr. John J. Ranson, casou com a diretora. Foi reaberta pelas mulheres da Igreja Metodista do Sul, que enviaram a eficiente Miss Martha Watts para ser a diretora. Havia poucas escolas publicas naquela parte de São Paulo na época e a necessidade evidente bem como a excelência do serviço prestado logo venceriam a oposição dos elementos reacionários. O Colégio Piracicabano tornou-se um sucesso absoluto e tomou seu lugar entre as instituições mais reconhecidas e altamente consideradas no Brasil. A maioria das moças (e agora moços) da classe alta e média daquela região desde o início freqüentavam o colégio.

O Bispo Granbery acreditava que uma instituição similar era necessária para rapazes e, em sua segunda visita, em 1888, fundou o Colégio Granbery em Juiz de Fora. O projeto foi aprovado pela Junta de Missões da Igreja Episcopal do Sul e o Reverendo e Sra. J. M. Sander da Carolina do Sul foram enviados para encarregar-se dele.

Estas duas escolas e as tantas outras mais tarde fundadas pelos Metodistas eram e são, instituições brasileiras para moças e rapazes brasileiros. A língua portuguesa é usada com exclusividade, a influência estrangeira é quase nenhuma e o currículo tem por fim criar o melhor tipo de cidadão brasileiro. Isto não se aplica a certas escolas Metodistas em outros paises da América do Sul. Algumas

instituições fornecem educação, em grande parte para filhos e filhas de residentes que falam inglês e muitas usam a língua inglesa nas salas de aula; qualquer que seja o valor cultural de tais escolas, sempre me pareceu que este procedimento tende, de alguma forma, a desnacionalizar os estudantes ou ampliar o abismo entre eles e o povo simples. Tal erro (se erro realmente existe!) foi jamais cometido no Brasil.

Estou tentado a descrever detalhadamente a história do Colégio Granbery, agora um colégio que se tornara uma das maiores e mais influentes instituições de ensino da América do Sul. Eu me identifiquei com ele desde o início. Foi fundado pelo meu sogro e recebeu o nome dele. Tenho sido um membro do conselho Diretor desde o início e do qual fui presidente durante algum tempo. Fiz discursos de formatura, pregado sermões e fiz palestras para os estudantes muitas vezes. No saguão de seu magnífico prédio principal há um busto do fundador, Bispo Granbery e um vitral em honra do primeiro Presidente, Dr. Lander. Há outros memoriais de consideração e respeito também ali. Um é um retrato emoldurado, com a legenda escrita em prata:

Ao Dr. H. C. Tucker

Benfeitor do Ganbery

5-12- 1938

Outro memento é uma bandeja artística trabalhada em madeira brasileira, em várias cores, com a gravura de uma montanha ao longo do rio Paraibuna na cidade, trazendo numa placa de prata os dizeres:

A Mrs. Elvira Granbery Tucker

O Instituto Granbery

5 –12- 1938.

No Brasil, deve ser dito, minha esposa usa o nome de sua mãe, Elvira, já que seu próprio nome , Ella é o feminino de pronome e ela achava que "Sra. She" uma designação indefinida.

O estabelecimento dos dois colégios trouxe o problema de propriedade da missão. Sob o regime Imperial nunca houve alguma previsão ou precedente para isso. O Bispo Granbery organizou uma Associação Metodista e seus estatutos com a petição de reconhecimento e aprovação para os propósitos de posse da propriedade. Os documentos, ainda nos seus estágios preliminares, estavam na mesa do Imperador quando ele foi destronado. Um dos primeiros atos do Governo Republicano Provisório foi a aprovação final do documento.

Os direitos de propriedade e outras considerações indicaram ser desejável, até mesmo a necessidade, de se

organizar uma Conferência Anual. O trabalho Metodista consistia somente de 3 pastores, 7 sociedades, 3 edifícios de igrejas e cerca de 200 membros, os quais tendo em vista a importância da Conferência na economia metodista, era insuficiente para honrá-la. A necessidade era urgente e o Bispo Granbery organizou formalmente o menor Concílio Anual jamais organizado na história da Igreja Metodista do Sul. Havia só 3 membros: Reverendo J.L. Kennedy, do Tennessee, Reverendo J. W. Tarboux, da Carolina do Sul, e eu próprio. Desses só eu fiquei. Dr. Kennedy veio para o Brasil em 1881 e serviu a Igreja e ao país por 61 anos; faleceu em sua casa em São Paulo, quase ao fim de 1942, depois que estas memórias foram escritas. O Dr. Tarboux veio para o Brasil em 1883 e morreu aposentado em Miami, Flórida, em 1940. Quando o primeiro concílio Geral foi realizado em 1930 para organizar a Igreja Metodista Autônoma do Brasil, Dr. Tarboux, embora superaposentado na época e morando nos Estados Unidos, foi eleito bispo por votos brasileiros. Eu tinha sido eleito presidente do grupo e tive a grande alegria de ocupar a cadeira quando meu amigo de longa data foi eleito. Sua ascensão ao episcopado fora surpreendente, uma honra que demonstrou a unidade e compreensão que existia entre os pastores brasileiros, os leigos e os missionários estrangeiros. O Bispo Tarboux voltou ao Brasil e serviu à nova igreja como seu líder episcopal durante o primeiro quatriênio, depois do que cedeu o cargo para seu sucessor e atual encarregado Bispo César Dacorso Filho.

O pequeno grupo de adeptos do Metodismo no Brasil refletia a fraqueza do Protestantismo na época.

Os valores progressistas e libertadores do evangelismo eram até então pouco conhecidos. Não havia mais do que 30 missionários no Brasil quando eu cheguei e estes eram todos recém chegados; 17 eram dos Estados Unidos, representando , além dos Metodistas, os Batistas do Sul e dois Presbiterianos. Tinha havido outros, notavelmente Fountain E. Pitts, Daniel P. Kidder, R. Justin Spaulding e J. C. Fletcher da minha própria fé e ordem mas estes tinham sido exploradores e precursores que não deixaram resultados substanciais. Agora o desenvolvimento no Brasil estava atraindo atenção e as várias Juntas de Missão e Agências estavam despertando para as necessidades e oportunidades. Durante meus primeiros anos de trabalho eu recebi os primeiros representantes da Igreja Protestante Episcopal, o Exército da Salvação, a Y.M.C.A e Y. W.C.A e várias outras corporações.

Durante quase 400 anos o Brasil sabia muito pouco da fé religiosa evangélica. Os primeiros colonos, porém, eram Protestantes. Nicolau Durand de Villegagnon que trouxe os huguenotes franceses e fundou em 1555 uma colônia que foi extinta, assegurou ao Almirante Coligny que ele "estabeleceria um asilo para os protestantes franceses". A expedição foi realizada com o conhecimento e aprovação de João Calvino. Certos escritores têm posto em dúvida a sinceridade de Villegagnon, mas os fatos referentes ao estabelecimento do grupo protestante sob sua liderança não deixam dúvidas.

“Curta como a propaganda dos protestantes parece ter sido”, escreve Rodrigues, “ela não falhou como efetiva entre os índios, a quem os franceses ou membros de qualquer outro credo, trataram com muito mais bondade que os portugueses. O fato é que, de Cabo Frio até São Vicente (uma distância de mais de 400 quilômetros ao longo da costa), os nativos consideravam os franceses seus amigos e a pregação do Evangelho não falhou em fazer muitos convertidos.” Anchieta, um famoso padre das primeiras épocas, queixou-se para o cardeal na França que os franceses estavam seguindo as heresias da Alemanha, especialmente de Calvino, como ele soube pelos livros encontrados com eles; e que eles tinham mandado um número de rapazes índios para serem doutrinados em Genebra e outros lugares.

Os portugueses não somente destruíram a colônia francesa como também apagaram qualquer vestígio da fé protestante. A terrível execução de João Boles, um mártir cristão, levou Southey a observar que Mém de Sá manchou a fundação de sua cidade com sangue inocente.

Os portugueses, para estabelecer um governo ordeiro, trouxeram a Inquisição. Isto foi em 1591 e o agente da inquisição era Heitor Furtado de Mendonça. Em 1925 certos velhos manuscritos foram desenterrados e, como resultado, um volume de 500 páginas foi editado em São Paulo e posto em circulação privada sob o título “A primeira visita do Santo Ofício da Inquisição no litoral do Brasil.” O documento descrevia 212 denúncias, muitas delas sendo contra os judeus, que eram chamados de “

Cristãos Novos". Tem sido confirmado repetidamente que a inquisição não foi abolida no Brasil até 1812.

Nas minhas pesquisas eu descobri que a segunda tentativa de introduzir o cristianismo protestante no Brasil foi feita pelos holandeses cerca de 1620. A Companhia das Índias Ocidentais, como uma das razões de aventurar-se no Brasil era o desejo de que " uma religião pura pudesse ser introduzida na América." Parece que os holandeses eram quase tão intolerantes quanto os católicos romanos. Um padre escreveu que depois da expulsão dos holandeses, alguém que visitou os índios os encontrou numa situação ignóbil, "por causa do contato que tinham tido com os holandeses. Todos os hereges eram batizados e muitos se reconciliaram com a igreja e muitos que se casaram de acordo com a lei holandesa agora recebiam os sacramentos católicos. Na verdade, em duas colônias compostas por hereges, todos tinham se tornado cristãos. Em assuntos de veneração aos templos, imagens, cruzes, padres e aos sacramentos, muitos deles eram legítimos Calvinistas e Luteranos, com se tivessem nascido na Inglaterra ou Alemanha."

Em 1810 foram negociados tratados entre a Inglaterra e o Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, cujo trono naquele tempo ficava no rio de Janeiro. Um artigo especificava que cidadãos protestantes ingleses em território brasileiro podiam prestar culto a Deus em residências ou capelas, uma vez que tais capelas parecessem casas, não poderiam ter sinos e que ninguém poderia falar em público contra o catolicismo, ou tentasse converter pessoas. O representante do Papa no Rio de

Janeiro fez oposição vigorosa a estas decisões, insistindo que elas aumentariam o cisma na Igreja. Incapazes de dissuadirem o Príncipe Regente, o emissário papal propôs que a inquisição, deveria ser estabelecida ao lado de cada edifício onde os ingleses prestassem culto "para resguardar os interesses da religião católica e para reprimir, entre os brasileiros o progresso da heresia que os edifícios não deixariam de encorajar." Esta proposta foi rejeitada. O bispo católico romano do Rio de Janeiro não ofereceu oposição ao Tratado. Ele declarou: "Os ingleses realmente não tem religião; mas são um povo orgulhoso e obstinado. Se você opõe alguma coisa ao seu desejo farão disto uma questão de infinita importância; mas se você concorda com seu pedido eles construirão a igreja e ninguém irá lá." Os ingleses construíram no Rio, em 1819 sua primeira capela protestante no continente sul-americano e, depois da queda da Monarquia o edifício foi reconstruído com o exterior em forma de igreja.

Desde então os Anglicanos têm erigido igrejas em várias partes do Brasil. Na maior parte eles limitam seu ministério a residentes ingleses, mas sua presença tem exercido uma influência crescente no pais.

Em 1818, um cavalheiro suíço estabeleceu uma colônia de 100 famílias perto do Rio de Janeiro e fundou a cidade de Nova Friburgo. Foi construída uma igreja luterana lá e que ainda permanece, embora com supervisão presbiteriana. Por 100 anos ou mais, imigrantes alemães têm vindo para o Brasil, trazendo escolas e igrejas. Eles não têm sido especialmente interessados em espalhar o

Evangelho entre os brasileiros, mas seu exemplo e influência de maneira nenhuma tem sido negativos.

Estas coisas são aqui mencionadas para mostrar que as sementes do evangelismo não estavam inteiramente ausentes do solo brasileiro. Quando o Brasil declarou sua independência em 1822, a questão de liberdade religiosa foi vigorosamente debatida na Assembléia Constituinte, votando que o artigo referente á religião na Constituição deveria seguir o acordo previamente adotado com os ingleses. O catolicismo deveria ser a religião do Estado. Os protestantes podiam votar, mas não poderiam ter assento no Congresso. O culto d outras formas não católicas podiam ser realizados "em prédios escolhidos para isto mas sem a forma exterior de igreja". A Igreja e o Estado não foram separados até o estabelecimento da República em 1889, sendo que os casamentos civis foram instituídos e os cemitérios secularizados.

A primeira tentativa séria para introduzir o evangelho entre os brasileiros nativos foi feita pelos Metodistas. Eu já mencionei que seus primeiros representantes apareceram em 1835 e nos anos que seguiram de imediato. Os registros indicam que os brasileiros receberam os primeiros pregadores com consideração e bondade, embora mais tarde tenha surgido oposição e os missionários foram denunciados e atacados com considerável violência. Em 1939 um douto padre publicou um volume de 200 páginas intitulado "Os Católicos e os Metodistas ou uma contestação das doutrinas falsas e heréticas dos que se chamam missionários do Rio de

Janeiro, Metodistas de Nova Iorque, têm espalhado no interior e na capital do Império".

Na época em que cheguei o protestantismo não tinha firmado raízes no país. Durante os anos testemunhei seu desenvolvimento, de praticamente nada a uma posição no presente, de considerável força. Estima-se que a comunidade evangélica no Brasil agora chegue a mais de 1 milhão de pessoas, com numerosas escolas, editoras, igrejas e outras instituições,representando um investimento monetário de quase $ 10.000.000. Durante meus 50 anos, a população do Brasil subiu de 15.000.000 para 45.000.000 e o trabalho protestante aumentou dez vezes mais.

Eu logo descobri que o Rio era assolado regularmente por terríveis epidemias de febre amarela. A praga tinha prevalecido desde 1849 e pouco ou nada tinha sido feito a respeito. Não havia hospitais de isolamento, enfermeiras treinadas, a causa da doença não tinha sido descoberta e os médicos eram quase impossibilitados de lutar contra ela. . Quando o flagelo tinha chegado ao auge, 100 mortes por dia não eram incomum. Seis funerais passaram pela minha porta num breve período de tempo, numa tarde. Naquela época havia grande dificuldade em se encontrar pessoas para cuidar de doentes e enterrar os mortos. Tive uma humilde parte em diminuir esta doença, como mais tarde mostrarei nestas memórias.

Em 1889, tanto a Srta. Granbery, como eu mesmo (ainda não éramos casados), sofremos ataques de febre amarela e em 1903 nossa pequena filha contraiu a doença. Minha própria experiência permanece bem viva em minha memória. Eu fiquei doente em janeiro de 1889. Missionários e membros de minha paróquia cuidaram de mim dia e noite. Eu soube da natureza de minha doença quando ouvi o médico mencionar que eu estava recebendo o “remédio Sternberg”. Conhecia o Dr. Sternberg, da marinha americana quando ele estava no Rio ocupado com pesquisas e experiências e estava consciente de ter descoberto um remédio. A febre amarela age rapidamente. Meus atendentes mais tarde me disseram que um clímax da doença ocorreria provavelmente a certa hora da manhã do dia seguinte e que eu provavelmente morreria. Disseram ainda que minha doença era tão virulenta que deveria se preparar um caixão para que meu corpo fosse enterrado em seguida.

O editor de um jornal missionário tinha pronto meu atestado de óbito e retardou a distribuição do jornal esperando notícias de minha morte.

A janela de meu quarto abria para o mar. Durante a noite de febre eu ouvia as ondas. Eu tentei livrar-me de todo o medo e me entregar aos cuidados do meu Pai. Subitamente tive uma sensação de ser colocado como um nenê desamparado, na concavidade de uma poderosa mão e parecia-me ouvir as ondas quebrando-se numa praia distante. E então senti aquela mesma mão levantar-me e uma voz audível disse: “Ainda não” Enquanto meus

amigos estavam orando ansiosamente com poucas esperanças, eu ajeitei minha cabeça febril no travesseiro com um indefinível sendo de segurança e paz. Eu lembrei das palavras: “Não receie a pestilência que anda pela noite nem a destruição que se dissipa ao meio dia”. Naquela hora em que esperava morrer, eu estava na realidade melhorando e no tempo apropriado recuperei-me inteiramente.

Algumas semanas mais tarde eu recebi uma carta de uma ex-paroquiana do Tennessee. O jornal havia relatado a epidemia no Rio e numa hora definida e numa definida noite ela sentiu que precisava fazer uma oração pela minha segurança. Ela levantou-se, acordou seu marido, a quem explicou a situação e ajoelhou-se para orar pelo seu antigo pastor. O dia e a hora coincidiam: na hora de sua oração foi a hora na qual eu ouvi as ondas quebrando e a voz dizendo “Ainda não”. E atesto a acuracidade literal desta história. Há muitos que a repudiarão como uma simples coincidência sem significado, mas não, estou certo, me criticarão porque eu tenho acreditado durante 50 anos que foi um ato da providência de Deus que sempre esteve a meu lado e ao lado dos meus enquanto o servia no Brasil.

Outro exemplo de coincidência na qual eu tenho sempre visto evidências da mesma proteção divina, foi a que ocorreu na tarde de 18 de maio de 1891, na antiga vila de São João Batista , perto da cidade de Diamantina em Minas Gerais. Lá eu fui atacado ferozmente por uma multidão porque eu estava vendendo bíblias. Homens enfurecidos e armados com revólveres, pedras e paus,

avançaram sobre mim e um homem colocou seu revólver no meu peito, preparado para atirar. Levantando minha mão e pedindo para não atirar, por um momento, abri minha Bíblia e li em português o texto bem conhecido: "E Deus amou o Mundo de tal maneira que deu seu filho único para que qualquer que nele cresse não morreria mas tivesse a vida eterna." Em poucas e simples palavras eu expliquei o significado daquela frase. Os revólveres e pistolas foram abaixados, as pedras e paus foram jogados fora e a multidão escutou com atenção enquanto eu explicava o texto.

Mais tarde recebi uma carta de minha mãe na qual ela dizia que enquanto escrevia, ela subitamente sentiu medo que eu estivesse em perigo. As duas da tarde daquele dia ela pôs a carta que eu estava lendo de lado e foi para outro quarto onde se ajoelhou e orou pela segurança de seu filho no Brasil. Consultei as notas de minha viagem e descobri que dia e hora coincidiam exatamente com as de minha experiência com a multidão em Diamantina.

Poucos meses depois de ter chegado ao Brasil uma inesperada manifestação surgiu no curso de meu caminho, uma seqüência de mudanças que mudou meu futuro e pôs minha vida abrangendo todo o Brasil e não apenas meu pastorado restrito ao Rio de Janeiro. Daqui para diante todo o vasto país seria minha paróquia e eu me tornaria um itinerante através de uma área praticamente não limitada.

Recebi uma comunicação da Sociedade Bíblica Americana em Nova York, pedindo-me que me tornasse um Agente da Sociedade, encarregando-me dos levantamentos e outros passos a serem tomados para fornecer a Bíblia ao povo brasileiro na linguagem vernacular. Minha experiência como colportor (viajante ambulante vendedor de livros cristãos) para a Sociedade na parte montanhosa do Tennessee tinha me feito interessar no trabalho, e meu pouco conhecimento da situação brasileira convenceu-me de que o livre acesso às Santas Escrituras era essencial ao estabelecimento de uma democracia bem sucedida.

A Junta oficial de minha Igreja e as autoridades da Junta de Missões aprovaram a decisão. Minha nomeação é datada de 18 de agosto de 1887, em Nova York e eu trabalhei para a Sociedade até que me aposentei em 31 de dezembro de 1934. Em 7 de setembro de 1887 eu abri um escritório no 3° andar de um prédio na rua 7 de setembro, consegui de um editor amigo um grande mapa do Brasil e comecei a estudar a geografia do país e a situação referente à distribuição da Bíblia. Minha nova tarefa exigia um melhor conhecimento da língua, da terra e da psicologia (cultura) do povo.

Por 300 anos a Bíblia fora um livro negligenciado e proibido no Brasil. Não estava na lista de livros autorizados pela Coroa de Portugal a circular no Brasil durante o período colonial. Descobri que muitos dos pastores não possuíam o volume e o povo em geral nunca tinha ouvido falar dela. Kidder em seu livro "Brasil e os brasileiros" citou um oficial da marinha Imperial, de 45 anos de idade, que nunca tinha visto uma Bíblia numa

linguagem que ele pudesse entender. No período entre 1816 e 1836, a Sociedade Bíblica Americana tinha enviado algumas cópias para o Brasil mas não se tinha conseguido uma ampla circulação. A Bíblia em Português não podia ser comprada no Brasil. O livro escrito por Kidder mostrava a grande liberalidade de sentimentos existentes entre os brasileiros em relação aos protestantes, embora ele admitisse "que uns poucos padres faziam toda a oposição que podiam". Quanto a atitude oficial eu fui encorajado pelo fato de que o Imperador lia a Bíblia regularmente e era visto como um liberal em matéria religiosa. "Eu amo a Bíblia" ele tinha declarado, "Eu a leio todos os dias e quanto mais a leio, mais a amo. Há pessoas que não gostam da Bíblia. Eu não as compreendo, eu não as posso entender: mas eu amo a Bíblia; amo sua simplicidade, gosto das repetições e suas asserções da verdade". Na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro há uma pequena Bíblia usada pelo Imperador; há também duas cópias raras da famosa Bíblia Mintz, na Vulgata de São Jerônimo, Editada na Alemanha por Johan Fust e Peter Schveffer em 1462.

Uma ocasião, dizia-se, o Imperador tinha viajado através de São Paulo. No Piracicabano, o colégio Metodista inspirou-o a mencionar que medidas enérgicas deveriam ser tomadas para reagir contra a propaganda anti-protestante.

Dizia-se que "Sua Magestade tentou ser tanto severo como espirituoso quando ele encontrou na câmara municipal em uma das cidades o que ele chamou de Bíblia Protestante. Ela tinha o carimbo da Sociedade Bíblica

Americana". Mas isto foi interpretado como um gesto diplomático a um sentimento predominante, antes do que um reflexo da própria atitude do Imperador. Em certa ocasião um colportor foi preso em Sergipe por vender Bíblias. Sua apelação foi sustentada por D. Pedro, baseado na constituição, a qual declarava que "ninguém pode ser perseguido por causa de religião". E que "nenhum tipo de trabalho, cultura, atividade industrial ou comércio pode ser proibido contanto que não esteja em oposição a costumes públicos e a segurança dos cidadãos".

Kidder relata que a Sociedade Bíblica Americana certa vez ofereceu colocar uma dúzia de cópias da Bíblia, traduzida para o português, pelo padre Antônio de Figueiredo, em cada escola pública no Estado de São Paulo. A Assembléia Legislativa replicou "que entraria em deliberação sobre o assunto", mas não há registro da resolução final, a respeito da oferta. O volume a que já foi feita referência "O Metodista e o Católico", publicado pelo culto padre Luiz Gonçalves dos Santos se encarregou "de avisar o povo contra a perigosa leitura de falsas Bíblias que a Sociedade Bíblica Americana fazia circular.

Assim, tive impressões conflitantes quanto a provável atitude que encontraria no trabalho que estava prestes a encetar. Minhas investigações tendiam a indicar que o povo e as autoridades civis seriam amistosas, enquanto eu podia esperar a hostilidade do clero. Eu encontraria uma resposta definitiva à minha averiguação numa experiência real. Mas o projeto devia ser realizado a qualquer custo. O Brasil precisava ter a Bíblia. O Protestantismo não poderia existir sem o Livro Aberto e eu estava persuadido

de que sem ele não poderia haver no Brasil ou em qualquer parte, qualquer democracia digna do nome.

CAPÍTULO V
AGENTE BÍBLICO

A Sociedade Bíblica Americana está agora instalada em seu próprio e magnífico prédio na Avenida Erasmo Braga, no centro da cidade. A instalação desta casa da Bíblia em 1932, eu a vejo como clímax da minha carreira. Mas tais escritórios não eram meus em 1887. Eu tinha uma ampla sala, uma escrivaninha, umas poucas cadeiras, algumas estantes de livros e várias caixas de Bíblias. Não havia elevadores naqueles dias e as caixas pesadas foram carregadas por escadas dois andares acima. Um vizinho no edifício era o Sr. J. Lamoureaux, editor do "*The Rio News*", e ele tornou-se e permaneceu um bondoso amigo e conselheiro. Meu predecessor, Reverendo William Brown tinha viajado para Nova York, deixando um dos colportores, Sr. Manoel P. Paulo, na direção.

Parecia óbvio que o sucesso na minha nova empreitada dependia em grande parte em esclarecer as concepções errôneas a respeito e assim ajudar a vencer as oposições a ela. Necessitávamos de uma loja no nível da rua com vitrine onde os livros pudessem ser mostrados. Porém os aluguéis eram caros e os recursos que dispúnhamos eram limitados e por um considerável período de tempo fomos forçados a permanecer em nossas acomodações obscuras.

Porém com o passar do tempo, conseguimos uma loja. O colportor encarregado era o Sr. João da Silva Pereira, uma pessoa interessante e um trabalhador dedicado, cuja experiência através de anos na distribuição de Bíblias poderia preencher um volume (ou seja, daria para escrever um livro). Em 1892 fui visitado por um homem que tinha viajado 5 dias nas costas de uma mula e 420 quilômetros por estrada de ferro para fazer a profissão de fé de sua religião e para receber o batismo cristão de mãos protestantes. Soube que o visitante vários meses antes tinha ganhado uma Bíblia que o Sr. João tinha mandado para seu próprio irmão no interior longínquo e que através da leitura deste livro o homem tinha sido despertado para a vida religiosa.Em outra ocasião o zelador de nossa loja mandou uma cópia do Novo Testamento e alguma outra literatura religiosa a um prisioneiro numa cidade do interior. O carcereiro tornou-se interessado nestes materiais e, no devido tempo, tive o prazer de batizá-lo e o arrolar como membro da Igreja.

A loja em si, a nossa correspondência em prol da Sociedade e a remessa de livros que passavam constantemente pelo Correio despertaram uma considerável curiosidade pela natureza e propósitos do que estava sendo divulgado. Nossas vendas locais aumentaram e a oposição da parte do clero reacionário aumentou. Um dos nossos colportores, Sr. André Cayret, enquanto atravessava a baía de barca ofereceu bíblias aos passageiros. Um padre a bordo comprou todas as Bíblias, fez uma palestra sobre o caráter pecaminoso dos livros e então jogou-os ao mar.

Tornei-me interessado em certas pessoas cegas que encontrava nas ruas do Rio de Janeiro e fiz um contrato com uma escola para cegos, o Instituto Benjamin Constant, para que fossem produzidas 500 cópias do Evangelho segundo João no sistema Braille. Quando foi feito o anúncio, apareceu em um jornal católico romano um vigoroso protesto e um aviso aos cegos que "ficassem em guarda, pois ela (a Sociedade Bíblica) tem o propósito de presenteá-los com um livro condenado pela Santa Igreja". Este artigo acentuava que os protestantes "queriam tirar vantagem do fato de não haver muita variedade de literatura no sistema Braille e também de tirar vantagem destes nossos irmãos.

Eles não têm conseguido nada com pessoas que podem ver, agora se empenham em levar sua propaganda a estabelecimentos para cegos." O jornal pedia contribuições com o propósito de editar para os cegos " uma cópia verdadeira do Evangelho de São João".

O editor do tal jornal católico romano fez o primeiro donativo de $ 2.00 e duas semanas mais tarde mais $ 2.00 tinham sido ofertados, depois do que não recebeu mais donativos.

Minhas cópias do Evangelho foram recebidas com muitas manifestações de gratidão. Um dia dei uma cópia para um homem cego na rua, perto de meu escritório, e chamei sua atenção para a história do nono capítulo sobre a cura de um cego. Ele começou a ler em voz alta e 25 pessoas juntaram-se ao seu redor, ouvindo com prazer a história que nunca tinham ouvido. Este homem distribuiu várias

cópias entre os cegos como também recomendou a Bíblia para muitas pessoas que podiam ver.

De minha experiência de meio século de distribuição de Bíblias, seria fácil preencher um volume com estudos de casos de pessoas convertidas tendo como único instrumento a Bíblia. Em muitos lugares no Brasil igrejas evangélicas têm crescido devido a influência silenciosa de uma ou mais Bíblias distribuídas pelos colportores; todas as denominações basearam seus primeiros esforços sobre as Bíblias que tinham precedido os primeiros funcionários nas várias comunidades. Estou convencido de que alguns estudantes no campo da psicologia religiosa e de educação não têm se impressionado pelo fato alegado que a leitura da Bíblia pode freqüentemente levar a um despertar espiritual e o subseqüente desenvolvimento do caráter cristão.

Naturalmente o processo não é tão simples e direto como freqüentemente afirmam os biblistas entusiasmados, mas se dados sobre fatos são admitidos aqui como em todos os outros campos de investigação, então poderiam ser empilhados um bom número de provas que superariam o peso de considerações teóricas. Tais dados podem ser apresentados na vida real por milhares de missionários e obreiros religiosos em toda a parte do mundo através dos séculos. Eu não dou demasiada ênfase neste ponto, nem daria aos fatos uma interpretação mística ou sobrenatural sem reconhecer completamente, sem ter em vista o reconhecimento de fatores psicológicos envolvidos, mas tantos fatos e todos eles tão cronológica e geograficamente espalhados não podem ser levianamente ignorados. Por outro lado a história do movimento

protestante como um todo e o sucesso de sua teoria seriam difíceis de ser explicados razoavelmente. No Brasil, desde o início, a Bíblia, quase sem ajuda, produziu convertidos e devotos protestantes que se tornaram membros e pregadores.

Muitos anos atrás um escravo negro que morava em uma vila no sopé da Serra dos Órgãos, perto do Rio, descobriu um Novo Testamento numa lata de lixo e foi ordenado a destruí-lo. Ele era devoto católico romano e aprendera a ler com o único propósito de ler as orações da igreja. Vislumbrando o título "Novo Testamento", isto é, o Novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redentor, Jesus Cristo, deduzindo que o livro era de natureza religiosa, escondeu o livro sob o casaco. Naquela noite sentou-se e leu por toda a noite. Mais tarde me contou sobre o impacto emocional que teve enquanto lia e declarou que muitas vezes as lágrimas rolavam em sua face. Noite após noite, durante 17 anos, este exercício continuou. O velho e esfarrapado livro tornou-se mais sagrado para ele do que as imagens e figuras dos santos; ele conservou-a reverentemente e não permitiu que nada fosse colocado na caixa onde jazia. Sem qualquer outra instrução este pobre escravo tornou-se um novo homem.

Depois de 17 anos, ele encontrou numa vila, perto da baía do Rio, uma mulher negra que era membro de uma igreja protestante e por ela soube que os protestantes eram chamados às vezes, de "Bíblias", porque eles liam o Livro, o mesmo livro que ele vinha estudando há tanto tempo. Ele fez muitas perguntas e a mulher deu as respostas e explicações que podia. Nesta conversa, disse ele que as escamas caíram de seus olhos, como no caso de Paulo de

Tarso e uma grande alegria encheu sua alma. Ele voltou para sua cabana e por 2 anos não viu ninguém de sua fé evangélica.

Um dia eu estava pregando num hotel numa vila e minha atenção foi atraída pelo interesse inteligente de um negro. Depois do culto ele relatou sua história, disse-me que seu nome era Francisco Manuel Lago, e me deu o Novo Testamento que tinha mudado sua vida, já que ele obtivera um novo de um colportor. O livro fora editado em Chelsea, Inglaterra, em 1817. Este não é um incidente isolado. É um entre milhares, mais ou menos, que hoje povoam minha mente.

Bem cedo determinei que não deveria fazer do Rio minha paróquia, mas ela deveria cobrir todo o Brasil, já que as necessidades eram maiores no interior do que nas grandes cidades e seus arredores. Daí para diante viajei por muitos anos pela nação, indo pelos cantos mais remotos e entre as pessoas mais negligenciadas, nos meus esforços para plantar a Palavra no país. Meu método era preparar cuidadosamente um itinerário, usando mapas e todas as informações adicionais que pudesse conseguir; despachar caixas com Bíblias na frente (antecipadamente) para vários pontos ao longo do caminho e levar comigo um grupo de colportores, pastores nativos e carregadores. A senhora Tucker com freqüência nos acompanhava, atraindo os apreciadores da música e preparando o ambiente para meus sermões, tocando hinos num órgão portátil. Não havia estradas longe do litoral e ainda não existem e, qualquer coisa parecida com rodovias modernas não era conhecida. Usávamos os rios, montávamos em mulas ou caminhávamos à pé,

transportando nossos pertences e suprimentos nos lombos de mulas ou carregando-os em nossas próprias costas. Era uma vida dura, mas nós éramos jovens e a paixão pela Causa de Jesus era muito forte.

Em 24 de novembro de 1887 empreendi minha primeira jornada. Fiz um levantamento das províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Num trem da Central do Brasil ou linha de D. Pedro II, inaugurada em 1857, eu viajei por uma área pantanosa de 64km ao pé da Serra do Mar e sobre montanhas ao longo do vale do rio Paraíba do Sul. Numa distância de 34 quilômetros o trem subiu 445 metros e, do cume à cidade de Barra do Piraí, nas margens do rio, uma distância de 16 quilômetros, tem uma cachoeira de 70 metros. Desta cidade a estrada de ferro se divide em 3 direções, um ramal para São Paulo, outro para Entre Rios (atual Três Rios) e daí para Porto Novo do Cunha (próximo da cidade mineira de Além Paraíba), onde faz conexão com a Estrada de Ferro Leopoldina, e o terceiro ramal segue o rio Paraibuna através do interior de Minas Gerais.

Seguindo o último ramal mencionado, fiz minha primeira parada em Juiz de Fora, MG.

Esta cidade que mais tarde se tornaria um importante centro metodista tinha uma população de cerca de 15.000 pessoas e era descrita como “a cidade de uma rua poeirenta ou lamacenta”. Poucos anos depois o empresariado americano parte da incalculável força motriz nas quedas do rio Paraibuna, para grande vantagem de toda a área. Juiz de Fora agora tem uma população de 80.000 habitantes e, com exceção de Belo

Horizonte, a capital , é a maior cidade do Estado de Minas. O Colégio Granbery está em Juiz de Fora e, em Belo Horizonte os metodistas dirigem o Colégio Izabela Hendrix, provavelmente a escola para moças mais bem equipada do Brasil.

Deste platô a Barbacena há uma elevação de 260 metros por mais de 17 quilômetros. Em nossa viagem nosso colportor vendeu Bíblias tanto a companheiros de viagem como para pessoas nas estações de parada. Era uma experiência nova para mim e também, aparentemente, para os passageiros. Certos padres que estavam no trem, andavam entre os passageiros alertando-os que os livros eram falsos e perigosos. Eles também se queixavam para o condutor que nós estávamos importunando os passageiros e ele proibiu-nos de continuar. Em várias ocasiões nós fomos proibidos de vender livros no trem, sempre como resultado de protestos feitos pelos padres.

Ao longo do caminho encontrei um homem devoto numa romaria para pagar uma promessa de 10 anos de devoção à famosa imagem de Nosso Senhor de Congonhas. Parece que seu filho tinha sido muito queimado. E diante da imagem consagrada dele, ele tinha feito uma promessa de que se a criança fosse poupada ele iria ao templo com a imagem e queimaria em velas o peso da criança, ante seu altar. Ele era um pobre lavrador de terras com uma grande família e tinham sido necessários 10 anos de trabalho e de economia para comprar as velas, pagar ao padre para abençoá-las e custear as despesas de viagens.

Parece que os primeiros religiosos chegados ao Brasil fundavam cidades pelo assentamento de uma Pedra Crescente (Growing Stone), uma Cruz dos Milagres ou uma imagem que opera milagres. Estas imagens eram freqüentemente chamadas de Aparecida ou Aparecido devido ao fato alegado de suas aparições em grutas, florestas ou rios. Na cidade de Congonhas ou perto dela, cerca de 16 quilômetros de Miguel Burnier vindos de Barbacena, o "Senhor de Matosinhos" ou Congonhas, tinha supostamente aparecido e de lá teve sua origem a Irmandade do Bom Jesus de Matosinhos. O relicário da imagem era muito interessante. O templo principal ou igreja e suas sete capelas continham numerosas imagens de madeira, entre elas um grupo representando a última ceia; perto da imagem de Judas havia uma grande faca com a qual os peregrinos poderiam usar para esfaquear Judas ao passarem. A agonia no Jardim era representada por uma tosca cruz, tendo uma imagem bruta dedicada ao Nosso Senhor de Matosinhos, com uma inscrição declarando que ele começara a obrar milagres cerca do ano de 1700 d.C. Havia figuras gigantescas dos profetas e de outras figuras importantes, pinturas e esculturas de vários tipos, instrumentos da paixão e uma "sala de milagres" contendo um grande número de figuras e objetos de cera e centenas de tabuletas votivas comemorando os milagres feitos pela imagem. Em um dos altares havia um túmulo coberto por uma tábua sob a qual estava uma efígie de tamanho normal de nosso Senhor de Matosinhos, com anjos ajoelhados em volta. Este é o grande objetivo das romarias e aqui os visitante se prostravam e beijavam a mão da imagem com grande devoção. Não somente os pobres e ignorantes, mas também os eruditos e ricos brasileiros faziam promessas, davam oferendas e prestavam culto a esta imagem.

Em Miguel Burnier eu obtive permissão para pregar no salão de refeições do hotel. Foi o primeiro sermão protestante ouvido na cidade e uma multidão lá se juntou por curiosidade. Meu português era pobre e eu fiquei bastante confuso, quando um homem em voz alta contestava que Jesus tivesse sido tentado pelo demônio. De Miguel Burnier viajamos por 36 quilômetros em um trem cargueiro e caminhamos por 10 quilômetros até Ouro Preto. Nós conservamos nossos livros secos, mas nós estávamos tão molhados e cheios de lama que chamávamos muita atenção. Era difícil conseguir pousada porque dois eventos estavam se realizando: um jubileu de um padre popular e uma comemoração pelo fato de 200 escravos terem sido libertados com fundos angariados na província.

As reservas minerais do Estado, de onde Minas Gerais tirou seu nome, foi responsável pela fundação de Ouro Preto. A cidade fica entre montanhas, quase a 1200 metros acima do nível do mar, cercada por picos altos, um dos quais tem 2000 metros de altura. As ruas eram estreitas e com becos tortuosos que subiam e desciam através dos montes, mal calçadas com pedras brutas. Carretas e carruagens tinham pouca ou nenhuma serventia, o transporte sendo feito principalmente em lombo de mulas. Foi aqui, em 21 de abril, que um dentista chamado Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, com 25 ou 30 seguidores, conduziu um movimento revolucionário com o propósito de estabelecer a República em Minas Gerais. Este movimento patriótico tinha a simpatia de um considerável número de pessoas, mas foi reprimido por Portugal, seu líder enforcado e os outros seguidores foram surrados, deportados e suas famílias declaradas

infames. Embora prematuro, este levante popular fez muito para despertar os sentimentos que levaram finalmente ao estabelecimento de uma República no Brasil, um século mais tarde. O Governo Republicano decretou que 21 de abril deveria ser um feriado nacional em honra de Tiradentes, líder do movimento revolucionário.

Ficamos por 2 dias nesta cidade conversando com as pessoas nas ruas e nas lojas e vendemos facilmente as 25 Bíblias e Testamentos que tínhamos levado. Umas poucas cópias foram vendidas para pessoas que tinham vindo de longe para assistir às festividades. Um Novo Testamento foi vendido para um carpinteiro que colocou o livro numa caixa de ferramentas e dele se esqueceu. Mais tarde foi achado por um jovem aprendiz, que começou a ler com diligência, foi convertido e tornou-se membro de uma igreja protestante, tornando-se pregador do Evangelho e por muitos anos foi um pregador ativo e diligente. Esta foi a primeira tentativa feita para introduzir a Bíblia na cidade. Poucos dias depois de nossa partida, recebi uma carta de um homem que tinha se interessado pelo Evangelho, informando-me que os padres tinham instigado as autoridades da cidade a nos prender por vendermos livros falsos e perigosos. Ficamos então sabendo que o oficial chegou ao hotel para fazer a prisão uma hora depois de nossa partida.

Cerca de 3 anos mais tarde, acompanhado por 2 missionários de Juiz de Fora, e um evangelista, eu voltei a esta cidade singular e histórica, com o propósito de fazer minha primeira tentativa de pregar em público. O prefeito era um homem de mente liberal e concedeu o uso da sede

da prefeitura. Houve audiências exuberantes. Na primeira noite alguns padres, do lado de fora do prédio causaram distúrbio. Na segunda noite um padre levantou-se na audiência e contestou certas afirmações feitas no sermão. O pregador respondeu citando a Bíblia como apoio de sua posição, a qual foi também apoiada pela maioria de votos dos ouvintes.

Em outra ocasião nós estendemos nosso trabalho bíblico ao longo dos trilhos da estrada de ferro até o curso superior do Rio das Velhas, assim chamado porque seus primeiros exploradores em 1710 encontraram 3 índias velhas sentadas em suas margens. Visitamos Sabará, Santa Luzia e várias outras cidades e vilas da região. Eu estava acompanhado pela minha esposa, por um pregador nativo e um colportor, e todos nós estávamos montados em pequenas mulas, com nossas bagagens também carregadas por elas. Era uma região montanhosa e áspera. Surgindo de um corte profundo numa curva pronunciada, nós fomos subitamente cercados por um grupo de mulas; a madrinha ou líder, estava alegremente enfeitada com tiras de fazenda vermelha e pequenos sinos que retiniam. A senhora Tucker estava na frente de nosso grupo montada numa mula chamada "Nossa Senhora da Penitência" que ficou assustada e subiu pelo barranco. Foi uma aventura perigosa, mas minha esposa não foi ferida e, para nossa surpresa e alívio, não ficou muito perturbada.

Embora o proprietário do hotel Santa Luzia fosse muito atencioso, as acomodações eram muito humildes. Porém nossa chegada causou um tumulto no povo; muitos pareciam sentir medo de nós e fechavam portas e janelas

quando passávamos pelas ruas. A senhora Tucker tocou o pequeno órgão nos serviços religiosos numa sala pequena que o proprietário do hotel bondosamente pôs à nossa disposição. A música e os cantos atraíram uma multidão e eu preguei para ela a primeira mensagem protestante que eles ouviram. Como era nosso hábito, visitamos as lojas, umas poucas residências e vendemos algumas cópias da Bíblia. Quando saíamos da cidade, certos desordeiros gritaram conosco e atiraram algumas pedras e vimos páginas de dois livros que tinham sido rasgados e espalhados pelas ruas.

Voltei a Santa Luzia mais tarde e consegui alugar uma sala na qual poderia pregar. Apareceu uma multidão, entre eles o professor da escola, que levantou-se e disse que gostaria de provar a falsidade da Bíblia protestante. Eu apresentei o assunto à audiência e houve quase unanimidade no consentimento. O homem leu a história de Jacó e os rebanhos de Labão de um livro publicado pelos católicos e então pediu minha Bíblia. Eu a dei a ele, mas ele não foi capaz de encontrar a passagem, procurando por ela no Novo Testamento. Um dos nossos colportores encontrou a passagem para ele. Ele começou a ler na minha Bíblia a história de Jacó e os rebanhos de Labão, e ficou muito confuso quando percebeu que não havia diferenças. Ele então tentou explicar que a Bíblia Católica afirmava que a prosperidade de Jacó era graças a bondade de Deus, enquanto a minha ensinava que era resultado das próprias tramóias de Jacó. Eu mostrei a frase “Deus tirou o gado de teu pai e os deu para mim”, mas ele declarou que seu ponto de vista estava certo “porque o padre o dissera”.

O homem disse que a Sociedade Bíblica Americana não era uma organização legal e não tinha direito de vender Bíblias no Brasil. Eu apresentei a Constituição da Sociedade e algumas das resoluções do governo brasileiro, incluindo a decisão do Imperador já mencionada e artigos sobre a liberdade de culto na Constituição e Códigos do país. Mas o replicante persistiu afirmando que eu não era um ministro do Evangelho nem um agente autorizado da Sociedade Bíblica Americana. Eu mostrei meu certificado e as regras do deão como registradas no governo do Rio de Janeiro e os certificados da Sociedade Bíblica Americana.

Na manhã seguinte, tendo obtido permissão verbal das autoridades, estávamos visitando a cidade, quando um oficial apareceu com uma ordem de prisão contra nós. Apesar de nossos protestos fomos levados pelas ruas, o povo zombando de nós, a caminho da cadeia. Lá eu mostrei meu passaporte americano, que me fora dado pelo Embaixador no Rio, porque ele previra problemas para mim no interior. O oficial ficou tão impressionado que eu fui levado ao prefeito que nos libertou e nos instruiu como conseguir uma licença para continuar a trabalhar. Então o padre apareceu e nos denunciou, para a multidão que rapidamente se formou como demônios e ameaçou de excomungar qualquer pessoa que comprasse ou lesse os livros “falsos e perigosos” dos protestantes. Prossegui minha viagem, mas o colportor sentou-se na porta do hotel e vendeu mais de 60 Bíblias.

Na cidade de Ubá eu encontrei 2 colportores que tinham vindo de Juiz de fora montando mulas. Num domingo à tarde conseguimos pregar num teatro e numa moradia

particular à noite, pois nunca tentávamos realizar cultos na hora da missa nas igrejas. O padre mandou 3 homens à nossa reunião para prestar relatório do que fazíamos e dizíamos. Eles sentaram em silêncio e prestaram atenção no sermão, e então saíram e entraram na casa ao lado do teatro. Logo apareceu o padre vindo de sua casa onde estivera esperando o relatório de seus espiões e, nas ruas, denunciou-nos proferindo as acusações costumeiras de abuso, em voz alta e com grande veemência. Mas ninguém nos molestou ou pareceu prestar atenção no padre. Perguntando a respeito da causa da pouca influência do padre sobre a opinião pública soubemos que dois dos espiões eram filhos do padre; ele tinha vários filhos ilegítimos e tinha um de seus filhos casado com uma de suas filhas; o padre para defender tal coisa disse que os filhos tinham mães diferentes. O clamor público obrigou-o a separar o casal, mas um divórcio era naturalmente impossível.

Em outra viagem nós visitamos Belo Horizonte, que então, tinha somente algumas centenas de habitantes e tinha o nome de "Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral". No único estabelecimento semelhante a um hotel, fomos informados de que nenhum protestante seria admitido. Nem abrigo nem alimento foram encontrados. Um pregador nativo nos levou a um homem inglês que tinha uma pequena loja na cidade. Embora fosse católico, ele nos convidou para descansar em sua casa e nos ofereceu alimento. Nossa presença causou muito alvoroço, pois o padre local havia dito ao povo que não deveríamos ter permissão para parar no lugar. Porém vários senhores vieram à casa onde encontráramos abrigo, e nós conversamos com eles, cantamos alguns hinos e vendemos quase todas nossas Bíblias. Nosso amigo inglês

nos convidou para pernoitarmos, mas não havia mais lugar para todos na pequena casa e, como nosso suprimento de Bíblias tinha se esgotado, decidimos seguir em frente. No caminho, passando por uma floresta, fomos apanhados por uma tempestade tropical muito forte. A mula “Nossa Senhora da Penitência” ficou assustada e recusou a se mexer. A senhora Tucker reclamava e metia as esporas na mula, eu dava puxões nas rédeas puxando a mula pra frente e o pregador desancava-a com um pedaço de pau arrancado de uma arvore, e com estes empurrões a mula foi persuadida a dar alguns passos entre relâmpagos e trovões. Assim labutamos durante a noite avançando vagarosamente. Chegamos à próxima vila molhados, cheios de lama e exaustos.

Há uma seqüência para as experiências dos pioneiros protestantes na pequena vila fanática. Pouco depois de nossa visita, ela foi escolhida como local para a nova capital do estado de Minas e transformou-se em linda cidade com avenidas amplas, belas casas, um magnífico palácio do Governo e prédios adequados para os vários departamentos do Estado. Houve um fluxo de novas pessoas, a prosperidade se anunciava e manifestou-se um espírito mais liberal.

As autoridades estaduais e municipais ofereceram gratuitamente para a Igreja Metodista uma praça inteira no coração da cidade com a condição que ali erguesse uma escola e uma igreja. Esta oferta foi aceita e a cultura protestante tem influenciado aquela área até o presente. Recentemente parte da propriedade foi vendida por uma grande quantia que foi usada na compra de um novo local

onde foi construído o moderno e belo colégio Isabela Hendrix.

Porém o espírito original de intolerância ainda existia em Belo Horizonte e este fator serviu para intensificá-lo. Mais de 50 anos depois da primeira visita, ele explodiu outra vez. Em 1941 a Conferência Pan-americana de Nações realizou-se no Rio de Janeiro com o propósito de ampliar e consolidar a política de Boa Vizinhança, anunciada pelos Estados Unidos. O Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, cuja cólera tinha sido estimulada pela construção da nova escola metodista, preparou e publicou um manifesto atacando os protestantes em nome da política de Boa Vizinhança, exigindo que os Estados Unidos tomassem medidas para a retirada de todos os missionários do Brasil. "A propaganda protestante desenvolvida pelos missionários americanos', declarou ele "desperta antipatia e ressentimentos contra os Estados Unidos da América e portanto interfere negativamente contra a boa vizinhança entre os dois paises".

Este documento foi entregue ao Hon. Jefferson Coffray, embaixador dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, para ser levado, através do Hon. Sunmer Welles, sub-secretário de Estado que estava representando os Estados Unidos na Conferência, ao Secretário de Estado Cordell Hull e a Franklin Roosevelt.

Outra aventura para o oeste foi através da região servida pela Estrada de Ferro Leopoldina, que na época estendia-se por 2.060 quilômetros, que mais tarde foram ampliados.

A Estrada de Ferro de Mauá, costeando a baía da Guanabara, corre ao longo de uma zona plana de solo arenoso entre montanhas, depois atravessando um trecho pantanoso com miasma e mosquitos até ao pé da serra. Aqui a linha férrea divide-se em ramais empurrados montanha acima por meio de cremalheiras operando num trilho central. A estrada serpenteia ao redor de encostas de morro, sobe às alturas, cruza pontes sobre impetuosas cascatas e riachos murmurejantes de um lado a outro da garganta e assim ascende 865 metros num percurso de quase 54 quilômetros. Há uma pequena descida deste ponto até a cidade de Petrópolis, que fica entre montanhas. **A subida pela garganta entre a cidade e o mar rodeadas pelas montanhas da Tijuca e do Corcovado, apresenta um panorama não superado por nenhum lugar no mundo.** Em anos recentes uma notável estrada pavimentada foi construída rodeando as terras baixas ao redor da baía de Guanabara, subindo as encostas das montanhas através de um túnel, até Petrópolis. Esta cidade data de 1844 e tem sido sempre o paraíso de verão para governadores, diplomatas e brasileiros endinheirados. A residência do Imperador D. Pedro II ali é um edifício mais alegre e agradável do que o Palácio Imperial no Rio de Janeiro. É uma cidade sem rival no Brasil. Por ela corre o belo e impetuoso rio Piabanha.

Visitei Campos perto da foz do rio Paraíba quando a população era de 20.000 habitantes. O Sr. André Cayret tinha feito um bom trabalho como colportor naquela região. Este bom homem era um francês que foi impossibilitado de ler a Bíblia na sua juventude, mas seu interesse foi despertado por umas poucas frases que ele

tinha lido numa Bíblia exposta na vitrine de uma livraria. Ele seguiu seu interesse por um estudo mais completo do volume quando ele veio para o Brasil, foi convertido e passou o resto de sua vida vendendo o livro sagrado. Ele costumava carregar seu suprimento em uma saca de café. Certa ocasião, ele volta de Niterói para o Rio com sua saca tão cheia de livros como quando fora. Supôs que tinha tido pouco sucesso, mas quando ele tirou para fora o conteúdo da saca, viu que ele tinha trazido uma quantidade de imagens, santos e ídolos, muitos deles de grande valor, que tinham sido enviados a ele por pessoas a quem ele tinha vendido livros.

Outra viagem levou-me a Nova Friburgo, onde estava localizada a terceira colônia de imigrantes, propriamente falando, no país, depois da chegada de DE. João VI, o Príncipe Regente de Portugal, no Rio de Janeiro em 5 de março de 1808 (quando aconteceu a abertura dois portos às nações amigas e o Brasil deixou de ser um lugar fechado ao resto do mundo) e talvez a primeira colônia depois do Decreto de dezembro de 1815, que elevava o Brasil à categoria de um Reino. A colônia foi autorizada em 6 de maio de 1818, por decreto de D. João VI, que havia sido coroado em 5 de fevereiro daquele ano. Os colonos eram suíços e alemães, e em poucos anos chegavam a 3.000, tendo os primeiros chegado em 1820.

Na pequena cidade de Sumidouro, perto de nova Friburgo, eu visitei o padre, como fazia freqüentemente, e ofereci-lhe uma Bíblia. Ele pouco falou, mas mencionou que as únicas diferenças entre nossa Bíblia e a dele eram as anotações e explicações na versão católica. Enquanto nós percorríamos a cidade eu encontrei um soldado de

Garibaldi, que tinha ouvido o Evangelho na Itália, que nos fez uma calorosa acolhida em seu humilde lar.

Fiz 3 viagens pelo vale do Paraíba, através dos Estados do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo. O último estado está na costa marítima ao norte do Rio de Janeiro e tem uma população de 750.000 habitantes. As terras ao longo da costa são baixas e arenosas; o rio Doce divide em duas partes quase iguais o estado e, perto de sua foz, as terras são bem mais altas e se tornam montanhosas à medida que se penetra o interior. O Pico da Bandeira, na Serra do Caparaó chega a uma altura de 2890 metros, o mais alto do Brasil.

Vitória, a capital do estado do Espírito Santo, cortada pela Estrada de Ferro Leopoldina, a 570 quilômetros do Rio e por navio a 265 milhas, está numa ilha da qual o estado tira o nome. Em 23 de maio de 1535, Vasco Fernandes entrou no que ele pensou ser a foz de um rio e sendo aquele dia o domingo do Espírito Santo, deu este nome a ele. A primeira vila recebeu o nome de Nossa Senhora da Vitória dos Goitacazes, mesmo antes que os fundadores tivessem entrado em contato com as tribos selvagens.

Eu havia lido histórias a respeito do trabalho entre os índios do Espírito Santo pelo famoso padre jesuíta José de Anchieta, um caráter quase lendário e a cujo nome muitas histórias maravilhosas foram atribuídas, tornando-o quase um ser divino. José de Anchieta veio para o Brasil em 1553, morreu em 1597 e foi sepultado em sua muito amada cidade de Reritiba, agora chamada em sua homenagem de Anchieta. À época das comemorações do centenário dos jesuítas, em setembro de 1940, foi feita

uma peregrinação a Anchieta para prestar homenagem à memória do padre Anchieta, um herói religioso, considerado "o patriarca da evolução intelectual do Brasil". Eu observei em minhas viagens que a expulsão dos jesuítas em 1759 não destruiu a influência e lembrança de seu trabalho.

Colocamos Bíblias através de toda esta região, pela primeira vez, nas mãos de quem sabia ler. Em anos recentes os missionários protestantes e evangelistas brasileiros, enfrentando oposição fanática e destruição de capelas, tem se reunido, organizando em igrejas os frutos dos primeiros trabalhos lá realizados.

CAPITULO VI

BAHIA NEGRA

Em 1891 com um amplo suprimento de Bíblias e material para acampamento no lombo de mulas de carga e acompanhado de 2 colportores, todos montados em mulas, eu saí de Ouro Preto, para uma viagem de 2 meses pela Província da Bahia, o centro da população negra, que está situada diretamente ao norte de Minas Gerais. Paramos primeiro na mina de ouro em Passagem, onde fomos bem recebidos. Cerca de 100 homens estavam

trabalhando, quebrando 4 mil toneladas de pedras auríferas por mês, das quais extraiam cerca de 54 quilos de ouro. Na região há remanescentes de uma mina que teve proprietários estrangeiros.

Por volta de 1629 um explorador descobriu ouro no rio Vermelho e os mineiros construíram uma vila que eles chamaram de Mariana, em honra a uma princesa austríaca que reinava em Portugal. Quando entramos nesta cidade tudo apresentava um aspecto velho e dilapidado; eram ruas mal pavimentadas, com capim entre as pedras. Muitas das casas e algumas igrejas pareciam em ruínas. Nós entrávamos numa cidade clerical e não comercial. É a sede de um dos velhos e famosos bispados do Brasil. Havia 9 igrejas, um seminário, a residência do Bispo, e uma escola feminina ou convento, nesta pequena cidade de uns poucos mil habitantes. Um considerável número de estudantes para o sacerdócio ("formigas grandes e pretas", como eram chamados) passeavam pelas ruas e ficavam sem fazer nada pelas lojas. Os proprietários se inclinavam em seus cotovelos sobre os balcões e olhavam com olhar perdido para as ruas ou sentavam-se em bancos fumando. Algumas mulheres negras andavam a esmo pelas ruas, juntando trapos (catando coisas, catando lixo) e pedindo esmolas. Via-se muitas crianças brincando com porcos e cães. Havia padres em grande número e ocasionalmente víamos homens e mulheres bem vestidos, com refinamento e educação.

Na tarde do segundo dia, na vila do Morro da Água Quente, eu encontrei um velho homem que possuía uma Bíblia havia anos. Ele me convidou a entrar em sua humilde cabana e falamos sobre o maravilhoso conteúdo

do Livro. Ele tinha convencido um negociante, para comprar no Rio de Janeiro a Bíblia para ele. Ao entardecer eu passeava pela vila, quando vi um grupo de mulheres que tinham vindo encher suas vasilhas com água, num pequeno riacho que descia das montanhas. Todas carregavam pedras pequenas em seus jarros. À minha pergunta uma delas respondeu que as pedras eram do Santuário de Nossa Senhora da Gruta, e eram colocadas nos potes para purificar a água. Todas elas acreditavam que a água ficaria fresca e saudável mesmo que no jarro tivesse apenas uma única daquelas tais pedras.

Num lado da montanha ali perto, havia uma gruta natural dedicada a Nossa Senhora e estalactites quebradas delas, acreditava-se, possuíam propriedades milagrosas. Quando perguntei a uma dessas mulheres, se ela venderia uma das pedras, ela pareceu horrorizada; mas disse que a trocaria por qualquer pequena quantia! Visitei o padre no dia seguinte e ele vigorosamente defendeu as "propriedades miraculosas" das pedras e da água da gruta.

Um lugar de alguma importância que visitei foi Conceição, uma cidade de cerca de 6.000 habitantes. Descobri que o prefeito era um homem liberal, tendo sido membro da Assembléia Constituinte quando se instalou a República. A recente separação da Igreja do Estado causou forte impressão naquela região e muitos estavam prontos a escutar o Evangelho e a comprar Bíblias.

No sábado a correspondência semanal chegava de trem, e da estação era trazida a cavalo, depois de dias de viagem. Um grande número de homens da cidade se juntava em

volta do correio enquanto o chefe do correio dizia em voz alta o nome do destinatário escrito em cada correspondência. Enquanto a distribuição era feita, um dos colportores juntou-se à multidão e começou a oferecer Bíblias e a pregar o Evangelho. Apareceu então um padre que condenou o livro como falso e alertou o povo a não comprá-lo. O colportor o desafiou a comprovar a falsidade da Bíblia. A multidão ficou interessada e alvoroçada e o diretor dos Correios pediu ao colportor que se retirasse do local. O padre admitiu que a única maneira de comprovar sua acusação era comparar nossas Bíblias com a Bíblia aprovada pela Igreja Católica Romana. O colportor então propôs que se fizesse tal comprovação. Quarenta ou cinqüenta pessoas os seguiram para ver o que ia acontecer. Eles compararam muitas passagens nas duas Bíblias e, para a confusão do padre, elas foram reconhecidas como iguais em substância, com pequenas diferenças na fraseologia. O colportor em poucos minutos vendeu todas as suas Bíblias e teve que arranjar mais Bíblias.

Nós estivemos ocupados o dia todo falando com pessoas interessadas e vendendo Bíblias para as pessoas que queriam comprá-las. Eu pedi ao prefeito permissão para pregar na prefeitura no domingo. Ele me deu seu cartão: "COSTA SENNA, DEPUTADO AO CONGRESSO FEDERAL E PRESIDENTE DA INTENDÊNCIA", e escreveu uma ordem pra colocar a prefeitura a disposição de Mr. Tucker e a ministros de qualquer culto. Muitas pessoas acharam que ele teria recusado, já que o homem no comando do Conselho, sabia-se, era filho do padre com quem o colportor tinha discutido um pouco antes. Mas o Deputado (e mais tarde Senador Federal e depois vice-governador de Minas Gerais) não somente deu permissão

para o uso da prefeitura como assistiu ao serviço (culto). O grande salão ficou cheio com pessoas para ouvir e ver.

Depois do sermão cerca de 20 homens permaneceram para conversar conosco e para pedir mais informações sobre a verdade do Livro. Quando saímos da prefeitura, eu vi prisioneiros olhando através das grades de ferro da cadeia num porão e paramos ali para pregar também para eles.

A nossa viagem seguiu através de uma zona montanhosa e árida que antes tinha sido um distrito famoso por seus diamantes, cerca de 1200 metros acima do nível do mar, até a cidade de Diamantina. A Coroa de Portugal reivindicou a riqueza dos diamantes e estabeleceu uma área de cerca de 14 léguas em diâmetro, que era há tempos conhecida como "Distrito Proibido do Diamante". A cidade foi por muitos anos um mercado próspero de ouro e diamantes e é a sede de um bispado católico.

Todos os esforços para encontrar abrigo na cidade foram em vão, mas encontramos guarida num rancho fora da cidade. Fui informado que o Bispo e padres tinham sabido de nossa vinda e alertaram as pessoas contra nós, ameaçando de excomungar quem nos desse abrigo.

Eu procurei permissão com as autoridades civis para vender nossos livros e fui recebido amavelmente pelo presidente do Conselho da Câmara, que tinha o ilustre nome de Nelson. Mais tarde pedi para pregar na Câmara Municipal no domingo seguinte. Ele hesitou diante do pedido, mas me referi ao Senador Federal Costa Sena

daquele distrito e mostrei o cartão pelo qual aquele oficial tinha colocado a câmara municipal em Conceição à minha disposição. O presidente achou de bom alvitre consultar o Conselho que concordou em por o recinto às minhas ordens.

Neste ínterim, visitamos a cidade. O culto à Maria e a adoração de várias cruzes e imagens era espantosa. Centenas de pessoas beijavam as cruzes que estavam nas esquinas e em frente das igrejas. Muitos recusaram receber nossos convites escritos para a reunião; outros os rasgavam com desprezo ou os enrolavam em pequenas bolas que atiravam nos colportores. Alguns nos chamavam de "demônios" e "anti-cristo" e se persignavam (ou seja, benziam-se, faziam o sinal da cruz, utilizando o polegar da mão direita faziam 3 cruzes, uma na testa, outra na boca e outra no peito, enquanto diziam: "Pelo sinal da santa Cruz, livrai-nos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos") para evitar o mal que supunham estar em nós. Muitos fugiam para dentro de casa à nossa chegada e fechavam as portas e janelas. Os colportores ficaram temerosos e me pediram para deixar o lugar, mas eu estava resolvido a ficar e pregar sobre "Deveis adorar o Senhor teu Deus e só a Ele servirás".

Eu nunca tive uma sensação de responsabilidade e medo como senti naquela manhã de domingo quando preguei o primeiro sermão protestante naquele lugar. Quatrocentos ou quinhentos homens e uma mulher enchiam as duas amplas salas. Eu nunca tinha tido diante de mim uma audiência tão grande de pessoas realmente curiosas. Aparentemente não havia um só questionador sério em todo o grupo. Preguei por mais de uma hora. E a

curiosidade logo se transformou em séria atenção. Meus medos desapareceram e fiquei consciente de um poder que nunca tinha sentido antes em meu ministério. A mudança nos rostos de meus ouvintes era marcante; todos estavam sérios e alguns choravam. Ao final de meu sermão muitos ficaram à minha volta fazendo perguntas. “Como pode dizer tais coisas”, eles perguntaram, “quando os padres dizem que vocês adoram o diabo e distribuem um livro cheio de mentiras?” Eu respondi que meu livro continha somente as coisas das quais eu tinha falado em meu sermão, e vários nos seguiram para obter cópias. Na volta para nosso abrigo fomos apedrejados por um grupo de rapazes mandados por um padre.

Tivemos um outro culto à noite com o mesmo interesse. Ao final, um jovem que tinha freqüentado uma escola presbiteriana em São Paulo, levantou-se e anunciou que era protestante e que somente os protestantes eram cristãos. Suas palavras criaram uma grande agitação, muitos defendendo e outros condenando seus comentários. Passamos 4 dias neste lugar, dias cheios de emoção e perigos, e partimos deixando muitos amigos e um grande número de Bíblias.

Viajamos adiante por 4 dias até a cidade de João Batista, num vale perto das cabeceiras de um tributário (afluente) do rio Jequitinhonha. Quando mostramos nossos livros houve grande balbúrdia e o povo tomou atitudes ameaçadoras. Um padre apareceu e leu uma carta do Bispo de Diamantina nos denunciando; nossas Bíblias eram falsas e incitando os fiéis da igreja Católica a nos escorraçar, quando chegássemos. Isto acrescentou combustível ao fogo. A multidão carregava vários tipos de

armas e um homem ficou na porta de uma casa e apontou uma arma para atirar. Um colportor pediu permissão para falar antes que nos matassem e, na pausa que seguiu, ele explicou nossa Bíblia e pediu ao padre para mostrar a sua, para comparação. O padre respondeu que não possuía uma Bíblia O colportor tirou de sua sacola um Testamento Coimbra, aprovado pelas autoridades católico-romanas e começou a comparar com o exemplar editado pela Sociedade Bíblica Americana. O padre gritou que era um truque, e então a versão católica foi passada em volta às mãos dos que soubessem ler para que vissem permissão da "imprimatur", ou seja, que a Bíblia era legítima e autorizada pela Igreja Católica. Os brasileiros são facilmente convencidos por qualquer coisa impressa, e alguns comentaram que o padre tinha rejeitado a Bíblia da igreja. Outros quiseram comprar nossas Bíblias. O padre retirou-se desgostoso e os colportores venderam seu estoque de 32 Bíblias.

Fomos para o pequeno riacho onde nossos animais estavam sendo cuidados e descansamos enquanto um dos nossos foi procurar alimento e provisões para a viagem que faríamos. Subitamente um grupo de 30 a 40 pessoas, todos armados com revólveres, se lançou contra nós. Acreditamos que desta vez seríamos mortos, mas enquanto um homem apontava seu revólver para meu peito, levantei minha mão e pedi para ser ouvido antes de minha morte. Tirando o Novo Testamento Católico de meu bolso, eu li o conhecido versículo do Evangelho de João 3:16 e pus-me a explicá-lo.

O grupo escutou e eu expliquei o texto sobre o amor de Deus, por cerca de 30 minutos. Os homens escutavam; a

maioria deles guardou suas armas e alguns tinham lágrimas nos olhos. Meu subterfúgio desesperado para escapar da morte resultou num triunfo espiritual. Os homens compraram nossas Bíblias e nos pediram que ficássemos e contássemos mais sobre o livro maravilhoso. Mas os padres ficaram furiosos e sabíamos que uma multidão mais numerosa e mais forte estava sendo organizada para nos atacar e nos matar durante a noite. Por prudência achamos melhor seguir adiante. Quando nos afastávamos e olhamos para trás, para o grupo silenciosamente nos olhando, sentimos as lágrimas correrem de nossos olhos. Demos graças a Deus que nos livrou da violência e maldade dos homens, dando à verdade a possibilidade de entrar naquela comunidade.

Logo alcançamos outra vila fanática. Somente um homem falou conosco ou deixou que falássemos com ele. Mostramos a Bíblia, mas ele recusou-se a tocá-la ou mesmo a olhar para ela, tremendo de medo, e ele disse que preferia tocar numa cobra venenosa, pois ele acreditava que cairia morto se pusesse suas mãos no livro sagrado.

Prosseguimos viagem para chegar à estrada que nos levaria para a costa marítima. Tomamos um caminho através de uma zona habitada por índios selvagens que tinham ficado furiosos contra o Governo por ter este aberto uma estrada através de seu território e tinham recentemente matado um homem branco. Fomos aconselhados a passar por suas vilas durante a noite, e tínhamos que viajar por longos trechos de floresta virgem durante o dia. Durante 3 dias e noites quase não dormimos e quando chegamos à estrada de ferro homens e animais estavam exaustos. Durante a última parte de

nossa viagem, restavam poucos livros para distribuição.Vendemos nossos animais, tomamos o trem para a costa e seguimos de navio para o Rio.

Durante esta jornada de 6 semanas nós viajamos cerca de 800 quilômetros; visitamos 28 cidades e vilas que jamais haviam sido visitadas por colportores ou missionários e vendemos quase 700 Bíblias, na maioria para pessoas que nunca tinham ouvido falar nela, e pregamos para centenas que nunca tinham ouvido o Evangelho.

Quando tinha deixado acertado os negócios necessários no meu escritório, eu outra vez me pus na direção norte, com meus colportores, bem abastecidos de Bíblias, esperando ir para o interior da Bahia e fazer um levantamento do território. Bahia de Todos os Santos, na qual está a cidade da Bahia e a baía de Todos os Santos, considerada uma das mais belas baías do mundo. A cidade foi fundada por volta de 1550 e foi chamada de São Salvador, por ordem do rei de Portugal. Deveria ser "bastante forte para manter os nativos amedrontados e também para resistir os ataques de qualquer temível inimigo". Bahia permaneceu como sede do governo até 1763 (quando então este foi mudado para o Rio de Janeiro) e era o centro da história política, social e religiosa nos tempos coloniais. Aqui apareceram os primeiros jesuítas, o primeiro convento, as primeiras sedes episcopais e arcebispados. Desde o início foi o primeiro baluarte do catolicismo. Olhada externamente poderia ter mil anos de idade.

Este era o centro do comércio de escravos e a Bahia ainda é chamada "a África do Brasil". Milhares de negros ainda

hoje prestam culto a amuletos, usando os talismãs que seus antepassados trouxeram da África. A população é de 385.000 habitantes. Não obstante seu aspecto singular e aparência de velha, muitos melhoramentos modernos foram feitos. A cidade é bem iluminada e tem bom fornecimento de água. Uma estrada de ferro vai até Juazeiro, nas margens do Rio São Francisco, distante cerca de 590 quilômetros.

Da Bahia nós atravessamos a baía e fomos rio acima por cerca de 70 quilômetros e dali, por estrada de ferro, a 240 quilômetros ao longo do vale do rio Paraguaçu. Passamos por muitas dificuldades. Compramos mulas de um homem que havia levado para a costa uma carga de feijão e café. Como a estrada que levava a Lençóis era cheia de curvas, tomamos um caminho mais curto pela floresta, cruzamos o rio numa velha canoa que fazia água e ameaçava nos afundar e ficou presa num grade pântano cercado por uma floresta densa. As mulas caíram na lama e foram forçadas a nadar, com dificuldades, uma considerável distância até a terra. As noites eram muito desconfortáveis. Uma noite procuramos durante horas, por água; o sono trazia um alívio parcial, e de manhã o canto de um galo nos levou até onde encontramos água. Uma tarde fomos seguidos por 3 onças ou jaguares brasileiros, mas não nos atacaram. Naturalmente havia poucas oportunidades de trabalho, mas algumas Bíblias foram deixadas em algumas cabanas.

Em 19 de outubro de 1888, quando chegamos perto de Lençóis, encontramos um homem que nos contou que encontraríamos oposição. Uma multidão instigada pelo padre estava pronta para nos expulsar do lugar. Enquanto

ainda estávamos na floresta, desmontamos e nos ajoelhamos em oração e então fomos em direção da cidade.

Era um conjunto de casas de um só pavimento, aninhadas na base de montanhas áridas e rochosas. O solo, ao longo das margens do rio e a pouca distância das montanhas, tinha sido revolvido, peneirado e lavado à procura de diamantes. Não havia hotel, mas foi possível alugar uma casa pequena. A notícia que tínhamos recebido foi confirmada pela informação que o padre tinha sabido de nossa chegada e tinha organizado um grupo para nos fazer oposição. Visitei as autoridades da cidade que nos receberam cortesmente e nos deram permissão para vender livros nas ruas. Era ilegal pregar nas ruas, porém o chefe de polícia se propôs a encontrar uma sala em que pudéssemos falar para as pessoas que nos quisessem ouvir.

Voltamos ao nosso quarto, preparamos o jantar e nos sentamos para descansar. Quase imediatamente começou o barulho de pedras contra o prédio. Uma multidão tinha chegado e com muitos gritos e zombaria as pessoas continuaram a apedrejar a casa por cerca de uma hora. Por fim, um dos colportores abriu a porta, explicou aos líderes do grupo que tínhamos vindo em missão de paz e distribuiu alguns panfletos pedindo que nos procurassem pela manhã. A atitude dele funcionou. A multidão desapareceu.

Quando abrimos a porta na manhã seguinte um grupo de pessoas já nos esperava: muitos entraram, alguns para comprar livros, outros para fazer perguntas e outros para

olhar curiosamente os primeiros protestantes que tinham visto. Passamos todo dia falando com pessoas e vendendo Bíblias.

À noite fomos à sala indicada pelo chefe de polícia como o lugar para nossa reunião. Estava cheia de pessoas e muitos ficaram de fora. O culto pareceu proveitoso e eu anunciei que mais duas reuniões similares seriam realizadas no dia seguinte. Em todas ocasiões houve ordem e bastante atenção. O chefe de polícia havia mandado soldados para controlar qualquer distúrbio. Um considerável número de pessoas mostrou interesse em nossa mensagem e veio para posteriores explicações depois do culto. Vendemos um grande número de nossas Bíblias, e como o segundo dia de nossa estada na cidade coincidia com o dia de feira, muitos desses volumes foram levados para o interior do país por fazendeiros que vinham fazer compras. Encontrei um protestante neste lugar; um negro que trabalhava na casa do Juiz de Paz. Ele nasceu na Bahia, mas cedo tinha ido para a África onde foi convertido, tornando-se membro da Igreja Wesleyana. Suas viagens o tinham levado à Inglaterra e Nova York e de volta ao seu estado nativo. Ele era um membro respeitado na comunidade e juntou-se calorosamente aos nossos cultos.

Alguns frutos de nosso trabalho aqui realizado apareceram mais tarde. Foi recebida uma carta no Rio de Janeiro de um cavalheiro dizendo que 24 pessoas estavam se reunindo e estudando os livros deixados pelos colportores. Estavam se esforçando para adorar a Deus de acordo com a nova fé, da melhor maneira que podiam e

rogaram que fosse enviado um pregador para instruí-los da melhor maneira.

Poucos dias depois de deixar Lençóis, senti a necessidade de voltar para meu escritório no Rio. Um itinerário que dava voltas foi preparado para os colportores que deviam continuar a viagem através do Estado. Eles visitaram muitas cidades e vilas, pregando para o povo, distribuindo Bíblias e enfrentando a oposição que agora sabiam, ser esperada. Na cidade Vila Jibóia, um dos colportores, José C. da Silva, foi atacado por uma multidão armada e organizada pelo padre. Eles se apossaram e queimaram seus objetos, inclusive 47 Bíblias, 50 Testamentos, 100 cópias de seus evangelhos e dinheiro no valor aproximado de $ 50,00 que ele havia colocado em sua própria Bíblia, por segurança. Ele procurou auxilio com o chefe de polícia mas foi informado que nada podia ser feito já que o padre era o prefeito da cidade, um membro da legislatura estadual e a principal autoridade do lugar.

Diante de tais dificuldades e perseguições, conseguimos implantar a semente do Livro Aberto, através desta grande e pouco conhecida Província da Bahia, semente que estava destinada a crescer e, anos mais tarde, dar muitos frutos para a fé evangélica e para idéias democráticas. Muitos anos mais tarde um cientista americano fez uma viagem para fazer pesquisas neste estado e disse-me que freqüentemente ficava surpreso ao descobrir indivíduos e grupos que ainda guardavam como tesouros as Bíblias que tinham obtido há muito tempo, de uns estranhos homens brancos passando pelo pais. Num tributo publicado a"heróis desconhecidos" um proeminente brasileiro declarou: " Onde o pregador do Evangelho vai pela primeira vez, em qualquer comunidade, ele encontra uma ou mais pessoas que o

recebem com simpatia e que, as vezes com preces fervorosas a Deus, tinham pedido a visita deles. Um possui uma Bíblia; outro sabe como cantar hinos; muitos têm lido textos evangélicos. Quem fez este trabalho ninguém sabe. Por lá, tempos atrás, passou um colportor, um pobre crente ferozmente perseguido de outra comunidade e que foi parar naquele lugar ou pelo menos refugiou-se lá por algum tempo, um anônimo, com certeza, que preparou o caminho para o pregador. Sei de casos onde a congregação já era uma realidade e onde a casa de oração já fora construída, quando o missionário ou evangelista chegou."

CAPÍTULO VII

RIO SÃO FRANCISCO

O rio São Francisco, o maior rio inteiramente brasileiro, nasce na serra da Canastra, a 830 metros acima do nível do mar, no sul de Minas Gerais, corre para o norte, corre para o norte pelo Estado da Bahia, então se curva para sudeste e deságua no Atlântico. Entre os estados de Alagoas e Sergipe. Ele percorre uma distância de cerca de 2.117 quilômetros e drena uma área de 626.945 quilômetros quadrados. É um rio impetuoso, mais notável por sua largura do que por sua profundidade, caracterizado por suas cachoeiras, corredeiras e cascatas, sobressaindo a Cachoeira de Paulo Afonso que tem um potencial de energia de um milhão de cavalos-vapor. Fui atraído por esta região em 1888 pelo estudo de um mapa, pela emoção de minhas prévias aventuras e sucessos nos estados do Rio de janeiro, Minas

Gerais e Bahia e pela leitura de 2 livros: “ Três mil milhas pelo Brazil “, de James W. Wells, e “ A província de São Francisco “, por um autor brasileiro.

Minha viagem por estrada de ferro do Rio de Janeiro a Jaguará, naquela época o termino da Estrada de ferro Mogiana no rio Grande. Neste ponto os colportores me encontraram com nove mulas carregadas com nossas barracas, provisões, roupas, material para acampamento e Bíblias. Seguimos para o norte durante 6 semanas por uma rota circular, cobrindo 640 quilômetros, fazendo colportagem e trabalho evangélico pelo caminho, ao rio Preto, que corre para o Paracatu, o maior tributário ocidental do São Francisco.

Viajamos através de um terreno variado, sobre montanhas ásperas, planícies cobertas de grama, armando nossas barracas a noite onde houvesse capim fresco para os animais, perto de pequenos riachos. Uma vez ficamos desesperados para achar água quando um colportor sugeriu que puzéssemos uma das mulas na frente e lhe déssemos a direção; ela nos levou a um agradável riacho em 30 minutos. A região era quase desabitada mas passamos por umas colônias e encontramos algumas pessoas; em todas estas ocasiões apresentamos nossos livros e falamos de nossa missão. Um homem ficou muito interessado em nossa história mas declarou que ele não podia acreditar que o filho de Deus morreu pelos pecados dos homens 900 anos atrás, do contrário algumas pessoas lhe teriam contado antes.

Na cidade de Bagagem recebemos boas vindas cordiais de dois missionários presbiterianos: Rev. John Boyle e Rev. G.W. Thompson, em cuja companhia eu vim para o Brasil. Preguei em Estrela do Sul, uma pequena cidade assim chamada por causa do nome do segundo maior diamante do mundo. Esta gema foi

encontrada em 1835 por um negro que a usou para comprar sua liberdade. Depois de ter sido lapidada em Amsterdam, ela pesava 125 quilates e foi avaliada em aproximadamente $ 12.000.000. Poucos anos atrás ela pertencia ao Pachá do Egito.

De Bagagem viemos para Paracatu, com uma população de 5.000 habitantes, situada às margens do rio do mesmo nome. Grande quantidade de ouro foi tirada das montanhas e das margens do rio por aqui e depois de uma chuva pesada muitas pessoas são empregadas em recolher sedimentos, lavando ouro.

O povo e as autoridades nos receberam cordialmente e nos deram permissão para pregar nas ruas. Ficamos 9 dias e tivemos um bom grau de sucesso. Duas razões são apontadas para a falta de oposição aqui. Alguns colportores tinham passado por lá alguns anos antes e algumas pessoas influentes tinham estudado a Bíblias por eles deixadas e o padre era velho e rico e não mais se preocupava com o que acontecia com o povo. O trabalho evangélico sempre prosperou por aqui.

Em Paracatu nós vimos um homem que usava um longo manto preto e roxo andando pelas ruas, de porta em porta, carregando uma vara comprida á qual estava presa uma pequena pomba de prata e um prato de coleta coberto com um bonito pano bordado. As pessoas abordadas tinham que beija-lo e depositar dinheiro no prato. Numa tarde de domingo eu vi o que era conhecido como a Procissão do Espírito Santo. O velho padre e um grupo de pessoas, com acompanhamento de música e foguetes passavam pelas ruas carregando a vara com a pomba de prata e uma bandeira com a figura de pomba. O homem com a vara coletava dinheiro para pagar a procissão e, como nos contaram, já que a parada custava

pouco ou nada, o padre aumentava a sua já grande riqueza.

De Paracatu fomos para Rio Preto a 104 quilômetros ao norte.

As terras pelas quais passamos era plana e pantanosa e quase desabitada. Pássaros e animais selvagens eram numerosos e a malária era epidêmica. Depois de dois dias e meio de viagem, chegamos ao rio e fomos recebidos na casa de um fazendeiro. Alguns dos escravos e outras pessoas ficaram muito impressionados com novos cantos e pediram cópia dos hinos, especialmente "O sangue precioso de Jesus." Como não podiam ler fiquei curioso por saber o que fariam com os hinos. No dia seguinte fiquei sabendo que eles colocavam em pequenos sacos, usando-os como amuletos ao redor do pescoço. Acreditavam que a posse de um dos hinos traria salvação para o seu dono. Naturalmente demos a eles melhores instruções.

Compramos uma canoa grande de um só tronco de 8,5 metros de comprimento, 75 centímetros de profundidade e 90 centímetros de largura. Demos a ela o nome de "Boas Novas". Carregamos nossas Bíblias e outros utensílios, empregamos um piloto e um remador e começamos nossa viagem Rio Preto abaixo. O nome do ro era muito apropriado. Suas margens lamacentas eram densamente cobertas com árvores, arbaustos e trepadeiras. Papagaios, macacos, jacarés, capivaras e outros animais e pássaros estavam em toda parte. Nos 90 quilômetros até a foz deste rio nós não vimos um ser humano; em 72 quilômetros no rio Paracatu vimos somente um homem.

A primeira vila que alcançamos tinha 125 habitantes, todos negros. Receberam-nos bondosamente e

o chefe permitiu que pregássemos e pessoalmente convidou as pessoas. Ao cair da noite andamos pelas ruas chamando as pessoas em voz alta para se reunirem e ouvirem o Evangelho. Penso que quase todos, homens, mulheres e crianças do lugar vieram ouvir a mensagem.

Na vila de São Romão, enquanto descansávamos sob uma grande árvore à margem do rio, em uma tarde de domingo, ouvi música rude e vi uma multidão marchando para o rio. No meio estava um pequeno burro, bem enfeitado; indagando a respeito, fiquei sabendo que estas pessoas estavam prestando culto ao animal em comemoração à entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, sobre um asno.

As pessoas disseram que este burro era sagrado e nunca era usado para qualquer outro tipo de trabalho. Perto desta cidade, passamos uma noite na casa de um homem que residia nos barrancos do rio. Ele ficou interessado no que lhe contamos, comprou uma Bíblia e rogou que o visitássemos outra vez.Vários anos depois recebi uma carta de um ministro presbiteriano que tinha estado naquela área. Ele me contou que o homem com quem passamos aquela noite tinha viajado 192 quilômetros para ouvi-lo pregar, falou de minha visita e da venda da Bíblia, e pediu a ele que mandasse um pregador para a comunidade. O homem tinha organizado um grupo de seus vizinhos e lia a Bíblia regularmente para eles.

Seguimos 160 quilômetros para Januária, assim chamada em

Homenagem á irmã do Imperador D. Pedro II. Tinha uma população de cerca de 7.000 habitantes. Ali alugamos uma casa na qual preguei várias vezes e ensinei às

pessoas que me procuravam. Nossos colportores venderam 126 Bíblias.

Encontramos um espírito liberal do povo aqui. O fato se explica da seguinte forma: Thomas Goulart, um espanhol, tinha visitado a cidade há vinte anos atrás e tinha deixado umas poucas Bíblias. O resultado era visível na atitude tolerante do povo, embora nenhum missionário ou colportor tivesse passado por lá nesse meio tempo. As mentes dos locais ficaram inseguras lendo o Evangelho e muitas procuraram explicações. Pediram-me que lhes mandasse um pregador, mas apesar da clara oportunidade que se apresentou, 12 anos mais se passaram antes que suas orações fossem atendidas.

Andando pelas ruas um dia, minha atenção foi despertada por um barulho peculiar vindo de uma escola. O professor tinha um grupo de crianças a sua volta, todas querendo ler o mesmo livro; vários outros grupos estavam espalhados, cada grupo com um livro e todos soletrando e lendo em voz alta. Quando cheguei à porta da escola um menino veio e me perguntou sobre o livro que tinha em minha mão; ele carregou o livro para o professor e então correu para casa para pegar algum dinheiro para comprar o Evangelho. Em pouco tempo seu exemplo foi seguido por um bom número de seus colegas. Voltei no dia seguinte e encontrei-os todos estudando e lendo seus Novos Testamentos.

Em Januária recebemos a notícia da assinatura da Abolição da Escravatura pela Princesa Isabel, no Rio. A informação veio de Ouro Preto na noitinha de domingo, 27 de maio de 1888. Houve grande regozijo entre o povo e uma comemoração grosseira e barulhenta foi organizada. A maioria dos escravos abandonou logo seus senhores; quando seguimos adiante vimos muitos gruposdeles indo para cidades maiores em busca de abrigo

e alimento. Muitos encontraram trabalho em fazendas, outros continuaram fielmente com antigos senhores, outros tornaram-se abandonados nos grandes centros.

Cerca de 96 quilômetros de Januária visitei a quase deserta cidade de Morrinhos. Aqui, as ruínas de uma grande igreja com duas torres maciças estavam bastante bem preservadas e facilmente vistas a distância. A vila tinha tido antes trinta ou mais casas, mas estas estavam agora em decadência. A rua e toda a vila estava entregue ao mato e ao capim. Eu fiquei imaginando por que, como e quando esta velha e sólida igreja e suas dependências tinham sido construídas.Supunha-se que sua origeam se devia a piedade de um certo Mathias Cardoso, que nos primeiros dias de vida veio de São Paulo e se estabeleceu nestas terras agrestes. Embaixo do altar havia uma lápide quebrada, com esta inscrição: "Aqui jaz Januário Cardoso de Almeida". Não há datas. Ceraca de 40 anos atrás morreu um homem na vila com a idade de 113 anos e dizia-se que o túmulo lá estava quando ele nasceu.

Na cidadee de Carinhanha encontramos hostilidades por parte do padre que foi mais violento em denunciar-nos e às nossas Bíblias, mas fomos bem recebidos pelas autoridades e pela maioria das pessoas. Descobrimos a existência de 2 Biblias na cidade, deixadas pelo colpoartor espanhol já mencionado,e elas haviam sido lidas pela maioria das pessoas alfabetizadas do lugar.. Conseguimos uma casa e fizemos pregação mas vendemos somente 8 Bíblias, porque poucos sabiam ler.

O curso do rio agora era reto e não havia vilasa serem visitadas, assim, dormimos em nossa canoa e flutuamos a favor da corrente. Este rio, como o Nilo, enche na estação chuvosa, de novembrao e maraço, deixando extensos depósitos de areia rança. No começo da estação seca o povo desce dos montes, trazendo seeus

utensílios e plantam no solo fértil sob estas areias. Constroem cabanas cobertas com folhas de palmeira ou se abrigam sob as frondosas árvores chamadas gameleiras, doarmem em esteiras tecidas de taboas e cultaivam milho, feijão, arroz, batatas, mandioca e outros produtos. Enquanto a plantação cresce, eles pescam, cortam, salgam e secam ao sol, os peaixes do rio.

Durante a estação os comearaciantes sobem o rio em canoas e balsas com suprimentos de sal, mercadorias secas e outras provisões para seerm trocadas com os nativos por feijão, arroz, peixes secos, couro cru e outras coisas. Antes que comecem as chuvas os comerciantes carregam seus barcos e estão parontos para descer o rio com a primeira cheia, enquanto os agricultores juntam sua colheita e compras e voltam para suas cabanas onde ficam em relativo ócio, até a próxima estação de plantio.

A etapa seguinte de nossa viagem a partir de Carinhanha foi de cerca de 130 quilômetros à famosa Bom Jesus da Lapa. Quando nos aproximávamos da vila tivemos uma esplendida visão do que é chamado " o leão agachado" ou "esfinge sem cabeça", um grande bloco rochoso de 260 metros de comprimento, 50 metros de largura e 60 metros de altura. Ela é notável por suas linhas perpendiculares, parecendo pináculos e lados denteados como espigões voadores de um templo gótico. Rachaduras profundas correm horizontalmente, formando caneluras de alvenaria. A ponta sul é um precipício com uma listra longa, ampla e amarela, e onde a pedra foi removida. A cor da massa é geralmente cinza ardósia com finos e belos cristais do mais branco calcáreo. No lado sudeste há uma lapa natural com cerca de 35 metros de comprimento e variando em largura de 10 a 20 metros. É nesta lapa que a famosa imagem é guardada.

Visitamos o padre para pedir permissão para visitar o santuário mas fomos informados que não deveríamos profanar o lugar sagrado. O sacristão, porém, foi convencido a nos mostrar o templo. Quando chegamos perto da imagem, o sacristão perguntou a respeito dos livros que tinha em minhas mãos; quando informado que eram Bíblias, ele comprou um exemplar, leu umas poucas linhas e colocou-a cuidadosamente na gaveta de uma mesa sob o relicário.

A entrada para a lapa estava fechada com uma porta de madeira resistente e tinha um cadeado bem forte. Seis degraus de pedra levavam a esta porta e dentro há um vestíbulo e 10 degraus de tijolos levando à lapa. Perto da entrada o teto é plano e sobre o altar é arqueado, embora irregular todo ele; em muitos lugares vimos estalactites e estalagmites. O altar está no fundo da caverna numa plataforma. A imagem de Bom Jesus da Lapa não tem mais do que 60 centímetros de altura e fica num sacrário enfeitado. Dizem que há muitos túmulos debaixo do assoalho velho e fraco. As paredes são cobertas com votos em forma de mãos, pés e outras partes da anatomia humana, e até corpos inteiros, representando os milagres de cura realizados pela imagem.

Há duas histórias para a origem da imagem: que ela foi trazida da Espanha por um rico espanhol que usou a lapa como moradia, em penitência por seus pecados e outra que ela apareceu a um monge que habitava a lapa com alguns tigres. Um padre afirma que ela tem cerca de 400 anos o que a leva à descoberta do Brasil e que ela era adorada pelos homens vermelhos antes que fosse descoberta pelos católicos romanos.

As peregrinações ao templo que vêm aumentando em tamanho e número desde 1860, levam a uma média de 25.000 pessoas anualmente, e que prestam culto a este

sacrário. Estes pobres devotos contribuem com milhares de dólares por ano em oferendas votivas à imagem; a caixa de ferro a seus pés está sempre pronta a receber as ofertas.

Bom Jesus da Lapa em 1874 possuia 3 fazendas, bem lotadas de gado e cavalos, bom número de escravos e $50.000 em dinheiro. Antes do ato de emancipação de 1888 ela libertou todos os escravos, mas ainda possuía as fazendas e o dinheiro. A eleição anual para a junta administrativa da irmandade é uma ocasião de muita contenda e questões políticas, já que é geralmente sabido que cada membro enche seus bolsos durante o ano. O padre na direção é o administrador de tudo; no festival anual em agosto ele convida seus amigos clérigos a participar das cerimônias e diz-se que ele se despede deles com suas bolsas cheias.

Nossa viagem a seguir até a cidade de Barra, tinha cerca de 290 quilômetros. Às vezes acampávamos na margem á noite, acendendo fogo para assustar animais bravios e cobras. Os mosquitos e miasma nos ameaçavam. Uma noite, quando tínhamos nos livrado dos mosquitos, dormimos tão profundamente que nosso fogo se apagou. Fomos despertados pelo barulho de algum grande animal andando pelo mato. Logo vimos uma enorme onça; atiramos e ela fugiu com um berro. Depois apareceu um lobo uivante. Achamos melhor acender o fogo outra vez.

Um dia, nos arredores de uma cidade vi um homem louco preso ao tronco de uma grande árvore. A frágil porta de uma cabana de barro estava aberta e uma voz fraca nos convidou a entrar. Um velho homem jazia numa rede. Comecei a falar sobre o Livro e do Salvador nele revelado. Com mãos fracas e trêmulas ele tirou de uma pequena caixa um exemplar do Novo testamento e o deu para mim dizendo: “Sei tudo sobre este livro; tenho-o

lido por 19 anos e tenho tentado seguir seus ensinos. Ele contou-me que tinha maravilhosamente recebido a Luz e da sua alegria da salvação através da leitura e da oração. Sou um velho homem, disse ele e logo morrerei, mas dou graças a Deus por ter aprendido que minha alma não precisa ir para o purgatório e não precisa depender de dinheiro ou de amigos que comprem minha salvação."

O nosso suprimento de Bíblias estava acabando e nós decidimos cobrir os 1100 quilômetros entre nós e o mar tão rapidamente quanto possível. Paramos na cidade de Barra, com cerca de 6.000 habitantes, notável por ser o berço de nascimento do Barão de Cotegipe, primeiro ministro durante os últimos dias do Império. Foi o lugar mais surpreendente desde que deixamos Januária. Visitei o chefe de polícia para obter permissão par vender nossas Bíblias e fiquei surpreso de ouvi-lo dizer: " Está falando com alguém que tem a mesma crença que você. Por muitos anos tenho desejado ver um ministro do Evangelho e graças a Deus, ele veio afinal". Este oficial tinha por muitos anos uma Bíblia deixada por um colportor que por lá passara duas décadas atrás. Ele tomou providências para nos alojar e um salão para nossas pregações, e, para nossa proteção, mandou um soldado nos acompanhar pelas ruas. Durante o tempo que passamos na cidade nossas reuniões se realizaram em ordem e foram bem atendidas. Colocamos 29 exemplares de Bíblias em casas de pessoas.

Nossa próxima parada foi em Juazeiro, uma cidade baixa às margens do rio, que neste ponto tem cerca de 800 metros de largura. Já era ligada à Bahia por estrada de ferro e o fato de a largura do rio oferecer amplo espaço para navios de carga, indicavam a futura importância desta cidade. Aqui vendemos nossa canoa e seguimos de

barca 120 quilômetros rio abaixo para a vila de Boa Vista, onde vendemos 18 Bíblias.

Em Boa Vista nós alugamos uma canoa maior para nos levar pelas corredeiras, a Jatobá, acima da famosa cachoeira de Paulo Afonso. Esta foi a parte mais emocionante e perigosa de nossa viagem. As curvas muito fechadas, a fúria e impetuosidade das águas, fizeram com que nossos homens ficassem na proa do barco com longas varas para manter o barco no rio e evitar sua destruição contra as rochas pontiagudas. Um desses homens falhou em manipular sua vara com precisão e nosso barco colidiu com as pedras. Chegamos à terra com segurança, porém, e depois de consertar nosso barco, conseguimos chegar à vila de Cabrobó, tirando água do barco. Na vila conseguimos outro barco e prosseguimos corredeiras abaixo, para Jatobá.

Entre Juazeiro e Jatobá há ilhas sobre as quais os jesuítas, anos atrás construíram grandes igrejas, algumas das quais agora estão em ruínas. Burton escreve a este respeito “Agora entramos na sede das extintas missões jesuítas, uma terra em ruínas, estranhas num país tão jovem; e vemos atônitos, que mais de século atrás que a região em torno era muito mais desenvolvida do que é no presente. Os jesuítas certamente ensinaram a seus convertidos a civilização do trabalho, e agora, os índios da vila deixaram cair suas capelas e estão rapidamente caindo em decadência.”

As imagens de muitas destas ruínas foram removidas para a igreja em Boa Vista, que se orgulha da maior coleção de tais objetos das igrejas daquela zona. Eu fiquei especialmente impressionado com as magníficas proporções de 4 daqueles templos, dedicados respectivamente a Santa Maria, Santo Antônio, São Miguel e São Felix. Morcegos, lagartixas, pombos,

aranhas e outras criaturas habitam 3 delas. Nossos canoeiros foram à mais bem preservada destas igrejas para rezar e colocar dinheiro na caixa. Nela havia uma imagem que tinha poder sobre as corredeiras e só aqueles que rezam e pagam, obtêm uma passagem com segurança. Os homens ficaram alarmados quando recusamos a seguir seu exemplo e tivemos alguma dificuldade em induzi-los a continuar a viagem a menos que contribuíssemos com alguma coisa para a imagem.

Indo por estrada de ferro de Jatobá a Piranhas eu vi a famosa cachoeira de Paulo Afonso, considerada como a segunda depois de

Niagara. As águas, ligeiramente menores em volume do que Niagara, jorra num canal estreito, entre duas paredes naturais de granito, e então saltam em 3 grandes quedas, aumentadas para 4 na estação chuvosa. . A principal queda forma uma curva, e a meio caminho as águas correm contra o lado norte do canal, quebram-se em espumas e borrifos e pulam loucamente precipício abaixo por dentro das profundezas selvagens. Este canal tem cerca de 20 metros de largura e a altura de todo o sistema de corredeiras, cascatas e cataratas têm cerca de 90 metros.

De Piranhas prosseguimos de barco, 40 quilômetros a Pão de Açúcar e de lá para Traipu. Minha presença nesta última cidade foi barulhenta e o padre ordenou a uma multidão para matar-me ou expulsar-me do lugar. Escapei com alguma dificuldade numa tarde de domingo e abriguei-me debaixo de uns galhos de uma grande árvore a alguma distância rio abaixo , e no lado oposto da cidade. A viagem daí para frente para Aracajú foi feita à noite numa grande tempestade; nosso barco agora não tinha outra carga além de nós e era sacudido como uma casca de ovo sobre as águas enfurecidas. O perigo era tão

grande, que sentimos que uma boa Providência interveio para nos salvar de um túmulo nas águas.

O trabalho de colportagem foi realizado em Aracajú, Capital de Sergipe pelos missionários presbiterianos da Bahia. Um local tinha sido estabelecido em Laranjeiras, uma cidade interior de 5.000 habitantes. A perseguição costumeira tinha sido preparada pelos padres. Um padre induziu várias pessoas a se desfazerem de suas Bíblias e incitou o povo a fazer uma fogueira em frente a uma grande cruz de madeira situada num monte que dava vista para a cidade. Ele atirou os livros na fogueira, chamando-os de Wycliff, Knox, Lutero e Wesley, assim prosseguindo com toda a lista de reformadores e líderes protestantes. Alguns ficaram impressionados com a autoridade do padre mas outros ficaram aborrecidos e no todo a reação foi favorvel à causa evangélica.

A queima de Bíblias, freqüente nos primeiros tempos, contribuiu muito para popularizar o livro e induziu muitos a ler o volume que era dito pelos padres ser pernicioso.

Alcançamos a costa marítima na Bahia no devido tempo e encontramos o vapor da British Royal Mail no qual conseguimos passagem para o Rio.

Nossa viagem tinha levado 4 meses, de 27 de março a 26 de julho, e tinha nos levado por 5.712 quilômetros dos quais 640 tinham sido em lombo de mulas e 2.500 em canoas. Visitamos 50 cidades e numerosas vilas, muitas das quais nunca tinham visto uma Bíblia ou um protestante, pregamos para centenas de pessoas e fizemos circular 1.200 cópias das Santas Escrituras. Explorei uma região que tinha uma população de cerca de 1.000.000 e meio mas que poderia suportar facilmente 20 milhões.

Baseado no que eu aprendi nesta viagem, fui capaz de planejar e depois realizar um programa de 12 anos de trabalho de colportagem no vasto interior da Bahia, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e outros estados.

CAPÍTULO VIII

O VALE AMAZÔNICO

Em agosto de 1889, eu embarquei no Rio de Janeiro continuando minhas viagens de investigação e passei diante da Bahia e foz do rio São Francisco, indo até Maceió, capital do Estado de Alagoas, a 392 quilômetros. A cidade tinha então uma população de 30.000 habitantes e hoje tem cerca de 93.000. Desta cidade litorânea as viagens e trabalhos de colportagem foram estendidos através do estado da mesma maneira que em outras regiões.

Uma viagem de 190 quilômetros mais, trouxe-me a Pernambuco onde ancoramos em pleno mar e esperamos pelo dia. Nosso vapor tinha um calado muito profundo para entrar no porto.

E como o mar estava agitado, desembarcar era perigoso e caro. Um índio, comerciante, ocupado na exportação de couro de cabra e eu, éramos os únicos passageiros. Uma canoa com seis remadores chegou perto e nós descemos pelo costado do navio por uma escada de cordas, entrando na canoa, que balançava na crista das ondas. Este processo teve que ser repetido várias vezes para a segurança dos dois passageiros e da bagagem. Então foi necessário remar sobre as ondas por mais de 3

quilômetros até que passássemos pelo recife de coral e chegássemos às águas calmas do porto.

O verdadeiro nome da cidade de Pernambuco é Recife, por causa do notável recife que se estende por muitos quilômetros ao longo daquela parte da costa, a pequena distância da praia. Em frente da cidade este recife tem cerca de 10 metros de largura e é plano no topo e seus lados perpendiculares apresentam a aparência de uma parede artificial. A entrada para o porto é através de uma brecha no recife. A parte principal da cidade é construída em duas longas e estreitas penínsulas formadas por dois pequenos rios e o oceano e conectadas por pontes de ferro e de pedras. A cidade é a mais a leste da costa brasileira, localizada numa distância entre os portos do norte e do sul. Pernambuco tem um comércio de considerável importância e tem um grande mercado de exportação de açúcar.

Por ocasião de minha primeira visita á cidade ela tinha uma população de 190.000 habitantes, que desde então cresceu para os 530.000 atuais. Para alcançar a população de 1.000.000, aumentada agora para mais de 3.000.000, nós tivemos que viajar sobre um território de 200 quilômetros de largura do norte para o sul e de 1.000 quilômetros de comprimento. Um certo número de cidades e vilas ao longo da costa podem ser alcançadas por barcos; 3 estradas de ferro principais se estendem da capital em diferentes direções, mas mesmo áreas mais vastas só podiam ser alcançadas a cavalo, carro de boi ou a pé.

Os esforços para distribuir as escrituras e pregar revelaram que as pessoas no interior eram as mais fanáticas e mais violentas em oposição a verdade,que se encontram no Brasil. A história registra que os holandeses eram muito cruéis no seu tratamento com os

padres católicos durante a ocupação holandesa; aqueles que residiam nas províncias conquistadas eram obrigados a um voto de fidelidade e aqueles que estavam sem salvo conduto eram aprisionados. Finalmente os membros de toda ordem monástica foram mandados sair das possessões holandesas dentro de um mês e ficar numa ilha de onde seriam levados através do oceano.

Quando os portugueses retomaram aquela região, os católicos e suas ordens religiosas recomeçaram seu trabalho; eles lembraram com ódio a crueldade dos holandeses e aproveitaram a ocasião para instigar nas mentes de seus seguidores um espírito de vingança contra os seguidores da Religião Reformada. Quase 250 anos se passaram desde que estas cenas foram vistas mas eu acho que não pode haver dúvidas que os esforços protestantes para circular a Bíblia e a pregação naquela zona encontram as conseqüências de um zelo errôneo, que em algumas ocasiões, eram caracterizadas por crueldade e em outras por vingança.

Um colportor que tem considerável sucesso nesta área relatou:

“Nos temos encontrado mais cenas ridículas do que verdadeira oposição, embora muitos estejam prontos a insinuar que nós somos mentirosos e enganadores, que devemos ser evitados e desprezados. É muito difícil persuadi-los a raciocinar de modo justo, pois eles baseiam seus argumentos em fábulas, superstições, difamação e em informações falsas, dos padres. Eles até negam o Novo Testamento de sua própria igreja, aprovado pelo Papa, insistindo que é um livro da seita, como chamam os protestantes.”

Um compoltor nativo tentou trabalhar entre a tripulação e os passageiros de segunda classe de um

navio, pelo que foi preso ao chegar em Pernambuco. Foi enviado um telegrama para o chefe de polícia no Rio de Janeiro, perguntando se o homem era empregado

Na tal instituição- sociedade Bíblica Americana. Ao receber uma resposta afirmativa, o homem foi libertado mas seu navio havia partido e ele perdeu sua passagem.

Outro colportor visitou uma cidade no interior e estava oferecendo seus livros a venda nas ruas. Uma pessoas pediu para examinar duas das Bíblias e imediatamente desapareceu; ao voltar mais tarde, devolveu ao colportor os fragmentos dos livros rasgados. O homem tinha levado os volumes para dois padres, um dos quais era membro da Legislatura do Estado; estes padres declararam que os livros eram maus e que deveriam ser destruídos e que, se o colportor fosse morto, os responsáveis seriam absolvidos do crime. Com este relato a multidão ficou muito alvoroçada e foi com muita dificuldade que o colportor escapou com vida.

Enviei colportores a cavalo através da região, para a capital do Estado da Paraíba, enquanto eu ia de trem, em direção norte para Timbauba, cerca de 110 quilômetros, e então, a cavalo fui até Pilar a 40 quilômetros. Voltei para Timbauba e visitei cerca de 50 casas ou cabanas, nas quais vendi 8 Biblias e conversei com umas poucas pessoas que mostraram algum interesse na mensagem. Uma seca muito severa, comum na região, estava assolando todo o estado e pobreza e sofrimento era o que mais se via. Muitos refugiados do interior estavam nas ruas e todos que podiam obter passagens nos vapores estavam indo para outras partes ao longo da costa. As condições não eram favoráveis para vender nossos livros mas foi-nos possível dar algumas poucas cópias para os pobres.

Três colportores, incluindo um ajudante nativo, Sr. Manoel Alves, visitaram a cidade de Limoeiro, perto de Timbauba. Eles erradamente começaram a oferecer suas Bíblias cedo , pela manhã, enquanto esperavam pela chegada dos oficiais que emitiam licenças para tais vendas e como resultado do equívoco, houve um tumulto.

"Nós pusemos o Sr. Manoel na rua principal para ver como ele suportaria fogo", escreveu o líder. " Ele o suportou como aço. Quase em seguida juntou-se uma multidão gritando e insultando- o Eles colocaram algodão nas abas de seu casaco e disseram a ele que eu tinha sido preso e o insultaram de maneira

impublicável, mas ele até riu, acabando com o jogo deles. Ele foi até um velho homem, que estava em frente de sua loja, vociferando e gritando e disse "Bem, que espetáculo: um homem velho de barbas grisalhas como o senhor aqui na rua, gritando como um escolar". O velho voltou-se e entrou na loja. A multidão evidentemente concluiu que não valia a pena seguir um homem que ria dos insultos, e deixaram-no ir. Poucos passos adiante ele vendeu 3 Testamentos em uma loja. Nós vendemos um número considerável de Bíblias e teríamos vendido mais, mas muitas pessoas que queriam Bíblias ficaram com medo de comprar por causa da arruaça. Poucos meses atrás um jovem que tinha aceitado o Evangelho, encontrou seu alojamento invadido por uma multidão e todos os seus livros e roupas foram destruídos.

Tomei uma pequena embarcação para o Norte e depois de uma noite tempestuosa cheguei bem em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. A cidade está à margem de um rio, cerca de 3 quilômetros da costa e a entrada é feita através de uma passagem estreita e perigosa no recife de coral. Hoje, Natal tem uma população de cerca de 58.000 habitantes, enquanto em

todo o estado há 118.000. Havia cerca de 12.000 em Natal quando estive lá pela primeira vez.

As autoridades em Natal não fizeram objeções ao nosso trabalho e nós encontramos pouca oposição entre o povo. Obtive o uso do teatro e numa tarde de domingo preguei para uma audiência grande e atenta. Uma jovem ficou profundamente impressionada nesta ocasião, conseguiu uma Bíblia e me procurou para lhe dar as informações necessárias. Mais tarde ela entrou para uma escola da missão no Rio e tornou-se um membro ativo da Igreja.

Lembrar experiências em e por perto de Natal seria repetir substancialmente eventos que já foram descritos, embora nosso trabalho preliminar tenha criado raízes mais profundas nesta área do que em muitos outros lugares. Missionários presbiterianos prosseguiam no trabalho que despertou interesse pela leitura da bíblia que tínhamos distribuído antes e pelo que, estabeleceram um próspero posto em Natal, que tornou-se uma base para espalhar seu trabalho a outras partes do Estado. Mais tarde eu tive a honra de encontrar um ex-governador do Rio Grande do Norte que tornou-se um proeminente Senador no Governo Federal. Sabendo que eu estava interessado na circulação das Santas escrituras ele procurou-me e teve uma entrevista comigo na qual declarou que lera uma de minhas Bíblias há tempos, e como resultado de seu estudo profundo e sem preconceitos, ele não mais se considerava um católico romano. Porém não se tornou protestante. Sua atitude era a mesma de muitas pessoas que eu tinha encontrado antes, e seu número tem aumentado através dos anos até que agora inclui a vasta maioria dos mais inteligentes e liberais no Brasil. Como resultado de sua crescente cultura e idéias democráticas, eles não acham mais

possível aceitar a teologia medieval e as praticas da igreja romana ou aceitar sua falta de compreensão com os movimentos sociais e liberais do momento e têm, portanto, se afastado de suas obrigações para com ela. Porém, eles não abraçaram ativamente a fé evangélica. As razões para isto são encontradas no pequeno número e falta de prestígio e influência da Igreja Protestante e o fato de que age entre os pobres. Uma das grandes necessidades do Brasil e da América do Sul é o desenvolvimento de um plano adequado para trazer para o rebanho

Evangélico a "intelligentsia" não freqüentadora de igreja e que simpatiza com o ponto de vista evangélico, mas que são mais ou menos indiferentes a Igreja Protestante. Estes líderes mandam seus filhos para escolas protestantes mas não se filiam à igreja.

Depois de terminar meu trabalho em e ao redor de Natal remamos meu pequeno bote, passando pela passagem no recife para embarcar num navio maior que estava no mar aberto O mar estava revolto e foi com dificuldade que conseguimos chegar ao navio. Entre os passageiros estava o Sr. Crenshaw, de Richmond, Virgínia, um negociante cristão que mostrou muito interesse em nossa tentativa de vender Bíblias entre os passageiros. Antes que partíssemos ele me deu uma soma em dinheiro, desejando que eu a usasse para comprar Bíblias para as pessoas muito pobres. A distribuição foi devidamente feita e, como resultado, muitas pessoas se tornaram protestantes e membros das igrejas presbiterianas nos estados do Ceará, Piauí e Maranhão.

Em seguida visitei o estado costeiro do Ceará. Fortaleza, a capital, uma progressista cidade com a atual população de 155.000 habitantes, está localizada numa planície levemente elevada. Aqui um homem cego foi

convertido, e adotou um procedimento interessante para recomendar o Evangelho a outros. Ele ia para as ruas diariamente com uma Bíblia aberta em suas mãos. Ele parava ou sentava como estivesse lendo, passando seu dedo pela página. Quando as pessoas paravam para fazer perguntas, ele dizia "Veja que história maravilhosa neste livro de Deus". Por este método sem paralelo, ele interessou muitas pessoas na Bíblia e as dirigia para a casa onde poderiam comprar o livro. Aqui, como em outros lugares, as secas freqüentes e prolongadas têm atrasado o progresso e causado muita pobreza, afetando seriamente nosso trabalho na distribuição das Escrituras.

Maranhão ou São Luiz foi o próximo ponto onde paramos. Cerca de metade das cidades que são capitais, são comumente chamadas pelo nome do estado, embora seu nome legal seja diferente. Por exemplo, raramente se ouve dizer São Salvador, mas quase sempre Bahia. Similarmente Recife é comumente chamada de Pernambuco e Belém é chamada Pará. São Luiz é a capital do Estado do Maranhão, fundada em 1612, por um francês que a nomeou em honra de Luiz XIII, ela era conhecida como a "Atenas do Brasil", e não obstante os sinais de decadência e falta de empresas modernas, ainda tinha um ar de refinamento e de cultura. Muitos melhoramentos desde então foram feitos. A cidade tem uma população de 77.000 habitantes.

Na viagem para o Maranhão havia entre os passageiros um padre que tinha sido missionário entre os índios na parte sul do Brasil e estava a caminho para fazer trabalho semelhante no vale amazônico. Ele se opôs aos nossos esforços de vender Bíblias à bordo e tornou-se tão insultante e abusivo que o capitão o informou que ele seria excluído do salão de refeições se não desistisse. Ele provavelmente influenciou algumas pessoas contra nós

mas outros se tornaram interessados no livro que causava tanto antagonismo e defesa, que conseguiram cópias para eles mesmos lerem Procurei o padre certa noite enquanto ele estava sentado sozinho no déque e tentei explicar o ponto de vista evangélico. Ele tornou-se sério e pediu uma Bíblia emprestada para ele ler à noite. Encontrei-o cedo no déque na manhã seguinte, ainda lendo a Bíblia. Ele contou-me que nunca antes havia visto a Escritura em português. Dei a ele a cópia e quando deixei o navio ele ainda estava absorvido na leitura.

Em São Luiz, eu visitei Da. Balbina Duarte, a pedido de seu filho, professor de português, que estava morrendo de tuberculose no Rio. Quando contei a ela que seu filho era um fiel cristão evangélico, ela chorou de alegria e contou sua própria experiência para mim. Ela tinha comprado uma Bíblia de um colportor mas tinha sido proibida pelo marido de a ler. Na sua ausência, porém ela a lia, e a escondia quando ele estava em casa. Quando o marido soube disso pelos filhos ou empregados, bateu nela e então ela resolveu ler à noite, quando todos dormiam. Ela escondeu a Bíblia, alguns fósforos e vários tocos de vela debaixo do travesseiro. Foi um procedimento arriscado acender uma luz e ler sem que fosse descoberta pelo marido que dormia no mesmo quarto. Muitas vezes cada noite ela apagava o toco de vela quando ele se mexia. Apesar de tais dificuldades ela continuou o estudo de sua Bíblia e foi levada a uma profunda experiência religiosa.

No devido tempo cheguei a Teresina, capital do Piauí. Eu tinha enviado a frente, um suprimento de Bíblias e esta cidade foi o centro do trabalho de colportagem que com o tempo se espalhou por toda a área. Um colportor relatou sobre a grande pobreza naquela região em conseqüência da seca vinda do Ceará. Tendo em vista a contribuição do Sr. Crenshaw eu o

autorizei a dar Bíblias gratuitamente aos bem pobres que soubessem ler. Ele subiu o rio onde muitos pobres tinham se reunido para se manter por meio da pouca água que restava.Mais tarde um missionário explorando aquela área, descobriu que uma das Bíblias tinha ido 192 quilômetros terra a dentro.. O dono a lia e através de seus ensinamentos tinha sido convertido, tinha levado outros à mesma experiência e o grupo tinha estado orando para que alguém viesse e os ensinasse a maneira cristã de viver com mais perfeição. A dádiva de um leigo da Virgínia tornou-se o meio de espalhar a verdade do Evangelho sobre uma vasta área.

Embarquei no navio americano Aliança no Maranhão com destino ao Pará ou, melhor dizendo, para Belém, capital do estado do Pará. A bordo do navio estava o Gal. H. Clay Armstrong, de Auburn, Alabama, que tinha sido cônsul Geral dos Esatados Unidos no Rio e membro da Congregação da Igreja Metodista de língua inglesa, que me trouxe ao Brasil. Gal. Armstrong e Mr. Jarvis, ministro dos Estados Unidos no Rio, tinham ambos recebido altas honrarias das mãos do Imperador do Brasil e ambos estavam interessados em manter meu trabalho.

Pará é o estado que está mais ao norte do Brasil, localizado quase sob a linha do Equador e onde se situa o que é comumente chamado de boca do Amazonas. O poderoso rio neste ponto espalha suas águas sobre uma área de quase 240 quilômetros de largura. A cidade de Belém na realidade fica a cerca de 120 quilômetros do Oceano Atlântico. Ela fica na margem Leste da baia de Guajará ou no lado Sul do rio Pará.

Na época de minha visita a cidade tinha uma população de cerca de 80.000 habitantes, que desde então cresceu a quase 1/3 de milhão. Em período anterior era o

centro da exportação de borracha, da qual o Brasil naquela época tinha o monopólio mundial. Há uma história interessante e bem conhecida a respeito de um certo inglês que roubou sementes de plantas da borracha e, às escondidas, levou-as para as Indias Orientais, onde métodos mais científicos de cultura desenvolveu uma industria que não só roubou do Brasil o seu monopólio, como praticamente eliminou-o como a grande área de produção de borracha. Mais para dentro da região, ao longo do poderoso Amazonas, a borracha selvagem ou seringa ainda existe abudantemente e em Manaus e no Pará, Mr. Henry Ford está desenvolvendo uma vasta plantação de seringueiras, que tem por muitos anos, dado emprego a grande número de pessoas naquela área, e que no devido tempo deverá devolver ao Brasil sua antiga posição na indústria da borracha.

As ruas centrais de Belém eram estreitas mas bem pavimentadas com pedras e eram iluminadas por gás. A atmosfera é quente e humida, embora as noites e manhãs sejam agradáveis. Chuvas abundantes contribuem muito para que a cidade seja habitavel naquela região tropical. Durante o verão chove quase todas as tardes e no inverno as chuvas caem a qualquer hora do dia. Certa ocasião, quando eu estava na cidade, não choveu por dois dias sucessivos e houve queixas gerais do tempo quente. Nos suburbios havia residências lindas e cômodas e a cidade era bem servida por bondes.

Havia somente uma estrada de ferro na cidade mas as facilidades para se viajar eram somente limitadas pelo número de navios à disposição. O maior rio da Amazônia é navegávael por 4.000 quilômetro. A bacia de drenagem do rio Amazonas e seus tributários é de 4.200.000 quilometros quadrados ou metade de todo o território brasileiro.

Eu calculei que menos do que 750.000 dos habitantes das Provícias do Pará e Amazonas poderiam ser alcançados pelo trabalho dos colportores. Estas pessoas podiam ser encontradas na maioria das cidades e em vilas ao longo das margens dos rios. Não mais que 1/3 delas podia ler ou escrever. Afim de compareender melhoaar a situação e as condições que poderiam ter relação com meu trabalho como agente da Sociedade Biblica Americana, fiz ma excursão de trem na chamada Esstrada de Ferro Bragantina, cujo nome é tirado da cidade de Bragança, com cerca de 10.000 habitantes e que era o terminal da estrada. Pela primeira vez vi um pouco das florestas do Pará. Muitas árvores tinham 35 metros de altura e mais de 80 centímetros de diametro, e a vasta e emaranhada massa de outras formas de vegetais que não podem ser adequadamente descritas. Havia massas de orquídeas, liquens e trepadeiras. Plantas parasitas com folhagem mais abundante do que as das árvores nas quais se agarravam; lianas, parecendo cordames de um grande navio. Um emaranhado de plantas rastejantes, troncos de árvores e vegetais de todos os tipos em decomposição cobriam o solo a uma considerável profundidade.

O conhecido botânico americano E. S. Rand, havia morado no Pará por vários amos e lá juntou uma das maiores coleções de orquídeas do mundo, perfazendo mais de 20.000 espécimes de 800 espécies e quantidade sem fim de variedades.

A grande comunicação do Pará com o mundo exterior, a presença de homens de negócios estrangeiros e o constante movimento de navios de muitos paises, tinham exercido uma influência liberalizante sobre a cidade e assim tornando mais fácil o trabalho de distribuição da Bíblia. A oposição da parte do clero reacionário não teve grande influência na população em

geral e a perseguição que encontramos não era tão violenta como em outros lugares. A cidade tem sido sempre um importante centro de trabalho e colportagem.

Os missionários já tinham se estabelecido no Pará na época de minha primeira visita. Em tempos anteriores o Bispo William Taylor havia estado nesta parte do mundo, tentando estabelecer missões com sustento próprio, que lhe deram fama, e que ele estabeleceu em vários pontos ao longo da costa Oeste da América do Sul. Encontrei um missionário metodista, Reverendo Justine H. .Nelson, trabalhando na cidade em prol da Igreja Metodista Episcopal. Também na cidade estava um missionário Batista Independente, reverendo E. A. Nelson, que já tinha servido de instrumento na distribuição de muitas Bíblias na área. Chegamos a um acordo para que ele continuasse esta atividade e através dos anos ele e os colportores que trabalhavam com ele foram bem sucedidos em mandar as Bíblias para um bom número de comunidades por toda a parte Norte do Brasil.

Permaneci no Pará por vários dias estudando a região e conferenciando com os missionários. Então embarquei num dos vapores da Companhia de Navegação Amazônica com destino a Manaus, 1.600 quilômetros Amazonas acima. Prosseguimos numa considerável distancia ao longo dos canais e ilhas que formam uma ampla foz do rio, antes que entrássemos no Amazonas propriamente dito. A paisagem era interessante e pitoresca. Númerosas ilhas circulares, cobertas de verde; árvores altas e densa submata e uma rede de trepadeiras e parasitas; as hordas de lírios e outras plantas aquáticas; macacos brincando em volta, de galho em galho e pelas trepadeiras; cobras enormes; pássaros de plumagens brilhantes; grandes tartarugas e jacarés. De vez em quando viamos algumas cabanas e pequenos canteiros

cultivados e coletores com machado e latas entrando na floresta para colher a seiva das árvores e pegar o leite para ser defumado antes de ser transportado. Deixando a paisagem e indo fazer meu trabalho, fiz uma investigação sobre os passageiros e tripulação do navio e vendi um bom número de Bíblias. Quando parávamos ocasionalmente em vilas e colônias a oportunidade era maior para oferecer as Escrituras e várias cópias foram vendidas ao longo do caminho.

Em três dias alcançamos Santarém na faz do Rio Tapajoz, 800 quilômetros terra adentro da costa. Aqui tive a grande alegria de encontrar 92 cidadãos dos Estados Unidos e seus descendentes. Um dos grupos que deixou os Estados Unidos ao fim da Guerra entre os estados tinha se estabelecido em Santarém em 1867. Receberam-me calorosamente na casa do Reverendo P. T. Hennington. Um dos meus primeiros visitantes lá foi o Dr. O Pitts, filho do reverendo

Fountain E. Pitts, do Tennessee, que fez a primeira viagem de exploração na América do Sul em prol da Igreja Metodista Episcopal do Sul. Outra visita foi o filho de um ministro presbiteriano e outro foi o do irmão de F. E. P. Jennings de Arkansas. O Sr. Pitts me ofereceu uma casa para pregação e por sete noites consecutivas eu falei para uma grande e atenta audiência composta na maioria por brasileiros. Houve mito interesse e eu vendi muitas cópias de Bíblias.

Mas até em Santarém, cercado por meus conterrâneos, amigos protestantes e seus descendentes não pude escapar de perseguição. O padre protestou vigorosamente contra a minha atividade e alertou as pessoas contra a leitura das falsas Bíblias. Ele declarou que todos que assistissem minhas pregações deveriam se confessar e fazer penitência e quando eu me preparava

para partir ele anunciou que era necessário fazer fogueiras para expulsar o demônio e purificar o ar das mentiras que eu tinha falado. Quando embarcava no navio que deveria me levar a outros 800 quilômetros rio acima, o padre e seus seguidores atiraram sobre o navio um tremendo volume de fogos de artifício; o padre então disse que o demônio tinha ido embora, as mentiras que eu tinha pregado estavam queimadas e nada restava e nada restava a não ser destruir as falsas Bíblias.

Prossegui para Manaus na foz do rio Negro, que tinha uma população de cerca de 14.000 habitantes. Passei uma semana na cidade, preguei várias vezes, vendi algumas Bíblias e tive proveitosas entrevistas com um missionário auto –sustentado metodista do Bispo Taylor, que tinha se estabelecido no lugar.

O grande interior de terras altas do Amazonas e seus tributários, eram então e ainda são agora habitados por índios. Grande parte deste território não foi explorado até hoje e ninguém sabe quantas almas estão esperando para se tornarem cristãos e civilizados nesta vasta região. Eu calculo, pelo tamanho do território e por relatos apresentados por exploradores alemães,que o número não é menor do que 1.500.000.

Pouco ou nada tinha sido feito para evangelizar ou educar estes índios selvagens: na verdade pouco tem sido feito até agora embora tenha havido um começo.

Ao tempo de minha primeira visita alguns padres tinham se esforçado para catequizar e introduzir a fé católica para alguns índios à beira da civilização, mas até então, tanto quanto se podia deduzir, o resultado tinha sido fazer o último estágio pior do que o primeiro, por injetarem algumas concepções cristãs pouco entendidas, misturadas com idéias pagãs já assimiladas pelos índios.

Disseram-me que os aborígenes tinham deusas femininas, tais como a deusa do reino vegetal, mãe da reprodução,, mãe dos espíritos vivos, e os padres sempre aproveitaram essas idéias rudes para introduzir a adoração a Maria, de Roma. Naturalmente sabe-se que entre a população indígena dos paises da América Central e da América do Sul ainda há vestígios dos resultados da conversão superficial que pouco mais fez do que impor algumas superstições já existentes nas mentes dos índios.

Eu fiquei fascinado pela possibilidade de prosseguir adiante Amazonas acima e conseguir mais informações sobre os índios e para ensina-los, bem como fornecer-lhes bíblias. Em Manaus eu estava a 1600 quilômetros do mar e outros 2400 quilômetros eram possíveis, mas meu suprimento de livros tinha acabado e eu estava a mais de 4.800 quilômetros de meu escritório no Rio, onde negócios urgentes me chamavam.

Então prossegui rio abaixo até ao Pará, onde embarquei em um vapor para o Rio.

Estava no Pará, esperando pela saída do vapor, quando um telegrama me comunicava a queda da Monarquia, o exílio da família real e o estabelecimento de um Governo Provisório Republicano. Eu testemunhei a entrada do novo governador do Pará no Palácio e a saída do presidente monárquico da Província. Houve muita comoção mas não violência. A mudança foi feita com certa cerimônia como fora previamente ajustado por ambos os partidos interessados. O ex-presidente do Pará embarcou no navio conosco, e quando prosseguimos a redor do grande dorso do Brasil e abaixo da costa atlântica, recebemos a bordo outros ex-presidentes, sua famílias, seus oficiais, empregados, macacos e papagaios. Naturalmente havia algum ressentimento e depressão entre os dignitários depostos e todos expressaram

orgulho pelo fato de que a tremenda mudança política foi realizada sem derramamento de sangue.

CAPÍTULO IX

SÃO PAULO

Imediatamente ao sul do Rio, está o estado de São Paulo e a cidade capital que tem o mesmo nome. Esta província é, provavelmente, a mais progressista e certamente a mais rica do país. Quando visitei São Paulo pela primeira vez em 1886, poucas semanas depois de minha chegada ao Brasil, sua população era de cerca de 65.000 habitantes. Hoje ela vai além de 1.250.000 e está crescendo aos pulos e saltos. Certamente é uma das cidades que cresce mais rapidamente no Mundo. O desenvolvimento e melhorias modernas têm acompanhado o crescimento da população e São Paulo é mais semelhante a uma moderna cidade européia ou americana do que qualquer outra no Brasil. É a capital industrial e comercial do Pais. Os cidadãos deste estado são chamados de Paulistas e sempre têm se destacado entre estadistas, educadores, , ,agricultores e homens de negócios. Deste estado surgiram muitos presidentes da República.

O espírito progressista de São Paulo é explicado, em parte, pelo fato de que a primeira instituição educacional no Brasil foi fundada lá e deste começo uma tradição tem sido perpetuada. Uma escola foi estabelecida em 1583 pelo padre jesuíta Manuel da Nóbrega, nas planícies de Piratininga. A primeira missa foi celebrada nas festas

comemorativas da conversão de S. Paulo e por causa disto, o nome São Paulo foi dado á escola, ao Estado e à cidade. Um dos primeiros professores foi o famoso padre Anchieta. Este homem notável aprendeu o dialeto dos índios, desenvolveu um vocabulário e uma gramática na língua nativa, preparou lições individuais para os alunos, traduziu os cantos dos índios para hinos em português e esforçou-se para ensinar aos selvagens os princípios da fé católica.

Destas origens a tradição educacional tem se desenvolvido e dado a São Paulo um sistema de educação pública tão moderna como nenhuma outra encontrada no Brasil.

As agências missionárias têm aproveitado esta situação e feito da cidade um centro Protestante de muita importância. Ali está localizado o Colégio Mackenzie, com a patente da Universidade Americana de Nova York, como a melhor instituição educacional protestante no Brasil. Aqui também estão a Casa Publicadora, o Seminário teológico e a sede episcopal da Igreja Metodista do Brasil. Aqui também são encontradas igrejas fortes e auto suficientes representando várias denominações evangélicas.

A primeira vez que fui a São Paulo em 1886, fui de trem. A distância é de 460 quilômetros. O primeiro trecho percorrido, de 266 quilômetros, até a cidade de Cachoeira, nos limites entre a Província do Rio de Janeiro e a de São Paulo era de bitola larga do tipo das estradas européias. O leito da estrada era sujo e a poeira era quase sufocante. O trecho seguinte, de 233 quilômetros era de bitola estreita com os vagões em estilo americano. Naturalmente grandes melhoramentos têm sido feitos no equipamento e no serviço desta estada de ferro desde então.

Em outubro de 1890, acompanhado pelo missionário presbiteriano Ver. J. B. Rodgers, e pelo colportor, Sr. André Cayret, eu fiz minha primeira viagem através do Estado de São Paulo n condição de agente da Sociedade Bíblica Americana. Fomos de vapor para Santos, o porto do café no Brasil e centro do do mercado do café mundial, de onde prosseguimos para a capital, na Estada de Ferro São Paulo. Esta estrada de ferro que foi desenvolvida com capital e administração inglesa é agora a melhor do Brasil. Seus trens vão de Santos, serra acima, puxada por cabos, numa subida que é uma aventura emocionante para os passageiros e que constitui um grande empreendimento de engenharia. Do topo da montanha ela prossegue através da capital São Paulo para Jundiaí onde se liga com a famosa Paulista, uma estada construída por brasileiros e que agora é em parte eletrificada. A Paulista opera ramais através do Estado e para Oeste grandes e não desenvolvidas do Estado de Mato Grosso. Em outra ocasião tomamos o trem para Santa Cruz e fomos através do país num trem pequeno para a costa onde esperávamos tomar uma lancha a vapor que nos levaria à vila de Mangaratiba em tempo para pegar um navio. Perdemos a porém, e depois de tentar vender umas poucas Bíblias para os pescadores que encontramos, alugamos um pequeno barco a vela, para nos levar a Mangaratiba. Como o vento era pouco para encher nossas velas, foi necessário usar os remos e não chegamos à vila até as 8 horas da noite. Nada tínhamos comido desde a manhã e fomos informados de que não havia hotéis na vila e ninguém podia nos fornecer alimento. Mas conseguimos obter permissão de um pescador para ocupar um quarto em uma cabana de barro. A cama era feita de estacas presas a parede e assentada em toras de madeira fincadas no chão e o colchão era um

punhado de grama áspera e ervas. Alguém de nosso grupo tentou dormir na cama e os outros tentaram o mesmo no chão sujo.

Conseguimos dormir um pouco e na manhã seguinte a esposa do pescador preparou um café para nós.

Vendemos algumas Bíblias na vila e como o navio tinha zarpado, alugamos um canoeiro para nos levar costa abaixo, para Angra dos Reis. Fomos para o mar às 9:30 da manhã e até às 18:00 horas nos balançamos nas pesadas vagas.. O colportor sugeriu música como um remédio contra o enjôo mas nós nada conseguimos com os hinos em português que tentamos cantar. Passamos 5 dias em Angra dos Reis, vendemos várias Bíblias e pregamos para algumas grandes audiências no teatro.

Fomos costa abaixo para a cidade de Ubatuba, onde vimos que um grupo de 75 pessoas tinha comprado uma casa e a tinham remodelado, transformando-a em uma igreja. Algum tempo antes uma Bíblia tinha sido deixada por um colportor. Seu dono ficou interessado no Evangelho e procurou um missionário que havia ido perseguido e expulso de uma cidade que ficava por perto.. O missionário pregou na casa deste homem e como resultado uma igreja foi construída. Um dos membros era o carcereiro da cidade e quando visitamos sua casa encontramos uma Bíblia e um hinário no oratório onde tinha imagens de santos.

Em outra ocasião fui direto de vapor do Rio a Santos e comecei a trabalhar lá. Fui recebido calorosamente por Mr. William Porter, gerente do “Café de Hard Hand e Cia.” Que me recebeu em sua casa. Preguei na casa e também nos escritórios de um bom número de homens de negócio brasileiros. Os Porters tinham uma caixa de contribuições em sua casa e fielmente depositavam ofertas

cada domingo e eles me deram o que a caixa continha para o trabalho da Bíblia.

Santos era notória por suas maldades e indiferença. Durante os poucos dias que passei na cidade, porém, vendi 36 cópias da Bíblia e em visitas que sucederam, nossos colportores foram igualmente bem sucedidos em colocar Bíblias nas casas dos cidadãos. Embora não possamos dizer que esta importante cidade foi evangelizada. O Evangelho, não obstante, fez considerável progresso e o Protestantismo está agora bem estabelecido na cidade. Aqui se encontra uma grande Igreja Metodista e uma bela casa pastoral. E ambas não ficariam atrás de qualquer igreja nos Estados Unidos em uma cidade do mesmo tamanho.

Naturalmente escolhi a cidade de São Paulo como base para distribuição de Bíblias para todo o Estado. Eu explorei pessoalmente toda a área e mandei colportores por todas as cidades e metrópoles importantes do Estado de São Paulo. A atitude das pessoas foi na maioria tolerante, embora naturalmente, houvesse com certa freqüência, oposição ao nosso trabalho e nossos trabalhadores fossem perseguidos. A Bíblia encontrou seu caminho porém, e os vários missionários protestantes que mais tarde projetaram fazer seu trabalho pelo estado, puderam realizar seu trabalho sobre o que já tinha sido feito pelos nossos colportores.

Numa ocasião uma mulher protestante em São Paulo colocou uma Bíblia nos sacos de carga carregados por seu irmão, um vendedor de bilhetes de loteria que viajava muito pelo estado. O homem descobriu o livro quando uma tempestade o forçou a ficar vários dias numa fazenda. Por curiosidade ele mostrou o livro para sua hospedeira que exclamou “ Este é exatamente o livro que eu estava esperando”. Ela leu o livro com ânsia e chamou

atenção para ele dos outros membros da família. Ela pediu explicações ao vendedor de loterias mas ele respondeu que não pertencia àquela fé e não compreendia o livro, embora sua irmã fosse uma "Bíblia". A dona da casa então escreveu uma carta para a irmã dele, pedindo que ela viesse e ensinasse a nova religião, assinando a carta: "sua irmã no Evangelho". O convite foi aceito e quando a senhora de São Paulo chegou à fazenda ficou surpresa por encontrar mais de 60 pessoas reunidas na grande sala de jantar, para ouvir as explicações do Evangelho. Ela ensinou as pessoas por duas ou três noites e então mandou chamar seu pastor.Um jovem pregador foi mandado e uma igreja Presbiteriana com 50 membros foi organizada. O homem que, sem querer, introduziu a Bíblia naquela comunidade também foi convertido e abandonou seus bilhetes de loteria pela Bíblia e tornou-se um colportor de sucesso.

Em minhas viagens pelo Estado de São Paulo, em 1887, visitei outra colônia de meus conterrâneos e irmãos protestantes da parte sul dos Estados Unidos. Este foi o maior destes grupos que se estabeleceram no Brasil. O lugar chamava-se Santa Bárbara e ficava a cerca de 130 quilômetros a oeste da cidade de São Paulo. Estes americanos tinham adquirido grandes lotes de terra e desenvolveram a chamada Vila Americana. . Mais tarde foi construída uma estrada de ferro através da região e a cidade cresceu a tais proporções que a palavra vila foi eliminada do nome da cidade. É agora uma próspera cidade, embora poucos descendentes de americanos ainda estejam lá.

Quando fui à colônia pela primeira vez fui informado que 500 americanos tinham originalmente formado a comunidade. Os que ficaram produziam feijão, milho, cana de açúcar, algodão, melancias e gado. Fui recebido na

casa de Mr. Whittaker, familiarmente chamado Tio João. Foi ele que trouxe as sementes da Geórgia e introduziu a melancia no Brasil. Ele conseguiu uns poucos escravos e parecia próspero e contente em seu novo ambiente. Depois de um ano da minha primeira visita a escravidão foi abolida no Brasil, para grande desgosto de "Tio João". Dizia-se que ele reuniu alguns vizinhos e estudou um mapa do mundo procurando localizar um lugar na superfície da terra onde alguém pudesse desfrutar em paz as bênçãos da escravidão.

Um escritor recente disse: " Incluídos entre os que se exilaram por vontade própria estavam pessoas de quase todas as classes sociais e econômicas existentes nos Estados \unidos. Havia generais, coronéis, doutores, advogados, mercadores, agricultores, ministros, professores, vagabundos de bar e outros." Eu acho que havia poucos no grupo de Santa Bárbara que podiam ser incluídos na última categoria. O líder era o Cel. William H. Morris, do Condado de Oglethoys, na Geórgia. Ele fundou a colônia em 1868 e morreu lá em 1893, com a idade de 93 anos. Foi aqui que o pregador metodista O. E. Newman fundou a igreja que resultou no estabelecimento do metodismo numa base permanente no Brasil. Uma linda capela construída em memória dos colonos originais ainda permanece. Ela é a terceira igreja construída no local. Aqui também está o cemitério em que descansam os corpos da maioria dos primeiros colonos e um grande número de seus descendentes das segunda e terceira gerações. Foi uma novidade e uma experiência agradável fazer visitas a estes conterrâneos sulistas domiciliados num país estrangeiro, juntar-me a eles em cultos e a pregar para eles o Evangelho que eu e eles tínhamos aprendido em nossa terra comum. Várias jovens desta colônia casaram com missionários. De uma família,

4 irmãs tornaram-se esposas de missionários. Enquanto estas memórias são escritas, permanece apenas uma das colonas originais, Mrs. Ana Bookwalter, de Chester, Carolina do Sul.

Quando fui para São Paulo pela primeira vez, minha atenção foi atraída para o grande número de imigrantes italianos. Eles vinham para este estado mesmo antes da abolição da escravatura, mas depois disso, os plantadores de café os contratavam em número muito maior. Durante o ano que seguiu à emancipação 107.000 chegaram e em 1891, mais do que 132.000 foram admitidos. A grande maioria dos 1.000.000 de italianos no Brasil, é encontrada no estado de São Paulo.

Os italianos, em razão de sua cultura latina semelhante, bem como a religião e a língua, têm-se adaptado mais facilmente à vida e costumes do povo brasileiro, o que não acontece com os japoneses e mesmo com os colonos alemães. Eu encorajei um estudante brasileiro, poucos anos atrás, a desenvolver um estudo de algumas fazes sociológicas da mistura de italianos e brasileiros. Fiquei impressionado com seus comentários a respeito de casamentos de jovens brasileiros aristocratas que precisavam trabalhar quando os escravos foram libertos, com as bonitas jovens da colônia italiana. Ele e outros estão observando com interesse os tipos que surgem do processo.

Nossos colportores têm dado especial atenção aos italianos e seus descendentes e têm fornecido Bíblias em sua língua. Muitos têm se convertido e alguns notáveis líderes protestantes têm se originado do grupo:o bispo da Igreja Metodista do Brasil, César Dacorso Filho e descendente de italianos, embora naturalmente nascido no Brasil e completamente brasileiro. Missões protestantes, têm algumas vezes, organizado congregações de língua

italiana. Mas isto prova ser somente uma necessidade temporária, pois os italianos aprendem o português com facilidade e foram assimilados pela sociedade brasileira.

Certa ocasião eu visitei um albergue de imigração, quando mais de mil imigrantes italianos estavam sendo desembarcados. Eu estava acompanhado por um colportor, Sr. João Bernini, ele mesmo italiano, que se dirigiu a eles em italiano e distribuiu Bíblias italianas entre eles. Enquanto estávamos fazendo isso, um grupo de pessoas nos rodeou e três policiais apareceram pedindo explicações. A fim de tirar a atenção deles do Sr. Bernini e de sua atividade entre os italianos, eu exibi uma Bíblia em português e expliquei nossa atividade. Dois policiais ficaram interessados e compraram livros; voltaram para o posto policial onde leram a Bíblia para os brasileiros que os seguiam.

Outro grupo estrangeiro em são Paulo que logo atraiu minha atenção e esforços foram os sírios. Eles se estabeleceram mais nas cidades e vilas ao longo das estradas de ferro, sendo mais dados ao comércio do que à agricultura. Algumas vezes vendemos a eles grande número de Bíblias e de Novos Testamentos em árabe e alguns se tornaram membros de igrejas protestantes. Por algum tempo eu recebi os livros em árabe da Casa da Bíblia em Nova York; mais tarde, quando estava em Beirute, onde são editados, fiz arranjos para que nos enviassem as Bíblias diretamente para o Rio. Muitos sírios têm prosperado nos negócios e se tornaram bastante ricos..Certa vez ouvi um professor brasileiro expressar o medo que em certos respeitos o Brasil poderia se tornar “mediterranizado”.

O número de japoneses no estado de São Paulo chega ao número de 2.000.000. Para estes nós também temos oferecido Bíblias em sua língua mãe. Descobri que

muitos deles aceitariam os livros e eu encomendei suprimentos do Japão, onde são editados por intermédio da Casa da Bíblia em Nova York. Alguns destes imigrantes era protestantes no Japão e outros, no Brasil, abraçaram a religião cristã. A missão da Igreja Episcopal Protestante tem o trabalho mais extenso e definitivamente organizado entre estes japoneses.

Poucos anos atrás um senhor japonês, bispo da Igreja Holiness japonesa fez uma extensa visita de observação entre seus patrícios no estado de São Paulo. Ele veio para o Rio para uma entrevista com o Presidente da República sobre fases da sua situação e pediram-me que arranjasse a entrevista. Quando fui ao Palácio Presidencial, descobri que o ministro da agricultura era a pessoa indicada para ouvir o senhor japonês. Atuei como intérprete para os dois.

Em primeiro lugar, o japonês disse que muitas das crianças dos colonos não tinham escolas, já que o Governo estava tomando medidas para proibir a língua japonesa nas escolas e não havia fundos suficientes e professores para suprir escolas em português. Lá eu encontrei japoneses instruídos, considerados analfabetos no Brasil. O ministro prometeu conversar sobre o assunto com as autoridades do Estado de São Paulo. O japonês também disse ser quase impossivel a médicos estrangeiros licença para praticar a medicina no Brasil. Não havia médicos brasileiros para os japoneses, mesmo que as dificuldades da língua fossem vencidas. O ministro prometeu considerar o problema.

Uma terceira queixa era que os agentes da imigração insistiam com os japoneses para se tornarem católicos romanos e isto tornava difícil, senão impossível para os japoneses protestantes emigrarem para o Brasil. O ministro recusou a considerar esta queixa.. Ele disse que o

Brasil era um pais com liberdade religiosa, onde havia completa separação entre Igreja e Estado, e que os japoneses poderiam ser budistas, católicos, protestantes ou qualquer coisa que quisessem. E assim terminou a entrevista.

A Sociedade Bíblica Americana tinha editado para nós um Evangelho bilíngüe em colunas paralelas em português e japonês; ele foi amplamente circulado e muito apreciado. Cera ocasião 42 pessoas formadas em colégios agrícolas no Japão chegaram ao Rio para adquirir conhecimento especializado de solo, clima e produtos brasileiros. Fiquei contente por colocar nas mãos de cada um deles um exemplar do volume bilíngüe.

Capítulo X

-

O Sul

O Sul do Brasil compõe-se dos Estados Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em tempos anteriores eu alcancei estes Estados por pequenos vapores do rio a porto ao longo da costa, e então no interior, por carroça, a cavalo ou por diligência. O estudo de ferro de São Paulo agora foi aumentado e tem a mais para várias direções e duas aeronaves que operam entre Rio, São Paulo e Buenos Aires servem as capitais e pontos nos Estados.

Curitiba, capital do Paraná, está num planalto a 2.500 pés do nível do mar, tenho ido várias vezes por mar do Rio a Paranaguá, 377 milhas e 66 milhas por estrada de ferro que corre ao longo das terras baixas e circulo ao redor acima por lados de montanhas, sobre profundos precipícios e através de túneis na serra. Tenho também feito a viagem poucas vezes por estrada de ferro, através

de São Paulo e duas vezes de avião, 685 milhas. Quando entrei na cidade pela primeira vez por diligência, do interior em 1889 a população era de 24.500 e a do Estado 249.000. Em visitas subseqüentes, tenho notado o crescimento tanto da cidade como do Estado para 126.000 e 1000.000 respectivamente.

Na minha primeira viagem pelo interior do Paraná encontrei na cidade de Rio Negro, numa colônia de imigrantes poloneses. Uma pequena Igreja Católica tinha dado para eles e um padre italiano tinha um acordo com eles na forma de culto. Ele resmungava suas cerimônias em latim, e eles insistiam em cantar seus hinos melancólicos em sua própria língua. Fiquei na porta e olhei para dentro numa manhã de domingo. Havia o padre com manto e os acólitos vestidos de branco e pretos, todos se curvando diante do altar e dar imagens. Nos bancos mais baixos e sem encosto, estavam às mulheres e crianças alegremente vestidas com blusas brancas, saias de várias cores e lenços vistosos nos cabeças. Os homens usavam camisas brancas com as calças embutidas para dentro das botas de cano alto, cintos largos de couro de onde pendiam pistolas ou grandes focos e mochilas nos ombros; eles estavam em cada lado e atrás cercando as mulheres como se as estivessem guardando, todos tomavam parte nos hinos melancólicos. Havia uns poucos brasileiros por fora. Encontramos um alemão protestante naquele lugar e ficamos impressionados com a influência liberalizante de sua presença na comunicação.

Passamos entre números de dias ao longo do caminho para Curitiba, viajando a pé, a cavalo e em carroças. Chegamos a um rio cauteloso que tinha derrubado a ponte, deixando só as vigas na parte mais forte, nós gatinhamos sobre estas, carregando em nossas costas, a bagagem, selas e livros e os nossos animais foram

abrigados a nadar através do rio violento. Paramos naquela noite numa cabana pequena perto do rio, com família muito pobre, ficamos contentes em nos abrigar, embora tivéssemos que fornecer os alimentos e cozinha-lo, que dividimos com eles. Não pude cobrir como estas pessoas sobreviviam. O foro o que demos para eles, eles só tinha erva-mate que todos tomavam na mesma cuia com uma bomba.

Nosso quarto era pequeno com assolo tosco, paredes de barro e teto de madeira. A luz vinha de uma vela sobre um pedaço de bambu; um lado estava cortado um pouco centímetros, a um quebrado a um ângulo reto e preso na parede pêra formar um castiçal, e assim era cortada mais à medida que q vela ia sendo consumida. Nossas camas eram estacas amarradas por cima de peças de madeira, sustentadas por um garfo (forquilha) de um lado e enterrada na parede de barro do outro. Lemos a Bíblia para o homem e sua família e falamos com eles sobre Jesus a maneira cristã e o modo de vida.

Esta região produz grande quantidade de mate. Este chá paraguaio e a folha de uma árvore nativa que cresce sem cultivo, colhida enquanto verde secada sobre um fogo forte, esmigalhada ou moída. E uma bebida refrescante; e tomada à vontade ceda pela manhã, a tarde e a noitinha, depois do jantar. O jeito nativo de tomá-lo em numa cuia. Enche-se com a erva-mate e despreja-se água fervente e toma-se chupando por uma boa bilha (bomba).

Curitiba é uma cidade comparativamente moderna a cerca de 75 milhas da costa. Na época de minha visita havia uma bem estabelecida missão presbiteriana na cidade, que incluía uma escola de sucesso. Vendi Bíblias em seis diferentes línguas: Português, alemão, italiano, polonês, inglês e árabe. Encontrei lá um grande e convidativo campo; então fiz planos para entender nosso trabalho

através do Estado, e deixei um colportor responsável. Em Curitiba eu admirei as vastas proporções de uma inacabada num local proeminente e perguntei por que, o edifício não sido terminado. Fui informado que os materiais e o dinheiro estavam a mão e o trabalho estava prosseguindo quando souberam que o Imperador planejava visitar a cidade e, então as pedras e o dinheiro foram usados para completar uma estrada da costa e desde então tinha sido impossível conseguir mais fundos.

Descendo pela costa fui para Desteiro, capital de Santa Catarina, 485 milhas do Rio, situada numa ilha. A população da cidade era de 30.000 e a do Estado 284.000. o nome da cidade é agora Florianópolis; tem uma população de 52.000 e ligada a terra do interior por uma ponte. A população do Estado aumentou para 1.075.000. O presidente naquela época era amistoso para com os protestantes e freqüentemente assistia aos cultos na Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro. Recebeu-nos cordialmente e nós tivermos uma conversa muito interessante sobre religião de Jesus Cristo e a circulação da Bíblia. Sentir que ele hesitava em declarar publicamente sua fé por motivo de interesses sociais e políticos.

Encontrei um dos sete pastores luteranos que estavam servindo os colonos em diferentes regiões de Santa Catarina; eles não se esforçaram para alcançar os brasileiros, mas limitou-se a trabalhar com os alemães, pouco tinha sido feito para circular a Bíblia entre eles e eu resolvi fazer isto mais cedo ou mais tarde.

O colportor e eu decidimos tentar primeiro uma viagem ao longo da costa, para fazer economia, nossos colportores viajam de segunda classe nos trens e em alojamentos baratos, mas vapores, e quando eu viajava com eles fazia o menino. Na atual viagem embarcamos na

classe barata de um pequeno certa tarde. Quando já estava em Leoa parte do caminho, formos chamados para jantar; cada um recebeu um prato de então, uma caneca, uma colher e a feijoada e o café, fomos servidos com abundancia. Fizemos uma visita especial para promoção de vendas e vendemos alguma Bíblia. Alguns mostraram interesse no Evangelho e tivemos oportunidade de explicar para eles mais sobre os livros e sobre o caminho da salvação.

Quando chegou a hora de dormir, desci para averiguar as acomodações. O lugar era repulsivo e o mau cheiro insuportável: um quarto grande, poucos beliches e redes, as roupas sujas, o fedem e do vômito dos passageiros mareados e um calor sufocante. Rapidamente voltei ao de que e procurei um lugar alvejado onde pudesse para passara noite. Pegando minha capa de borracha para proteger-me do frio e da chuva, descansei minha cabeça num rolo de cordas e dormi. Se não fora a noite fria e da chuva, teria passado uma noite relativamente confortável.. De qualquer modo o de que molhado e ventoso em preferível do às acomodações abaixo.

Passamos um domingo na cidade de Joinvile, uma colônia alemã fundada por volta de 1851. Havia então mais de 10.000 pessoas no distrito dos quais dois terços eram luteranos. Encontrei igrejas, escolas, uma editora e jornal semanal, lojas e fabricas, indicando uma colônia bem sucedida, numa de feira, os colonos vieram em grande número com seus produtos, compras e vendas foram muito animadas. Às dez horas uns poucos se reuniram na igreja para o costumeiro culto semanal; eu contei nove homens e meninos e trinta e quatro mulheres e meninas.

Outra famosa e bem sucedida colônia alemã neste Estado, está no vale do rio Itajaí e tem o nome do Dr. Blumenau, que a fundou há meio século atrás. Os colonos

estabeleceram livrarias e um colégio agrícola. Eles têm moinhos, usinas de açúcar e outras fabricam e têm construído pontes e estradas. Esta colônia recebeu o prêmio de 10.000 francos numa exposição em Paris em 1867 como umas das instituições que mais beneficiaram a humanidade. Mandaram Bíblia diretamente para o Rio para esta colônia.

De Joinville prosseguimos por terra, 40 milhas para a vila de Oxford, viajando numa carroça coberta puxada por cinco cavalos, sobre estradas marcadas. As casas eram bem construídas e cercadas, jardins eram em grandes números; as fazendas eram bem cultivadas e o aspecto geral era mais alemão do que brasileiro.

Nossa rota para o interior levou-nos as fronteiras de uma região habitada por índios selvagens. O posto de comercio era de um russo. Certo numero de índios estavam por perto. Vendemos duas Bíblias e o russo, a meu pedido, interpretou passagens para vários índios. Eles pareciam interessados e pediram que continuasse. Daquele ponto nossa viagem em direção ao Paraná foi feito em território do índio. Pois colonos nos avisaram para voltar e ir para o Paraná por outro caminho, pois os índios eram hostis naquela época. Um grupo de homens brancos tinha matado 20 ou 30 índios, incluindo mulheres e crianças; contaram-nos as mulheres índias foram brutalmente assassinadas enquanto ajoelhadas, ante os homens armados pedindo para serem poupados. Batemos em retirada e tomamos outro caminho.

Não havia oportunidade para trabalho com Bíblia nessa região. Nosso guia tinha preparado alimentos construídos de carne seca ou frango cozido e misturado com farinha e o costumeiro feijão preto. No segundo ou terceiro dia chamei a atenção do guia para o fato de que a carne estava estragada, ele respondeu: “estou surpreso, ela foi cozida

há cincos dias e eu pensei que fosse durar pelo menos oito!" No dia seguinte obtivemos alimento fresco. A província (agora Estado) do Rio Grande do Sul está na extrema ponta do Brasil, com a Argentina a oeste, Uruguai ao sul e o Oceano Atlântico no leste. Na época de minha primeira visita tinha uma população de cerca de 900.000 que desde então aumentou para 3.260.000. Este Estado tem um clima mais brando e agradável do que em qualquer outra região do país, em parte devido à altitude de cerca de 2.000 pés. Ele abarca cerca de 142.000 milhas quadrados, quase tão grande como o Estado de Tennessee, Kentucky e Missouri são quase três vezes o tamanho da Inglaterra. O solo na maior parte é fértil e fácil de ser cultiva; as planícies são adaptadas à criação de gado e os vales e montes a uma variedade de agricultura. Também florescem frutas e cereais, tanto de clima frio como tropical. Há extensas florestas facilmente acessíveis madeira e plantas medicinais são numerosas. Ouro, prata, ferro, cobre e carvão também são encontrados.

Este é um dos Estados mais recentemente estabelecidos da República. Os primeiros colonos chegaram em 1715. Em 1740 grandes números de casais jovens vieram de Açores e do Rio Grandenses dizem orgulhosamente que descendem de açorianos. Eles têm sido chamados "os mais emancipados de todos brasileiros", o que quer dizer que eles são menos dominados pela teologia medieval. Quando entrei no trabalho da Sociedade Bíblica Americana, o Rio Grande do Sul era servido pela agencia La Plata com sede em Buenos Aires; isto era devido à proximidade de Buenos Aires e ao fato de que missionários da Igreja Metodista Episcopal da Argentina e Uruguai seguiram os colportores na região. Minha primeira visita foi em 1895. Adistância do Rio de Janeiro à barra de entrada a baia do Rio Grande do Sul é de 780 milhas. A cidade capital Porto

Alegre esta localizada a 134 milhas da barra, na Lagoa dos Patos, ou entres o estuário do Yuaiba formado por quatro rios correntes para o mar inteiros. A população da cidade naquela época era 58.000 e agora é 370.000.

Em Porto Alegre, eu fui singularmente muito bem sucedido em meus esforços iniciais para fazer circular a Bíblia e achei as pessoas prontas para me ouvir. A cidade sempre esteve aberta ao trabalho protestante, devido, sem duvida ao espírito de liberalidade desenvolvido pelo contato com os alemães luteranos e é hoje um forte centro de trabalho protestante. Em Porto Alegre, a Igreja Americana e um brasileiro; tem igreja bonita e um seminário de teologia. Aqui também os Metodistas tem duas importantes instituições educacionais: o Instituto Porto Alegre para rapaz, que fica num belo campus no subúrbio e o colégio Americano, uma escola para moças que tem por muitos anos ocupados algumas belas velhas mansuês e na rua principal, mas que agora está construindo belos prédios em extensa área perto do Instituto Porto Alegre.

Em 1899 fui comissionado para negociar a transferência do trabalho da Igreja Metodista Episcopal no Rio Grande do Sul para Igreja Metodista do Sul. Na minha segunda viagem ao Estado, eu combinei os deveres de assumir a missão e entender minhas viagens trabalho através do estado. Subsequentemente eu visitarei o Rio Grande do Sul cinco vezes, entrando duas vezes pelo Uruguai e Argentina, ima vez de vapor do Rio e duas por avião.

Em Uruguaiana na fronteira no extremo sul, tive o prazer de visitar o Mr. Carey, parente do formoso missionário William Carey. Estava empregado de uma pequena empresa de estrada de ferro e tinha organizado e estava dirigindo uma escola dominical em sua casa, o primeiro trabalho protestante naquela região. Peguei em uma sala

maçônica, o primeiro sermão jamais ouvido lá. Hoje os metodistas têm uma forte igreja na cidade e aqui também dirigem o notável Colégio União.

Certa vez fiz uma viagem nova e interessante de dois dias através do estado numa diligencia que utilizava dez ou doze pequenos cavalos como força motriz. Os cavalos com rédeas nos dorsos e só uma tirante de couro, eram tirador a intervalo de duas horas. Em alguns poucos lugares, tive oportunidade de oferecer Bíblia para algumas pessoas. Na segunda vez que entrei no estado vindo do sul, Mrs. Tucher e eu estávamos voltando ao Rio por terra, de Valparaiso, Chile. Estávamos viajando de New York no interesse de cooperar com o trabalho cristão na América Latina, seguindo a Conferência de Montevidéu e estávamos fazendo um trabalho de levar o cabo da delegação, ao longo caminho. Em outras ocasiões visitei o Rio Grande do sul como Secretario da Junta de Serviço Social da Igreja Metodista, assistindo o Congresso Geral e anual, assistindo na ordenação de Bispo e juro movendo a causa da Bíblia.

O Rio Grande do Sul a maioria dos alemães no Brasil e é o centro da "Quinta Colônia" alemã. Em minhas primeiras viagens visitei 27 dos 52 pastores alemães no estado. Observei sem métodos e muito admirei as pequenas escolas que funcionam nas paróquias das igrejas e as grandes escolas sendo desenvolvidos conselhos de diretores. Descobri que estas igrejas tinham sido formadas em um sínodo relacionado com a Igreja do estado da Prússia e as instituições recebiam subsídios do exterior. As igrejas e escolas davam pouca atenção aos brasileiros e a língua alemã era exclusivamente usada. Pouco dos alemães sabia português ou se davam ao trabalho de aprende-se. Ficou claro para mim que estas

pessoas tinham poucos a intenções de se tornarem brasileiros em espírito e verdade.

Há 40 anos atrás eu escrevi em meu livro "a Bíblia no Brasil" as seguintes frases: "Não posso dizer quais são os intentos da Alemanha possam ser em referência a estes colonos e o desejável território sobre o qual se espalhavam porem, é um fato conhecido que todos os alemães nascidos entre eles. E uma grande maioria, si não todos brasileiros nascidos alemães entre eles, são completamente leais à Alemanha e se a questão surgir, o Imperador alemão pode despender de sua simpatia e apoio".

Quando voltei ao Rio de minha primeira viagem através deste estado sulino, visitei o editor do principal jornal da cidade, um amigo pessoal caloroso que estava interessado em nossa causa bíblica, e relatei minhas experiências, expressando preocupação sobre a influencia das escolas alemãs. Ele ficou profundamente impressionado e na manhã seguinte ele visitou o Presidente da República a quem ele repetiu muito do que tinha relatado. Dentro de pouco tempo medidas foram tomadas e instituídas para que o ensino do português, e a história e geografia do Brasil nestas escolas de línguas estrangeiras.

Quando o Brasil seguiu os Estados Unidos na II Guerra Mundial todos os colégios alemães no Rio Grande do Sul foram ou fechados ou transformados em instituições brasileiras e restrições foram postas em pregações na língua alemã e o uso da língua foi proibido em publico em Porto Alegre.

Estas narrações sobre viagens cobrem o Brasil tudo, exceto os dois grandes estados de Goiás e Mato Grosso. Eu não tenho pesquisado pessoalmente estas vastas áreas no coração do sudeste do continente Sul americano, mas

familiarizei-me com a geografia e as necessidades e mandei colportores que foram pioneiros para o avanço cristão. Estes introduziram o Livro Aberto e missionários de varias denominações os seguiram. Recentemente fez-se um projeto de trabalho entre os índios. Estes estados têm uma área de 2.150.000 km quadrados. Goiás tem uma população de 800.000 e sua capital Goiânia, cerca de 30.000, Mato Grosso tem uma população de 400.000 e sua capital 50.000. Isto significa um habitante para cada 2 km quadrados. Esta tremenda região, rica em florestas, com possibilidades agrícolas, minerais, e muitos outros produtos, ainda não despertou a imaginação do homem.

Um dos primeiros livros que li em português lia mais de 50 anos atrás foi "O Selvagem" por Cel. Couto de Magalhães, editado por ordem do governo Imperial em 1876. O autor diz que o objetivo de suas longas e perigosas viagens de pesquisas e levantamentos era elaborar planos para trazer a população índia de mais de milhão, no grande interior para ordem de vida civilizada e fazer as regiões que habitam, cerca de 2/3 de terras do Império, acessível para ocupação e desenvolvimento. Ele diz que a realização deste objetivo seria a execução "lo sublime mandamento de Cristo confiou a todos cristãos com referência aos povos bárbaros, nos sublimes palavras do Evangelho: Vão aqueles que sentam nas sombras e escuridão da morte e dirige seus passos para o caminho da paz". Eu traduzo literalmente: "Si o leitor tiver a paciência de me seguir ele terá alguma idéia de com esse reino dos selvagens é atravessado, como eu tenho viajado nele mais de uma vez, correndo riscos, devendo minha vida ao meu resolver e a meus lenços, mas onde eu tenho muitas vezes experimentada a indescritível alegria de estar com Deus e com a natureza". Ele assemelha suas viagens atravez destas vastas regiões, de La Plata, no sul do Pará a foz do

amazonas ao monte, as viagens de Livingstone em sua procura pelas origens do Nilo.

Este autor traça navios caminhas possíneir: de um ponto no Rio da Prata, na Argentina conduzindo para o lado da Bolívia ao Santo Antonio no Rio Madeira, no vale amazônico, tem cerca de 5.000 milhas; outro caminho seria dos Tapajós para Santarém seria de 4.000 milhas: cuida outro pelo Rio Xingu ou Araguaia e Tocantim ao Pará teria 4.300 milhas, Magalhães não traçou o caminho para baixo do "rio desconhecido", explorando em 1913 – 1914 pelo ex - presidente Theodoro Roosevelt e Coronel Candido Rondon; o ultimo, um dos mais notáveis brasileiros que conheci pessoalmente, era um homem culto e corajoso, um digno sucessor de Couto Magalhães no campo de exploração e serviço aos índios. Ele se tinha dado a este trabalho por 24 anos antes que a expedição Roosevelt – Rondon foi-se encetada. Brasileiros de História e Geografia conferir a ele o titulo de Membro Honorário Distinto. Mais tarde testemunhei com igual interesse a impressiva cerimônia quando ele foi tornado membro da Associação Brasileira de Educação (por seus serviços).

Nossos meios de comunicações através deste território para o trabalho bíblico em uma linha de navios, do Rio, a 1000 milhas para Montevidéu, daí para os rios de La Plata e Paraguai 1650 milhas para Corumbá e de lá 441 milhas para Cuiabá por barcos mais leves. Assim, a distância completa do Rio para capital do Mato Grosso é de 3192 milhas. Na minha viagem à Amazônia acima fui para Manaus, 3253 milhas desde Rio de Janeiro, num navio da mesma companhia. Esta linha navega num total de 7145 milhas ou mais do que ¼ da distancia ao redor do globo. Eu suponho que não há outros navios no mundo fazendo tal distância, entre pontos em território nacional. Para

completar o circulo por terra fazemos uma distancia adicional de cerca 1175 milhas, 120 destas pela estrada de ferro Madeira e Mármore, ao longo dos rios Madeira e Mármore, e então cerca de 50 milhas a cavalo, que nos leva ao território de navegação pelo caminho do rio Paraguai. A distancia completa do círculo que fazemos é 8370 milhas ou 1/3 da circunferência da terra mais do que quatro anos. Foram dados quase exclusivamente para viagens, treinamento, equipamentos e colocação dos homens que atravessam esta região no afã de oferecer as Sagradas Escrituras a todos habitantes que sabem ler.

-

Capítulo XI
Escavando mais profundamente

Os capítulos antecedentes tem tido haver quase exclusivamente com minha pesquisa de um país muito maior que os Estados Unidos no quais as facilidades para viagem eram primitivos e inadequados e meus esforços para estabelecer uma permanente organização de colportagem. Ao mesmo tempo eu estava ocupado com assuntos administrativos de fundamental importância na estratégia de enraizar o Livro aberto profundamente na consciência do povo brasileiro.

Bem cedo surgiu a questão de coordenar o trabalho da Sociedade Bíblica Americana com a Sociedade Britânica e Estrangeira. Ambas operavam no Brasil, ambas era necessário, o campo sendo amplo e necessitado o

suficiente para sobrecarregar recursos das duas organizações. Sobrepor e desperdiçar deviam ser evitados e o território partilhado de tal maneira que tivessem um máximo de eficiência. Atarefa era complicada; a divisão do território não podia ser feita na base geográfica, já que tais fatores, como facilidades para viajar, topografia e as populações eram primordiais. Tomando em consideração todas estas situações eu pude realizar um plano de cooperação. Sua aceitação envolvia de minha parte uma visita à Londres para discutir os detalhes, com os oficiais, da Sociedade Britânica. O plano foi aprovado tornou-se efetivo em 1.904, permanecendo com força até hoje. As duas sociedades têm distribuído mais de 5.000.000 de cópias das Sagradas Escrituras do Brasil.

Minha segunda tarefa administrativa, bem difícil, como demonstrou ser, foi conseguir uma nova tradução da bíblia, da original em Hebreu e Grego para o português usado no Brasil. Foi aprovado por ambas as Sociedades Britânica e Americana e eu fui autorizado a selecionar cinco sábios (pessoas, doutor), três missionários e quatro brasileiros para fazer a tradução. Meu colega da Sociedade Britânica, Reverendo Frank Utley, e eu éramos membros da comissão de tradução. Para conseguir os serviços de homens competentes e interessados, no Brasil 50 anos atrás foi muito mais difícil do que eu antecipara, mas a procura me levou as relações pessoais com os proeminentes sábios e liletatos do dia, tormando-se um permanente enrique e dono de minha experiência e ministério.

Um dos tradutores com quem eu tinha freqüente e juroneitosos relações foi o Barão Ramiz Jolvao. Ele tinha sido tutor da família Imperial, era uma autoridade em português e o principal sábio (scholar) em grego no Brasil. Outro foi o distinguido jurista, estadia e homem de

letras, Dr. Ruy Barbosa, Barbosa fez uma brilhante contribuição como membro da Corte de Justiça Internacional e Maia era Ministro Federal de Finanças. Sua política fiscal de expansão moeda corrente em papel provou ser desastrosa; as emissões caíram a 22 em 100 e o Governo foi forçado a ocupar os bancos de emissões e o colateral. Quando William Jennings Bryan de fama de prata livre (?), visitou o Brasil, em 1910 eu arranjei um encontro entre ele e o Dr. Ruy Barboza e escutei com interesse nas discussões sobre finanças do governamental. O resultado não trouxe muita luz sobre o problema financeiro.

Estes dois homens doutos, o competente Machado de Assis e um ou dois outros se atiravam ao trabalho de traduzir as Sagradas Escrituras no quase português perfeito. Usam todas as fontes possíveis, mas basearam seu trabalho no texto hebreu de Jinsberg e no novo Testamento grego de Nestle. Perfeição na foi nem sempre correu calmamente; erros foram feitos na escolha de auxiliares de tradução, ciúmes não eram ocultos e criticas desfavorável apareceram. Mas nós persistimos e o trabalho finalmente apareceu: o Novo Testamento em 1910 e a Bíblia a "Versão Brasileira" e tem sido usado geralmente com aumento de interesse por mais de ¼ de século. Em 1936 foi apresentada uma recomendação para que fosse feita uma revisão desta Bíblia.

Pouco tempo depois da publicação da Versão Brasileira, outro trabalho monumental de conhecimentos apareceu: os dois volumes "Estudos históricos e críticos do Velho Testamento" por Dr. José Carlos Rodrigues, editor do influente jornal: "Jornal do Comercio". Este ilustre brasileiro era um dos meus amigos mais chegados e o mais sábio conselheiro e eu tive a honra de ser consta

mente consultado por ele, à medida que seu trabalho sobre o Velho Testamento progredia.

Rodrigues viu a bíblia pela primeira vez no lar humilde onde ele procurou abrigo para a noite numa viagem a cavalo do Rio a São Paulo, quando era um jovem estudante. O livro havia sido deixado na casa pelo Rev.Daniel P. Kidder muitos anos antes e o jovem estudante ficou muito interessado nele. Depois de se formar em direito em São Paulo, ele foi para a Universidade de Princeton e por muitos anos trabalhou em jornalismo em N.Y. Enquanto estava nos Estados Unidos, ele frequentemente visitava a sede da Sociedade Bíblica Americana e procurou todo auxilio que encontrava para seus estudos da Bíblia. Anos mais tarde, depois que ele estabelecido o "Jornal do Comércio" em um grande diário, ele se aposentou deixando o cargo de editor ativo viajou pelos Estados Unidos e Europa para formar sua biblioteca de livros (auto authoritave) autorizados, em vários campos de saber teológico e passou 7 anos escrevendo seu próprio trabalho. Quando estava completo ele voltou a Londres e conseguiu os mapas mais autorizados e outros materiais ilustrativos na forma de reproduções de velhos manuscritos e descobertos arqueológicas. Em1921 seu trabalho foi publicado por T. e T Constable, de Edimburgo em volumes de dois oitavo de 1.360 páginas.

Tão estrita tinha sido minha associação e colaboração com o Dr. Rodrigues e tão fervorosamente tinha aprovado seu projeto, que eu sento quase um orgulho de propriedade em seu trabalho. Imediatamente após seu retorno do exterior ele me visitou e me apresentou os primeiros dois volumes, a dedicatória expressada apreciação "pelo encorajamento novo me deu constantemente na preparação e pelo profundo respeito que eu sinto por seu

modesto, mas não menos eficiente trabalho apostólico e meu país por quase ½ de século”.

Para mim, o mais gratificante resultado de nosso trabalho de colportagem, a nova Versão Brasileira e tal trabalho como o de Rodrigues, foram seus influencia na atitude e clesiasticimo dominantes para com a Santa Bíblia. Nos anos oitenta, noventa e primeiros anos do século presente, a hierarquia era de amarga oposição e leitura da Bíblia. Isto é ilustrado por minhas próprias experiências. Mas uma mudança de era aparente a medida que o livro tornou-se mais ou menos geralmente distribuídos e os efeitos da leitura da Bíblia eram observados.

Esta mudança não envolveu a posição teológica de Roma, a Igreja Católica sempre e em toda parte esta em oposição fundamental às teses de que a Bíblia “contem todas as coisas necessárias para a salvação” que todos os homens devem ter livre acesso a ela nas vernáculas sens “explicações” ou “notas” destinadas a influencias sua compreensão do texto, e que todos os homens são e devem ser livres para interpretá-la. Estas teses, por outro lado, representam os fundamentos do protestantismo, Católicos não dão muita importância á leitura da bíblia e se opõem positivamente as leituras de qualquer versão que não contenha interpretações católicas e protestantes são amplas e intransponíveis.

Contudo a circulação da Bíblia no Brasil trouxe uma visível mudança na atitude católica, si o povo brasileiro tivessem que ler a Bíblia dês deveriam receber a Bíblia que continha as “notas explamativas” que prédertemінariam sua interpretação atividade católica neste campo.

Os monges franciscanos na Bahia publicaram um novo testamento com a seguinte afirmativa no prefacio: “Sendo

apropriado adquirir as Sagradas Escrituras e o exato tomado fáceis aos católicos contra as Bíblias falsas e mutiladas que as seitas protestantes estão espalhando tão profundamente no país, com a aprovação do Most Excellent e Most Reverendo Lord, Metropolitano Aachbishop and Primate e com a aprovação de todos Most Reverend Bishops que estavam presentes no primeiro Congresso Brasileiro católico. Nós empreendemos a reedição a Bíblia Sagrada nas línguas vernáculas, fazendo uso das versões existentes no sentido que sustentam fidelidade e clareza e acrescentando notas explicativas resumidos, dos Santos País e estudos bíblicos de eminentes teólogos antigos e modernos".

Outra revisão feita por um eminente padre em São Paulo também apareceu. Um de seus colegas escreveu: "A hora é providencial, os emissários das Sociedades Bíblicas estão se multiplicando entre nós, distribuindo Escritura na língua vernácula com evidentes alterações. É necessário motivar a leitura da Palavra Divina em todas as precauções". O autor em sua introdução diz: o protestantismo ensina que todas as verdades da fé são encontradas nas sagradas Escrituras e que todos nós temos o direito de interpretá-las de acordo com a luz do Espírito Santo. Embora abatendo esta doutrina perigosa e fatal, mãe prolífica de inumeráveis seitas extravagantes que se contradizem, a Igreja não tem o propósito de nos privar da Bíblia e alem do mais concede muitas indulgências para todos aqueles que lêem uma passagem do Evangelho pelo menos por ¼ de hora."

Numa carta circular fazendo propaganda deste trabalho, ele escreveu: "Por muito tempo, deve ser admitido que o Evangelho era um livro fechado para os católicos, um livro desconhecido, e por isso, o Deus do Evangelho está se tornando um Deus desconhecido. Mesmo entre pessoas

pias, entre aquele que procuram seguir Jesus Cristo, há muito poucos que lêem os Evangelhos".

O cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, autorizando e recomendando uma terceira revissão mandou uma carta para seu clero na qual disse: "No momento em escrevemos estas palavras de aprovação e de desculpas sobre o trabalho de popularização da leitura dos Santos Evangelhos, nós julgamos conveniente tornas bem claro que esta nossa atitude nunca deverá ser confundido com protestantes, são fazendo ativamente. Não, eles, fieis a seus princípios, desejam substituir os Evangelhos pela Igreja; eles reivindicam encontrar direta e exclusivamente nos Evangelhos o dogma de fé e as regras para vida".

O Padre Rohden, num jornalzinho chamado "Iamprejos" publicou um editorial intitulado: "A alma da Ação Católica", que atraiu atenção e foi reeditado pelos protestantes. Ele lamenta que muitos católicos sejam completamente ignorantes da divina mensagem e que "o livro mais digno de ser lido e meditado contínuo a ser uma terra desconhecida para muitos cristãos". Ele diz: "Por mais de um ano tenho estrada a viajar, pesquisei 14 estradas. Em todo lugar uma grande desvantagem: uma profunda e vergonhosa ignorância da Revelação Divina".

Depois de ler e apreciar sua sabedoria, e na maior parte na tradução correta tive uma entrevista cordial com Dr. Rohden. Disse-lhe que estava fazendo uma valiosa contribuição. Ele perguntou-me se eu sabia que os protestantes estavam reproduzindo e fazendo circular sua carta. Eu sabia, pois tinha uma cópia em minha mão. À medida que nossa um tanto longa conversação chegava ao fim, ele perguntou-me ser eu aceitaria um volume que ele tinha editado recentemente em português "Jesus Nazareno, como os Evangelhos o descrevem e como minha alma o considera". Este estudioso da Bíblia deseja

ardentemente que seus conterrâneos leiam a Bíblia e sigam o Santo Nazareno.

A Sociedade Bíblica Americana foi fundada em 1816 e em 1916 uma ampla comemoração do centenário. Fui convidado a assistir o Congresso do Panamá em relação com a comemoração, a participar no Congresso Regional que seguiram em vários lugares da América Latina, e a assistir os ensaios em Nova York. Foi uma indicação agradável para mim, já que não havia estado em meu país desde 1910.

Para completar o itinerário era necessário ir do Rio a N. York, daí ao Panamá, daí descer a costa oeste da América do Sul e através dos Andes, e daí outra vez para Nova York. Nosso grupo de 5 delegados saiu do Rio em 11 de Janeiro de 1916, para Nova York, onde nos juntamos a um grupo maior, e prosseguimos para o Panamá para o Congresso Bíblico. Foi uma notável reunião quando foi distribuição na América Latina. Tive a honra de participar da cerimônia do lançamento da pedra fundamental da nova casa da Bíblia na zona do canal e percebi mais vividamente uma visão de uma instituição similar no Rio, uma visão que tinha no instigado desde os primeiros dias de minha ralação com a Sociedade Bíblica.

O grupo escolhido para dirigir os Congressos Regionais era compôs de 40 delegados. Tínhamos conferências em Lima, Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro e tivermos entrevistas com grupos de pessoas locais em vários outros lugares por onde passamos. Reunimos para reuniões e planejamento todos os lideres evangélicos da América do Sul; amizades surgiram, os problemas peculiares de vários paises foram arejados e a causa bíblica de todo continente foi unificada.

Enquanto estava em Lima, Peru; encontrei o colportor veterano e agente da Bíblia, Rer. Francisco Ponzetti. Em 1890 ele tinha aprisionado em Callao por vender Bíblias e por pregar em sua própria casa. Isto não foi perseguição de padres, mas uma ação do governo oficial e trouxe à tona de maneira proeminente a questão total da liberdade religiosa na América Latina. O fato foi uma causa celebre na época e atraiu atenção quase no mundo inteiro.

Ponzatti me levou ao calabouço em que ficou encarcerado e contou a suas experiências. Não havia sinal de amargura ou desejo de vingança em seu coração, mas só uma alegria humilde que ele considerou digna pelo fato de sofre prisão pela causa do mestre. Parece que as autoridades deliberadamente tentaram causar sua morte pela fome, e teriam tido sucesso se sua esposa não tivesse levado comida todos os dias. Mas seus recursos terminaram e por fim seu pequeno filho, Paul, trouxe a noticia que não podiam encontrar mais alimento. Embora isto pareça ser sinal de morte certa: "não faz mal, Deus proverá". Nesta conjuntura critica uma conta anônima chegou de N.York com um cheque de u doador desconhecido que tinha lido a respeito do caso de Ponzetti e temeu que ele estivesse necessitado, o donativo saudou a vida do prisioneiro.

Tendo completado as séries de Congressos Regionais no Rio, eu logo voltei para N. York para as observâncias centenárias nos Estados Unidos. Na sessão de abertura em Washington encontrei pela primeira vez o Presidente Woordrow Wilson, que fez o principal discurso no Memorial Continental Haee da D.A.R quando sentado na plataforma com o Presidente e ouvi sua eloqüente mensagem, elegantemente apresentado, segundo estilo e expressões dos mais sentimentos, eu fui dominado pelo encontro daquele homem notável. Ele falou sobre uma rica experiência, um profundo conhecimento e uma forte

convicção das verdades e da influência social da Santa Bíblia.

Poucos dias depois eu falei, como representante da causa Bíblica na América Latina numa grande missa em carregue Haee, Nova York, na qual o Hon. Joseph e H. Choate era o presidente. Ao terminar eu fui abordado por um estranho que me convidou a almoçar com ele no domingo seguinte em sua casa Rinerside Drive. Em nossa conversação, relatei a historia da prisão de Mr. Ponzetti em callao e da dádiva do desconhecido que tinha valor de sua vida. “Nem Ponzetti, nem a Sociedade Bíblica”. Eu disse: “jamais soube quem mandou o cheque”. “Eu mandei”, disse meu hospedeiro. Eu nunca fui capaz de determinar se minha aluna foi mais perturbada do quando eu fiquei diante sentado na casa luxuosa em Nova Iorque e ouvi um leigo interessado revelar o segredo do salvamento.

O Brasil não escapou de entra na Guerra Mundial de 1914-1918. Eu Cruzei o oceano 2 vezes durante a guerra, quando as luzes eram proibidas e as clarabóias escurecidas enquanto o navio fazia zig zague através dos mares infestados com submarinos inimigos. Quando os marinheiros brasileiros partiram para águas européias numa tarde de domingo fui abordo e dei o novo testamento a todos que o quisessem.

Num culto que eu dirigi no primeiro domingo depois da volta deles ao Rio, depois do Armistício, um jovem respondeu ao meu convite para se apresentar para oração e ensinamento. Ele me deu um caloroso aperto de mão e disse: “Sendo o Testamento abordo do navio, fui levado a aceitar a Cristo”. Mais tarde tive o prazer de pregar na igreja da qual ele era o superintendente da Escola Dominical e ele contou-me que outros marinheiros

tinham também encontrado a luz e o auxilio dos livros que eu lhes dera.

Meu trabalho em relação com o centenário da Sociedade Bíblica Americana estendeu-se de 11 de Janeiro, 1916 a 6 de Janeiro, 1917. Viajei cerca de 45.000 milhas, dormi 42 noites em trens nos Estados Unidos, fiz mais do que 100 palestras e presidi mais do que 50 congressos a favor do trabalho para a Sociedade.

Em 1922 tive o privilegio de participar em outro centenário, o da independência do Brasil. Não época estava servindo como pastor do Union Church em conexão como outros deveres. Uma característica da comemoração em todo país foi a publicação de um volume que cabia vários aspectos da vida e da historia brasileiras. Meu amigo Dr. J.C. Rodrigues, foi solicitado a preparar um capitulo sobre "Liberdade Religiosa e Religiões não – católicas" e eu tive a proveitosa experiência de cooperar em suas pesquisas e fornecer-lhe material sobre missões protestantes no Brasil. Consegui, para a ocasião, edições especiais do Novo Testamento e dos Evangelhos em português; este era belamente encadernado e estampado com a bandeira do Brasil e a inscrição. "Em comemoração do centenário da Independência do Brasil; 1822-1922". Em um stand no prédio da Exposição Centenária grande numero desde livros e quantidades de outras literaturas evangélicas, foram distribuídas.

O Hon. Charles Evans Hughes, secretário de Estado representou os Estados Unidos, uma gesta cortês de resposta à visita da Independência Americana em Filadélfia em 1876. Visitei o Secretário Hagher, que era Vice-presidente da Sociedade Bíblica Americana e o presente-o com uma cópia de nosso Novo Testamento do centenário. Ele mais tarde escreveu-me uma carta muito cordial de agradecimento.

Na manhã de domingo Mr. E Mss. Hagher, e vários membros de seu grupo assistiram nosso culto na Union Church e sua presença atraiu um considerável numero de eminentes brasileiros. O fato de que um importante personagem do governo dos Estados Unidos parasse no meio de seus deveres oficiais para prestar culto a Deus numa igreja protestante causou uma profunda e favorável impressão no povo brasileiro e ocasionou comentários na imprensa da nação.

Cinco anos depois uma outra comemoração parecia que se realizar. O ano de 1927 marcou fibitreth 15 ou 50 aniversario do trabalho da Sociedade Bíblica Americana no Brasil e o fortieth aniversaria de meu próprio trabalho como agente. O povo brasileiro gosta de comemorações e nós resolvemos observar esta ocasião. O plano abrangia dois aspectos: uma tentativa para se conseguir uma melhor compreensão da Bíblia da parte do povo e uma grande reunião de pessoas no Rio. A pevide escolhida para isso foi desde o Dia da Independência em 7 de Setembro ao domingo Mundial da Bíblia em 4 de Dezembro.

Ao promover o estudo puzemos ênfase no Evangelho de São João, São Lucas e Atos dos Apóstolos, e o Epistola aos Romamos. Os 89 dias de comemoração coincidiram exatamente com os 89 capítulos dos 4 livros e assim, pedimos a todas as pessoas interessadas no Brasil, a ler um capítulo por dia durante o período. Grandes quantidades dos livros foram distribuídas panfletos e folhetos contendo materiais históricos, devocionais e outros foram publicados. Mobilizamos todos nossos colportores e mais do que mil cristãos voluntários para promover a venda e distribuição desta literatura. A idéia atraiu a parte amistosa da população e a amplamente espalhada publicidade, apareceu em jornais por todo o país, conforme o consenso da opinião informada, esta

promoção intensiva fez muito para tornar garantir o lugar da Bíblia na vida do povo brasileiro.

No dia da Independência, 7 de setembro, o povo se reuniu em massa no Rio de Janeiro. Um eminente brasileiro Yal Adauto de Mello, presidiu e o embaixador dos Estados Unidos, Hon. Edivin V. Morgan, estavam na plataforma. Eu apresentei um retrospecto histórico e dois notáveis discursos foram feitos sobre “A Bíblia e a Cultura Brasileira” e “O poder Transformador e a Influência da Bíblia”. Este ultimo discurso citou muitos exemplos impressionante da influencia transformadora das “Santas Escrituras” na vida de indivíduos brasileiros em todas as classes da sociedade, e chamou muita atenção.

Vieram congratulações de muitas fontes sobre sucesso da comemoração e impressionantes testemunhas a respeito do lugar e do Poder da Bíblia. Tais impressões não somente testificaram o sucesso da empreitada sobre o qual eu tinha estado trabalhando há quarenta anos, mas foram historicamente significativas em vista do desprezo que anteriormente tinha sido despejada tanto sobre a Bíblia como nas pessoas que a promoviam.

Recebi uma carta do Embaixador dos Estados Unidos muito calorosa de congratulações com votos de sucesso. Um candidato a governador em um dos Estados fez uma declaração publica na qual declarou: “a Bíblia é um livro que mais tenho estudado em minha vida”. Declarações semelhantes vieram de muitos literatos de homens públicos. Do. Yal. Adauto de Mello recebeu uma comunicação que parece digna de ser reproduzida:

“Meu querido amigo” Dr.Tucher, honrado com convite que teve a obsequio de me oferecer para presidir a sessão solene que foi realizada no Salão da Associação dos Empregados do Comércio, em 7 de setembro, em

comemoração do Fiflieth 50 aniversario da agencia no Brasil. Da Associação Bíblica Americana e do Fortielh 40 de sua direção de trabalho neste país, é conveniente agradecer da grande honra conferida a esta humilde pessoa.

A brilhante comemoração do Jubileu na qual tive a honra de presidir demonstra de modo impressionante o progresso que tem sido feito durante tão competente administração pela qual é espalhada no exterior a sublime luz da verdade, a palavra de Deus.

"Com as minhas mais fervorosas orações para preservações a de sua vida e para incomensurável prosperidade".

Seu amigo irmão em cristo Adauto de Mello.

Por muito tempo eu tinha sonhado com uma casa da Bíblia do Rio.Tal edifício, grande o bastante para as operações administráveis da Sociedade Bíblica do Brasil e as Organizações Evangélicas do Brasil, com espaços para aluguel para fornecer fundos para sua conservação, uma livraria no 1º andar com vitrine, as bíblias podiam ser mostradas, arquiteturamente em acordo com impulsos artísticos e tradições do Brasil, ficando no coração da capital nacional, era necessário para dar permanência a nosso trabalho para estender suas operações. Por muitos anos em insistir nisto com oficiais da Sociedade em Nova Iorque e o inclui como uma recomendação urgente em meus relatórios anuais. Os oficiais da Sociedade ficaram interessados, mas não havia dinheiro disponível.

Em 1929 M.H. Senbrance, de Cleveland, Ohio, visitou o Brasil. Ela procurou-me e perguntou-me detalhadamente sobre o movimento evangélico. Quando embarcava para N. Y. ela perguntou: "Qual a maior necessidade do protestantismo no Brasil?" Eu respondi: "Uma casa

bíblica no Rio". Logo recebi informação que ela contribuiria thousond mil dólares para este projeto. Comuniquei esta oferta para a Sociedade em N.Y e apelos foram feitos para doações similares. Não obtive respostas por um considerável período e as esperanças que haviam sido estimuladas pela oração de Miss. Severand estavam sumindo, quando recebi da Sociedade em cheque de $ 20.000 com instruções para comprar uma locação.

Isto apresentou outra dificuldade. Os preços altos e as condições de negócios incertas, entre o governo tornavam impossível conseguir propriedade adequada pela quantia disponível e eu recebi instruções para devolver o dinheiro para N.Y. As restrições do governo para se mandar dinheiro para fora do país, porém, causaram mais demora. Durante este tempo um local ideal pertencente à senhora francesa que voltava a Paris, foi oferecido. Ficamos perto do centro da cidade na zona acrescentada pela remoção do Morro do Castelo para a baia e podia ser obtido por pouco menos do que a quantia conseguida. A compra foi devidamente feita.

A construção de edifícios na parte mais nova da zona comercial da cidade do Rio restringido por muitos regulamentos. Entre eles estava a exigência que 5 séries de planos feitos por arquitetos brasileiros deveriam ser submetidas à comissão de Obras Públicas Municipais. Com estes planos nos apresentamos outra série de planos feitos por um arquiteto em N.Y. por ordem da Sociedade Bíblica Americana. Ainda outro plano foi mandado por um amigo. Depois de varias semanas de considerações, a comissão não chegou a um acordo. Como ultimo recurso eles convidaram o prefeito do Rio, o célebre arquiteto Francês que estava planejando as ruas da nova zona, o Diretor da Escola de Belas Artes e varios notáveis engenheiros, para uma conferencia do assunto. Depois de

uma hora de discussão o prefeito sussurrou uma palavra para o presidente da comissão, que depois da conferencia encerrada me disse: “Doutor Tucher, o senhor prefere o plano mandado de N.Y., não”. Eu assegurei-lhe que sim. Ele disse: “O Sr. O terá!”

A cerimônia do lançamento da pedra fundamental foi efetuada em 16 de fevereiro, 1932 e em fevereiro de 1933, uma cerimônia de inauguração e ocupação foi assistido por um grande numero de brasileiros notáveis e proeminentes membros da comunidade Norte-Americana do Rio. Meu sonho de uma casa da Bíblia tinha se realizado. O edifício tem 9 andares é a prova de fogo, em harmonia com a área comercial moderna que a cerca e também simboliza a Palavra que é uma luz em nosso caminho. Um livro aberto no lado que faz frente a rua representa a Lei e os Mandamentos. Símbolos convencionais representam São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João.

A rua ainda não tinha nome, mas era designada com o numero 7 no mapa da zona. Estava no âmbito do Prefeito dar nome a rua e eu pedi susgestões. Mrs. Tucher sugeriu o nome Erasmo Braga. Outros concordaram e quando eu apresentei este nome, ele graciosamente aceitou a recomendação e a rua recebeu o nome de Avenida Erasmo Braga.

O Rev. Erasmo Braga, que tinha recentemente falecido era um dos pregadores protestantes de projeção no Brasil, sábio, educador, jornalista e líder em atividades missionárias. Depois do Congresso do Panamá, em 1916 eu tinha organizado e dirigido por 3 anos, a comissão de cooperação no trabalho cristão na América Latina, e quando em 1920 tornou-se necessário eleger um secretario de tempo integral daquela comissão Erasmo Braga foi o escolhido por unanimidade. Que o nome do tal

homem fosse dado a rua onde nosso edifício estava localizado, foi uma ocasião de grande alegria para mim. De maior significado, porem, em vista da posição ocupada por eclesiasticismo dominante no país e a atitude daquele eclesiasticismo a outros movimentos religiosos, em particular com a Bíblia, está o fato que uma importante rua comercial no coração da capital do Brasil, tem o nome de um ministro do Evangelho protestante. Volto a esclarecer na recente afirmativa de que a presença de protestantes e repudiadas pelo povo Brasileiro e precedia as relações de boa vizinhança entre o Brasil e os Estados Unidos.

Minha carreira no Brasil tem sido sempre de estreitas relações com a Union Church no Rio de Janeiro. Eu organizei a congregação original e tenho, por varias vezes, servido como pastor na base de tempo (part tune). Como fui previamente mencionado eu era pastor da igreja quando o Secretario de Estado e Mrs. Hughers visitaram o Rio em 1992. Eu também era pastor quando o Presidente eleito e Mrs. Herbert Hoover vieram ao Brasil em sua visita de boa vizinha pela América do Sul. Visitei-os e os presenteei com copias da Bíblia em português, que belamente encadernadas, tendo mais tarde uma simpática carta de apreciação.

Ambos, Mr. E Mss. Hoover assistiram nossos cultos na Union Church na manhã de domingo, como tinham feito Mr. E Mrs. Hughes.

A autoridade brasileira um passeio especial, mas a sugestão havia sido polidamente recusou pelo Presidente eleito com a declaração que ele e Mrs. Hoover preferiam ser encontrado no se costumeiro local de culto no Domingo. Mr. Hoover também recusou a escolta militar que fora oferecido e veio sem ostentação para a igreja. Como no caso do Secretario e Mrs. Hugher, isto causou

uma profunda impressão nas mentes brasileiras. Os jornais de todo país comentaram o fato que o Presidente-eleito dos Estados Unidos tinha recusado uma cortesia oficial a fim de cultuar a Deus numa igreja evangélica num Domingo.

Quando eu estava deixando o Rio em fevereiro de 1928 para assistir o Conselho Missionário Internacional em Jerusalém e a Convenção Mundial de Escolas Dominicais em Los Angeles, a junta oficial da Union Church me pediu que cooperasse em escolher um pastor adequado e em conseguir auxilio financeiro para completar uma nova casa de culto. Em nossa volta de Los Angeles Mrs. Tucher e eu entrevistamos em St. Louis um ministro batista que aceitara um compromisso de 2 anos como pastor. Em N. York visitei um bom numero de pessoas, muitos dos quais não conheciam, e recebi contribuições substanciais para completar o prédio. Entre os doadores estavam Mr. John T. Underwood da Companhia Underwood de maquinas de datilografia, Mr. A. Stuart Driront da Companhia General Elétrica e Mrs. Theodore Roosevelt, viúva do ex-presidente quem eu tinha conhecido por ocasião de sua visita ao Brasil em 1913.

Estes relacionamentos têm despertado em meu coração uma profunda afeição pela Union Church e seus membros e eu sentimos um interesse de proprietário da instituição, semelhante ao que sinto pela casa da Bíblia no Rio.

O pastor a quem entrevistou em S. Louir não permaneceu ao final de seu pastorado e sim junho de 1934 tornei-me pastor da igreja. Servi até junho, 1934 no que provavelmente foram os cinco anos mais trabalhosos de minha vida. Tinha chagado a idade em que as maiorias dos pastores se aposentam. O trabalho da Sociedade Bíblica tinha se tornado mais empolgante. A Sociedade Bíblica ocupava minha constante atenção, como vice-

presidente da Associação de Escolas Dominicais eu estava desenvolvendo arranjos para a convenção de 1932, no Rio. Um amigo perguntou-me em quantas comissões ou organizações eu estava ativamente ligado. Fui incapaz de responder no momento, mas quando enumerei minhas comissões para satisfazer a curiosidade de meu amigo, descobri que o numero era dezesseis.

Eu era um homem ocupado, mas eu gostava um razoável grau de força física, mental e moral, uma boa medida de relacionamentos sociais e companheirismo espiritual, com a espiritualidade de uma grande noção e a satisfação de reconhecer que os sonhos estavam se realizando. Em 1934 a Sociedade Bíblica enviou-me um assistente e a Union Church, a meu pedido contratou um pastor. Minha esposa e eu embarcamos para nossa pátria em nossas férias.

Na véspera de nosso embarque em 2 agosto de 1934, fomos homenageados numa reunião de mais de 120 amigos brasileiros no salão da Assembléia da Y.M.C.A. o presidente da Confederação Evangélica do Brasil presidiu e falou sobre as forças protestantes da nação. Recebemos lindos presentes e palavras de elogios, de afeto e aprovação. A lembrança daquela recepção tornou nossas férias mais deliciosas e permanece em nossos corações até hoje como uma benção.

Quando chegamos a N.Y. tive uma reunião com oficiais da Sociedade Bíblica Americana e foi acordado que eu poderia me aposentar do trabalho ativo no fim do ano em curso. Fui homenageado com o titulo de Secretario Emérito da Agencia Brasileira da Sociedade. Resoluções corteses, na qual meu longo trabalho foi descrito em termos elogiosos, foram adotadas e espalhadas sobre os relatórios da organização. Meu trabalho ativo para a Sociedade Chegou a um feliz término.

Capítulo XII

Social Service

Frequentemente me perguntam quando e como me tornei interessado no moderno “evangelho social”. A pergunta não pode ser respondida, pois tal interesse é inseparável do desenvolvimento de minha atitude cristã e minha carreira desde o início. As crianças de algum pobre imigrante, nossos vizinhos, em nossa escola do interior, não tinham o suficiente para comer e eu instintivamente sabia que deveria repartir minha merenda com eles. Eu testemunhei as devastações da guerra civil e subseqüente desorganização da sociedade e o sofrimento do povo. Em Nashruille, durante um ano e meio eu auxiliei os pobres trabalhadores empregados nas fabricas industriais. Lá eu também encontrei as necessidades e problemas dos negros através da Universidade Fish. Não me ocorreu que a religião que eu professava e sobre a qual pregava, não tivesse mensagem ou aplicações para os problemas com as quais eu entrava em contato diariamente. Nunca concebi religião exclusivamente termos de “outro mundo”.

Quando cheguei ao Brasil, encontrei problemas sociais de natureza muito mais séria. A escravidão ainda predominava e concepções modernas humanizações estavam ausentes em setores como saneamento, saúde publica, cuidados com as crianças e tratamentos dos criminosos. As condições eram muito mais primitivas do que qualquer coisa que tinha conhecido nos Estados Unidos, especialmente no interior. Alguem com meu

“leachgnound” e treinamento não podia deixar escapar a convicção de que como um ministro cristão eu era chamado a fazer alguma coisa a respeito disso. Quando mais tarde eu li os trabalhos de Rauschenbush e outros apostá-los do (assim chamado) evangelho social eles classificaram minhas idéias e aprofundaram minhas convicções, mas elas não acrescentaram nada essencialmente novo.

Em 1880 sofri um ataque de febre amarela. Miss Epanbery com quem eu casaria, contraiu a doença no mesmo ano. Quatro anos mais tarde nossa pequena filha sofreu da mesma doença. Alguns dos missionários que me precederam e colegas tinham sido atacados e muitos amigos tinham sido cuidados e muitos enterrados que foram vitimas da devastação deste flagelo. Febre amarela não era a única epidemia no Brasil. A varíola freqüentemente se espalhava pela comunidade; a média de mortes por tuberculose era quase tão alta quando a da febre amarela e estava sempre crescendo; doenças venéreas e outras doenças também existiam e a mortalidade infantil era alta de modo a ser alarmante; milhares de leprosos se misturavam livremente com a população em geral.

Pouco ou nada estava sendo feito a respeito destas coisas. Saneamento e método ou eram desconhecidos ou negligenciados. A atitude de oficiais e do publico em geral era de fatalismo desanimador; eles encaravam estas devastações com sinais divinos e se satisfaziam em deixar a situação para a providencia.

Não havia no Rio hospitais com enfermeiras treinadas para a comunidade estrangeira. Meu amigo Mr. A. J. Iamoureux, editor do “Rio Nws” tinha chamado a atenção para a necessidade de tal instituição, mas nada estava sendo feito a respeito. Pareceu-me parte de meu dever,

apesar do fato de que minhas relações e influencia fossem limitadas, resolvi tomar a iniciativa.

Certa manhã caminhava pela Rua General Câmara (antes Rua do Salão) parta a casa de um cavalheiro inglês, Mr. P. S. Nicholson e apresentei a ele uma lista de subscrições que tinha preparado. Fui cordialmente recebido e encorajado. Mr. Nicholson e outros ajudaram em desenvolver um plano de ação e os fundos necessários foram conseguidos. Estabelecemos o Hospital dos Estrangeiros e trouxemos enfermeiras treinadas da Inglaterra.

Em janeiro 9, 1893 nós tivemos a cerimônia inauguração na presença de um grande número da comunidade de língua inglesa e de um grupo de médicos brasileiros e de dignitários. Fui membro da junta de Diretores e por 20 anos o presidente; sou o único sobrevivente membro da Junta.

O Hospital dos Estrangeiros fez uma contribuição pioneira para o desenvolvimento de serviço de enfermagem adequado e por 50 anos tem estado a frente da ciência médica. Ele estimulou a total empresa medica no Brasil.

As necessidades de um hospital protestantes estavam sendo sentidas e minha participação no estabelecimento do Hospital dos Estrangeiros despeitou interesse o que levou à fundação da Associação do Hospital dos Evangélicos. Eu tornei-me um membro provedor e tenho servido como presidente e tesoureiro. O projeto foi coroado de sucesso e o hospital foi construído numa base interno deminacional. Ele não somente prestou um importante serviço medico como também ampliou a esfera de aço e de influencia do movimento protestante e ajudou a criar um espírito de cooperação.

Mas o que podia ser feito a respeito da temível devastação da febre amarela? Em 1901 o primeiro raio de luz apareceu quando eu li a respeito das investigações levada o efeito em Cuba e os notáveis resultados foram conseguidos pelos doutores Walter Reed, Carlos J. Finley, Jesse Lazear, ª Agromante e James Carroll. Naquele ano Mr. Tucher e eu assistimos uma Conferencia Ecumênica em Londres e retornamos passando pelos estados Unidos. Através do país de Mr. Tucher, Bispo e Mrs. Epanbery, nós encontramos Mrs. Blincol, irmã do Dr. Reed a quem n;os relatamos nossas experiências como vitimas da febre amarela e como enfermeiros de outras vitimas. Não foi possível, na época arranjar um encontro com Dr. Reed, mas Mrs. Blincol apresentou nossos desejos para ele. Pouco depois de retornar ao Brasil, recebi uma carta do Dr. Reed na qual ele expressava interesse em nossos problemas e oferecia cooperação completa. Ao mesmo tempo ele mandou cópias da literatura então encontrada, incluindo "A Etiologia da Febre Amarela" e "observações e pesquisas".

O Dr. Osvaldo Cruz distinto medico e cientista que se tornaria famoso por erradicar a febre amarela no Brasil, era presidente da junta Medica Publica. Transmiti para ele as cartas e documentos recebidos do Dr. Reed consegui mais literatura para ele de Washington, e por dois anos correspondia sem favor com o Dr. Reed e seu sucessor, Dr. Carroll. O Dr. Cruz freqüentemente mandava as traduzir e publica e publicava.

O Dr. Cruz delineou um plano de ação e organizou uma campanha contra a febre amarela, por minha sugestão e publicou um folheto indicando o que era necessário, em matéria de cooperação publica e coloco-o em todas as casas da cidade. Eu não posso, adequadamente, mostras a dificuldade enfrentada pelo notável medico quando ele

começou na campanha de erradicação da doença. Sua posição, por exemplo, foi uma nomeação política e podia assumir o trabalho somente assegurado que a política não interferiria com seus planos e o mandato oficial por um bom período. Assim, ele advertiu as autoridades e foi capaz de obter as requeridas garantias. Minha parte foi somente à correspondência com a América e transmissão de cartas e materiais com palavras de encorajamento ao Dr. Cruz. Mas isto me deu prazer e um sentimento de gratidão que eu pudesse cooperar no que eu via como uma aplicação do Evangelho de meu Mestre às necessidades de uma grande raça.

Os mosquitos mortíferos tinham infestado a cidade de 1849. As condições e os hábitos do povo eram favoráveis a reprodução e o problema era destruir o local de reprodução e fontes de suprimento. Desde muito tinha sido costume de cercar lotes e casas embaçadas com cimento e de cacos de garrafas de cerveja quebradas e pedaços de vídeo. A água contida nos pequenos receptáculos nestas paredes lia uma fonte prolífica de insetos. Dr. Cruz ordenou que se retiradas de todas as carneiras com cimento e vidro e substitui-las com cimento liso. Latas velhas e lixo em quintais e lotes vazios foram removidos. Pano roto e entulhos atirados de prédios altos para tetos mais abaixo de edifícios adjacentes absolveram água e favoreciam a reprodução de mosquitos. Capim e ervas cresciam nos tetos de edifícios. Para conseguir a aprovação e cooperação do povo no ataque em todas essas coisas requeria muita habilidade e paciência.

Centenas de trabalhadores em todas as partes da cidade reembocaram paredes, limparam os telhados, varreram as ruas e coletaram lixo. Homens ou signais avisavam os pedestres a evitar as áreas onde os trabalhos estavam sendo efetuados e lixos acumulados. Era necessário entrar

em propriedades particulares para matar os mosquitos e sótãos e lugares úmidos e escuros dos edifícios. Certa ocasião nossos vizinhos ficaram em nossa casa enquanto sua casa estava sendo desinfetada, depois do que nos ficamos em sua casa enquanto a nossa passava pelos mesmos processos severos e completos.

Dr. Cruz iniciou sua campanha em 20 de abril de 903. Naquele ano houve 584 mortes de febre amarela. No ano seguinte houve só 84 mortes. Em 1908 houve 5 mortes, depois do que a doença foi declarada erradicada da capital do Brasil. "Eu me congratulo com você de todo coração, com contra a febre amarela", escreveu o Dr. Carroll, sucessor do Dr. Reed, que havia falecido, em uma de suas cartas para mim, e deu-me prazer de transmitir esta e outras mensagens de congratuções dos Estados unidos para o Dr. Cruz e seus associados que tinham vencido a batalha.

O sucesso desta campanha contra a febre amarela atraiu a atenção do mundo inteiro e deu um novo ímpeto ao notável esquema de saneamento e melhorias que haviam começado salva administração do Presidente Rodrigues Alves. Numa área que se entendia através do centro comercial de suas estreitas e congestionadas do cais da Prainha a margem d'água, no Boqueúão do Passeio, 590 edifícios foram demolidos para abrir caminho para a moderna e popular Avenida Rio Branco, agora o principal via de escoamento através da cidade. Um paredão junto ao mar de 3 milhas de comprimento foi construído e o Morro do Senado foi demolido e os lixos jogados atrás do paredão para permitir uma nova área de edifícios de muitos milhares (Squase Yards). Este foi o inicio do desenvolvimento moderno do Rio.

Estes melhoramentos não cobriram toda a cidade. Milhares de trabalhadores vieram de todas as partes do

Brasil e se assentaram numa área já superpovoada conhecida como de montanhas e outros locais, os belos prédios previamente ocupados por pessoas prosperam tornaram-se cortiços superlotados e lá se desenvolve uns bairros cortiços nos quais as condições de vida eram na maioria das vezes indescritíveis. Nas tardes de domingo eu freqüentemente andava por estas ruas cheias de gente a becos, observando as foces e os movimentos dos homens, mulheres e crianças e pedindo a Deus que eu pudesse achar uma maneira de fazer alguma coisa para melhorar suas condições.

Como Secretario da Sociedade Bíblica eu enviei colportores para aquela zona para distribuir cópias da Bíblia e deles eu recebi alguns relatórios interessantes. Um dos colportores me pedir para ir com ele a certo lugar na hora do almoço. Lá encontramos um grupo de 42 trabalhadores sentados em taboas de madeiras, pedras, ou no chão. Um dos homens sabia ler e ele comeu seu lanche rapidamente e leu em voz alta o Novo Testamento enquanto os outros comiam mais devagar. Esta era a rotina diária até que todo o Novo Testamento foi lido. Então perguntaram ao colportor se ele recomendaria outro livro, o que ele fez. Mas em nossa visita seguinte fomos informados que os homens não gostaram do segundo livro como do primeiro então eles estavam lendo o Novo Testamento do começo ao fim.

Meu interesse nesta zona aprofundou-se e eu resolvi arranjar um lugar para reuniões, instituição e serviços gerais. Consultei os missionários e fui informado que juntos não podiam ajudar. Apresentei a situação para alguns amigos e nós nos encontramos, com intervalos, por vários meses sem formular um plano de ação. Um dia recebi uma carta de Mr. C. Hlay Walher em Londres. Ele era desconhecido para mim, mas sua firma estava

removendo o Morro do Senado e Construindo o cais do porto, e ele ouvindo a respeito de minhas ações dando a Bíblia para seus trabalhadores. Ele sugeriu que sua companhia estaria pronta a ajudar si eu procurasse o escritório no Rio. Eu reuni meu grupo de amigos e mais visitante "tenho esperado por você por vários dias", ele disse: "tenho ordens para entregar-lhe 250 pomadas". Esta era uma quantia muito maior do que eu esperava, mas Mr. Walher e sua esposa contribuíram com uma quantia semelhante, anualmente por 7 anos, até que fosse completado o trabalho sob sua direção.

Consegui um salão, comprei cadeiras e uma mesa e mandei convites para a pregação de inicial de um sermão na tarde de domingo, 13 de maio de 1904; o aniversário da assinatura da Lei Áurea. Mais do que 225 pessoas encheram o pequeno salão. Assim começou a Missão central agora Instituto Central do Povo, que através dos anos tem expandido seu trabalho e tem se tornado o mais importante centro social protestante em todo Brasil.

O Instituto Central do Povo foi localizado perto do cais do porto, onde marinheiros de todas as partes do mundo caminhavam à toa pelas ruas enquanto seus navios estavam no porto. Não havia missão ou abrigo para marinheiro no Rio, e eu fiquei tão impressionado com a necessidade para isso, que determinei arranjar um estabelecimento de tal instituição. Procurei auxílio de firmas de negócios e de indivíduos no Brasil da Associação Britânica em Londres e da Sociedade de Amigos dos Marinheiros em N.Y, o apelo recebeu o apoio de todas estas associações. Foram conseguidas salas e mobílias e a missão dos marinheiros tornou-se uma realidade. Relatos de sua existência e de seu trabalho foram levados por marujos ao redor do mundo e ela tornou-se uma bem conhecida instituição de caráter

internacional. Por motivo de minha atividade neste aspecto convidaram-me para participar numa conferência internacional em benefício de marinheiro e a inauguração do novo Instituto dos Marinheiros em N.Y. em 1.908, e como um penhor de apreciação, a Companhia Lamport e Holt e a Companhia brasileira Lo Hoyal arranjaram a passagem de ida e volta para N.Y para a ocasião.

As necessidades das massas e especialmente das numerosas crianças nas ruas e nos becos perto de nosso salão alugado, pedia um serviço muito além do nosso programa original de pregação e distribuição de bíblias, requerendo mais espaços e trabalhadores, do que podia ser conseguido com os fundos que podemos arranjar.Eu expus a situação para o presidente de uma grande empresa de serviço público que ficou interessado e me levou ao diretor geral a quem repeti meu apelo: "Que tal dois contos de réis para você dar um começo?", perguntou o diretor. Aquilo era $600 muito mais do que eu ousava esperar. Com isto acrescentamos uma escala diária, classes noturnas e um jardim de infância. Foi o primeiro jardim de infância estabelecido no Rio e ele atraiu atenção. Estudantes da Escola Normal vieram para ver e aprender, e eu tenho tido o prazer de ver vário outros jardins de infância estabelecida sob o controle governamental. Os nomes de C. Hlay Walher, Si Alexander Machskenzie e F. H. Iluntrers, junto com outros muitos melosos para mencionar aqui, serão para sempre lembrados por sua cooperação em tomar possível a origem e o sucesso do Instituto Central do Povo.

Uma vez começado parecia não ter fim para as oportunidades que surgia. As condições dos dentes das crianças indicavam totais falta de atenção e frequentemente resultando em dor e doenças foi uma das primeiras necessidades apresentadas. Falei com a Dr. J.

W. Coackman, que foi chamado o "Pai dos trabalhos dentário do Rio". Ele oferece seus serviços profissionais. Consegui escovas e ensinou as crianças a usá-las. Médicos foram consultados e pediu-se a eles para fazer um trabalho voluntário tratando as crianças cujos pais não podiam pagar serviços médicos. Estes passos levaram a permanente organização de clínicas medicas e dentárias. Publiquei no "Jornal do Comércio" um artigo sobre a necessidade de treinamento de enfermeiras. Isto despertou algum interesse. Eu consegui o auxilio de uma enfermeira do Hospital dos Estrangeiros e ela, com o medico diretor de nossa clinica, deu as primeiras instruções de enfermagem jamais dadas na cidade.

Quando a Avenida Central foi aberta e outra rua perto de nossa missão foi a largada, eu observei que centenas de crianças saíram dos becos estreitos e dos quantos sórdidos para ir brincar na rua alargada. Logo houve acidentes e um dia uma criança foi morta por um carro que passava, do qual as outras crianças fugiram com medo e foram para seus pardieiros. Eu consegui uma barca de uma firma amiga e levei 300 crianças para um péc-mic numa ilha. Eles tiraram os sapatos e pularam pela grama como carneirinhos brincalhões e uma menininha aninhou-se ao meu lado e disse: "Esta é a primeira que meus descalços tocavam a grama verde". Fui para a cara estas crianças. Nada deste tipo tinha jamais sido conhecido no Rio e eu previ dificuldades em despertar interesse pelo projeto.

Comecei em julho 3, 1909, publicando no "jornal do Comércio" um artigo sobre o valor de play-grounds modernos. Dei seguimento a isto com um artigo semelhantes em dezembro e fevereiro e as autoridades da cidade, fazendo um apelo direto por um playground. Quando William Jennings Bryan visitou o Rio em março de 1910, ele veio ao Instituto Central do Povo e fez uma

palestra sobre play-grounds na presença de algumas pessoas representativas que se reuni aram para ouvi-lo a meu convite e, a meu pedido, ele apelou à esposa do prefeito para usar sua influencia no projeto.

Desenvolveu-se interesse em círculo seletor, mas pouca impressão causou nas autoridades. Visitei o diretor de parques e jardins. Ele estavas orgulhoso dos parques que eram cercados com grades de ferro, trancados a noite e muito bem cuidados para a administração das pessoas que passavam pelo as ruas, mas ele declarou que nunca tinha visto tal coisa como um play-ground e pouco se importava a respeito.

Estive nos Estados Unidos de abril a outubro, 1910 e aproveitei a ocasião para visitar muitos play-grounds e para consegui informações. Eu procurei e encontrei sugestões da Associação de Parques e Jardins de Recreação da América e induzi a comissão das Associações Cristã de Moços a cooperar, concordando em enviar um diretor e especialista em educação física si e quando meu projeto se materializasse. Eu então consegui catálogos de Spalding e circulares ilustradas descrevendo equipamentos de todos os tipos para play-grounds. Assim preparado, eu estava pronto para recomeçar minha campanha.

Em novembro, depois de minha volta ao Rio, o superintendente, respondeu a minha persistência convidando-me para encontrá-lo no parque do velho Palácio Imperial, agora Museu Nacional. Ele trouxe o prefeito ao encontro e sua primeira pergunta foi: “o que o senhor Quer dizer com play-ground?” Eu mostrei o catalogo de Spolding e as circulares, descrevi o equipamento ilustrado, e falei com toda minha eloqüência sobre as necessidades e vantagens de play-grounds. De repente, e para minha grande surpresa, o prefeito mostrou

um grande terreno cercando uma grande arvore de sombra e perguntou: “Isto servirá?” Era muito longe de nossa missão e dos becos onde nossas crianças moravam, mas eu rapidamente respondi: assegurando-lhe que o local designado não poderia induzir a companhia de bondes a transportas nossos meninos e meninas.

As autoridades concordaram em preparar o local e instalar os aparelhamentos com as despesas pagar pela prefeitura. O Diretor Geral da Companhia Elétrica Light and Pourer comprou o equipamento, Sete negociantes forneceram os outros materiais necessários. O movimento tinha sido um sucesso!

A inauguração formal do primeiro play-ground moderno para crianças no Rio, foi em 12 de outubro de 1911 em conexão com um feriado nacional comemorando a descoberta da América. O prefeito, o superintendente de parques e muitas pessoas importantes estavam presentes. Havia uma banda muitos discursos de congratulações, a bandeira nacional foi hasteada e as crianças cantaram o hino nacional. A Associação Cristã de Moços cumpriu sua promessa de fornecer um diretor. O play-ground tem sido aceito e apreciado como uma instituição na vida da cidade desde então.

A companhia de Gás do Rio, uma subsidiaria da Ligth and Porver Company cujo presidente e o diretor geral tinha ajudado nossa empresa em expansão, em 1910 tomou providencias para introduzir gás de cozinha e para aquecimento. Por minha sugestão a companhia instalou os fogões do Instituto Central do Povo, como também fornos e ferros de passar roupas, e forneceu gás gratuitamente assim permitindo que estabelecêssemos um eficiente departamento de ciência e economia domestica. Oferecemos instruções para o uso dos novos instrumentos para cozinheiras enviados por empregadores e para donas

de casa interessadas, isto nos trouxe muitas visitas que se tornaram conhecedores das várias formas de serviços prestados pelo Instituto.

Às vezes eu caminhava ao longo de ruas sem ser visto pelas crianças, para observar sua conduta, voltando da escada para suas casas. Em uma direção as crianças tinham que passar por ruas repletas de prostitutas; elas ocupavam quartos ao rés-do-chão e freqüentemente seminuas tentavam abrir atenção os meninos maiores através de janelas abertas. Relatei isso ao chefe de policia, Dr. Alfredo Pinto, que escutou com atenção e assegurou-me que tomaria o assunto em consideração. Ele era de Juiz de Fora, sede do Instituto Yranhery e falou com ardor da influencia do colégio e dos missionários nos assuntos de objetivos de vida e de problemas morais. Ele passou uma ordem de que essas mulheres não poderiam mais ser toleradas nos quartos ao rés-do-chão, e mais tarde, foram expulsas daquele distrito.

Quando consultei Dr. Osvaldo Cruz sobre nossos planos sobre serviços médicos e a clinica, ele me disse: “Meu Deus! Porque você foi para aquele distrito para fundar tal instituição? É a mais difícil e perigosa zona da cidade. Às vezes, o povo faz barricadas nas ruas e desafiam a policia”. Eu o fiz ver que o trabalho era mais necessário justamente e tal lugar. Meu conhecimento com ele, através da campanha da febre amarela tinha se tornado em verdadeira amizade, e ele disse: “Farei tudo o que puder para ajudá-lo”.

Pesquisas feitas perto da missão revelaram a prevalência da tuberculose e a falta de conhecimentos a respeito. Consegui dos Estados Unidos, o cartão “Não faça isso” e o editei em português. Também arranjei para mostrar um numero de slides sobre a tuberculose para nosso doutor falar a respeito enquanto os mostrava. Eu sabia que, si o

embaixador Americano, que estava interessado e era muito popular, consentisse em assistir, eu poderia contar com a presença de um numero de oficiais brasileiros e de homens de influência. E cortesmente concordou em estar presente e assim informei o prefeito do Rio, o Diretor da Junta de Saúde Publica homens da imprensa e muitos outros. Quase todos destes e 200 outros viram os slides, ouviram a palestra e receberam os cartões. Nossa campanha estava lançada com sucesso.

Os jornais diários relataram o evento a e nós fizemos uma ampla distribuição dos cartões conteúdo conselhos próticos. O Diretor da Junta de Saúde Publica, Dr. Carlos Seidl pediu que os slides fossem mostrados em Escolas Publicas. Eles foram mostrados ao ar livre em praças publicas da cidade. Eu chamei atenção para a expectoração sem cuidado e o habito das moscas caseiras como fatores de expansão da doença. A Saúde Publica concordou em imprimir e distribuir um folheto sobre o assunto se eu fornecesse o material. Foram conseguidas publicações de Washington e Londres e com a ajuda de nosso medico do Instituto, preparei um folheto de 124 paginas intitulada “Moscas e Doenças”, que foi publicado e espalhado pela cidade por milhares.

As doenças venéreas predominavam e milhares de lares estavam sendo destruídos. Fui informado de que médicos e pais não achavam que a castidade de um modo geral era possível e a repressão era ruim para a saúde. O secretario da ACM, Mr. Myron C. Clash, e eu compramos da Associação Americana de Higiene Social um conjunto de slides e uma palestra sobre o assunto. Foi-nos dito que os slides não poderiam ser mostrados sem provocar hilaridade e fariam mais mal do que bem. Nos primeiramente convidamos alguns médicos, homens de imprensa e outros para uma sessão a portas fechadas.

Alguns eram céticos e uns poucos positivamente contra, mas a maioria achou que a experiência podia ser feita com poucos rapazes admitidos com um convite especial. Seguiram-se resultados encorajadores e o processo foi repetido de tempos em tempos, com cuidado.

Quando o centenário da Independência do Brasil deveria ser celebrado em 1922, a Associação Americana de Higiene Social me mandou um calvo grama para saber se seria aconselhável que um dos secretários que estava vindo para o Rio, trazer um filme acompanhado de palestra, com o titulo "Como Começa a Vida". Consultei dois ou três amigos brasileiros do Departamento de Saúde Publica e Embaixador Americana e respondi "Sim" os slides foi mostrada no prédio da Exposição Americana que hoje é a Embaixada na Avenida Presidente Wilson, a uma audiência mista de homens e mulheres representando círculos profissionais, de negócios e sociais. A impressão for muito favorável.

Três dias depois, na Rua Sete de setembro, eu fui detida por um medico amigo que tinha inexistido na impossibilidade e até na não desisbilidade de nossa aventura educacional; ele pegou minha mão e disse: "Agora eu percebo o seu desejo, mas nós os médicos não podemos fazer nada. O senhor pode fazer isso em sua missão e na ACM". Logo vi que a idéia tinha sido aceita e que certas medidas educacionais e a publicidade estavam sendo adotadas pela Junta Federal de Saúde. Poucos anos depois fui convidado a presidir uma reunião promovida pela ACM sobre um filme e palestra que combinavam aspectos dos dois assuntos acima mencionados, a ser dado por um notável medico brasileiro que me tinha dito freqüentemente que ele e seus colegas conheciam e acreditavam em medicina curativa, mas que medidas preventivas eram somente para idealistas da fé puritana.

Ele falou francamente e deram conselhos científicos para cerca mil rapazes que enchiam o salão. Agora tinha se tornado um advogado entusiasta da castidade e educação. Tenho visto um notável dispertar a este respeito um quarto de século.

Nos primeiros tempos da missão, eu falei dos vários males sociais e recebi uma contribuição anual de um engenheiro civil de sucesso. Ele e um associado adquiriam riqueza na construção e propriedade da formosa doca do café, em Santos. Eles criaram a Fundação Yraffee-Yuinle e forneceram fundos para a construção, equipamentos e manutenção de uma das maiores instituições sociais do gênero existência e estabeleceram um sistema de clinica diárias venéreas. Quando isto foi relatado a um medico da Associação de higiene Social em N.Y., ele mostrou apreciação, mas adiantou: "Se você vê como se mover em círculos, isto não toca a área de prevenção".

Entre as atividades da missão nós agora oferecíamos cultos, instrução religiosa, jardim de infância, educação primaria, aula de culinária, costura, datilografia, enfermagem, recreação, serviços médicos e dentários gratuitos, quadra para esporte e educação física e melhorias no ambiente material e moral. Tivemos a alegria de ver alunos convertidos. Vidas reformadas, crianças e adultos indo a direção de um da intelectual moral e física mais altas. Não me parecia, porem, que os resultados especialmente no caso das crianças, eram adequados. Alguma coisa estava faltando. pedi a minha filha, que era professora e suas companheira para investigar a dieta das crianças. Com emoção ela relatou que, em geral, café com pão de manhã, pão e queijo e possivelmente uma banana ao meio dia, feijão preto, arroz e carne a noite.

Eu vi o espectro de má nutrição e planejei fazer algo contra isso. Eu consegui leite, farinha integral e açúcar de comerciantes amigos. Obtive pratos e uma balança para medir peso. Nosso medico examinou e pesou as crianças e começamos nossa experiência em dieta. Muitos profetizavam maus resultados e declararam que as crianças não comeriam o novo alimento. Mas elas comeram e pediam mais. Os resultados foram logo visíveis em suas faces e movimentos. Pedi que uma professora que fizesse um check-up nas notas de lições e um considerável progresso foi notado. Elas estavam se tornando melhores crianças, mais obedientes à disciplina e mais fáceis em serem dirigida na recreação. O Diretor da Junta de Saúde Publica ouviu falar da experiência e procurou saber mais a respeito. Eu o convidei para nos visitar. Ele comeu um prato de mingau de farinha integral com leite com as crianças e declarou ser muito bom. Hoje o cuidado com os dentes, a inspeção medica, os play-grounds e alimentação das crianças estão se espalhando pelo Rio, como também em outras cidades no Brasil.

O Brasil celebrou o centenário de sua independência e 1922. Passando em retrospecto um século de historia nacional trouxe a luz vividamente as atuais condições e fizeram-se projetos a respeito de maior desenvolvimento. Uma sugestão foi a de um Congresso sobre o bem estar das crianças, o primeiro na historia do país. A comissão programa convidou-me a preparar um documento sobre a educação física de crianças de idade pré-escolar. Este foi um novo tipo de trabalho missionário. Mas preparei o documento e o Congresso expressou apreciação pelos esforços e publicou o texto nos arquivos oficiais. Poucos anos depois um segundo Congresso de Bem-estar da Criança foi realizado sob a direção do Ministro da Saúde Publica no gabinete do Presidente e me pediram para

preparar e apresentar um documento sobre “educação Sexual: quando e como Ensinar”. Este foi um assunto muito mais delicado e difícil, mas eu concordei e fiquei gratificado ao receber palavras de apreciação e aprovação do Congresso.

A Junta Nacional de saúde Publica Brasileira começou em 1924 para estabelecer clinicas higiênicas infantis para dar atenção especial a crianças pequenas e a suas mães. Houve dificuldade em consegui um prédio adequado para uma clinica perto do Instituto Central do Povo e eu sugeri para as autoridades medicas um acordo de que eles poderiam usar uma parte de nossa clinica. Chegou-se acordo e a clinica foi publicamente inaugurada no natal de 1925. Segundo um costume brasileiro houve uma cerimônia apropriada com vários discursos e eu me referi a feliz coincidência de abrir tal clinica no aniversario daquele que disse: “deixai vir a mim as criancinhas”. O jovem medico colocado na direção, tinha sido educado nos Estados Unidos e a enfermeira tinha estudado no colégio Granbery. Este trabalho em cooperação com as autoridades publica tem prosperado por 13 anos e continua com a utilidade aumentada.

A antiga e repugnante doença chamado lepra, era prevalente através da Brasil. Em minhas viagens eu freqüentemente via leproso pedindo esmolas nas ruas nos mais avançados estágios de doença. Pouco ou nada estava sendo feito a respeito da situação. A atitude comum de fatalismo evitava qualquer esforço. Os leprosos viviam com suas famílias, traziam crianças ao mundo e se ministrava com a população em geral no trabalho e nas ruas. Quando algumas mulheres jovens que tinham sido educadas em nossas escolas protestantes contraíram a doença e a situação foi trazida para perto de nós e resolvemos estimular o sentimento publico. As

autoridades alguns cidadãos importantes foram despertados a ponto de procurar separar crianças não infectadas dos pais leprosos e umas poucas vitimas foram segregados. Grupos isolados de mulheres ficaram interessados no bem-estar social e espiritual das crianças separadas e dos próprios leprosos, mas estes foram uns fracos começos e poucas diferenças fizeram pelo problema nacional.

Numa Conferencia de Médicos e outros pessoas, arranjado para aperfeiçoar organização já iniciada e estender suas atividades, pediam-me para discutir o assunto de “Cooperação da Iniciativa Privada com autoridade Publica” em relação a lepra, e a explicar o trabalho da Missão Americana para Leprosos. Esta ocasião levou-me a um contato mais estreito com um grupo de notáveis cientistas, oficiais do governo e lideres sociais.

A Conferencia mostrou o fato que em varias partes do país pequenos grupos de mulheres estavam se esforçando em ajudar os leprosos. Isto parecia oferecer oportunidade para uma organização mais ampla e ficou decidido aperfeiçoa um a federação para a troca de pontos de vista e desenvolvimento de melhores métodos de trabalho. Fui honrado como membro da Junta de Conselheiros desta organização, desde o inicio. Ela cresceu em tamanho e influencia e agora é representada em todos os estados. O principal trabalho da federação tem sido o estabelecimento de casas para as crianças não contaminadas pela lepra, embora tenha também promovido colônias de leprosos e hospitais para os pacientes. Estávamos sem fundos, mas quando conseguimos despertar sentimento local, o Governo federal e Estadual tem financiado as operações. A

Federação construiu três casas e 14 outras estão em construção enquanto escrevo esta linha.

O oficial executivo da Federação é uma cristã protestante, Dona Eunice Weaver, a esposa brasileira de um missionário metodista americano Prof. Anderson Weaver. Trabalhando sem receber salário, ela tem viajado através do país e é agora honrada com notável autoridade leiga no problema da lepra. Fui nomeado representante brasileiro da Missão americana para os Leprosos e tenho apoiado ativamente quanto possível em vista de minhas numerosas responsabilidades. D. Eunice tem visitado muitas partes do mundo, incluindo os Estados Unidos, para estudar o problema e ela foi à única mulher no programa do Congresso Mundial de Lepra, na Cairo, Egito em 1938.

Tem sido estimado que há inúmeros leprosos no Brasil, nas colônias e hospitais estabelecidos pelo Governo Federal e de vários estados. Pacientes têm sido segregados e há várias crianças nas casas promovidas por nossa Federação. Mas até agora o problema mal foi tocado. Há vários leprosos ainda se misturando com a população em geral; muitos destes são registrados, mas uma escassa supervisão é executada.

Milhares de leprosos desconhecidos não foram contados e eles estão se misturando e infectando que lhes está próximo.

A Liga das Nações tornou-se interessada na importância do Brasil na luta mundial contra a lepra e foram iniciadas negociações para estabelecer um laboratório de pesquisa especial no Rio. Um plano foi aperfeiçoado em conjunto por um Comissário da Liga das nações, o Governo Brasileiro e filantropo brasileiro e foi assinado no Escritório Estrangeiro (Foregn Office) brasileiro. Fui

convidado a assinar o documento por motivo de meu interesse e atividade pioneira no problema. Fui para o Brasil como um servo Dele, que deu o comando “curai os leprosos”; eu não podia ficar satisfeito até que, como os primeiros apóstolos, eu podia responder: “os leprosos estão curados”.

Capitulo XIII

Empreendimentos Mundiais

Apesar do grande numero de deveres que sobrecarregavam minhas forças e meu tempo, meus horizontes estavam constantemente crescendo e eu estava sendo atraído mais e mais para um grande mais amplo de serviço cristão. Para isto era preciso que eu assista dúzias de congressos internacionais em várias partes do mundo.

Em 1891 eu recebi o primeiro Secretário da ACM e ajudei no estabelecimento da organização no Rio. Eu tinha previamente aprovado à sugestão da Comissão Internacional em N.Y. em relação aventura (risa), a presença de muitos rapazes nas ruas e a total ausência de algo especial para atender as suas necessidades físicas, sociais e espirituais convenceram-me de estas necessidades poderiam ser resolvidas com o programa da ACM. Quando Mr. Clarh me chegou o encontrei e o apresentei como mandam o costume brasileiro, em sua primeira aparição publica. Ele logo aprendeu a língua e casou-se com encantadora mulher brasileira que tinha

sido educada numa escola missionária. O Sr. E a Sra. Clarh moraram conosco por algum tempo.

Houve muitas dificuldades em conseguir uma sede para o trabalho. Mr. Clarh não possuía fundos para o propósito e a indiferença publica ao projeto não facilitava apelo para ajuda. No escritório da Sociedade Bíblica American a primeira ACM no brasil, foi organizada em julho 4, 1893. Era nosso dia de Independência e o sétimo aniversario de minha chegada ao Rio, 13 pessoas se arrolaram com membros. A organização trabalhou em meu escritório até que o publico tornou-se de alguma forma familiar com as atividades e alguma ajuda foi conseguida.

Mais tarde um edifício em construção localizado no centro, na Rua da Quitanda, foi posto a venda. Duas pessoas ofereceram emprestar a soma necessária para comprá-lo e terminar a construção, fornecendo ainda, ao espaço necessário para as atividades da ACM, lojas e escritórios cujos alugueis serviriam para saldar a hipoteca. Surgiu oposição que parecia derrotar o plano. Mr. Clarh e eu trabalhamos diligentemente dia e noite. Visitamos os homens interessados, discutimos com eles individualmente, e, entre visitas oramos juntos. No devido tempo desenvolvemos um plano que era aceitável para a maioria dos membros e amigos e o edifício foi conseguido. Servi como tesoureiro por muitos anos, coletando os alugueis e ajudando a solicitar ofertas para a liquidação da hipoteca. A Comissão Internacional nos deu uma generosa ajuda na empreitada.

Em 1901 fui a Londres como um delegado do Congresso Ecumênico Metodista e pediram-me que solicitasse contribuições para o débito. Um dos privilégios e honra peculiares da minha vida foi visitar Sr. George Willians, fundador da ACM. Discutimos nosso trabalho e problemas no Rio e recebi sua contribuição. Ele estava

avançado em anos, mas ainda ativo em negócios e muito interessado na Associação. Ele relatou muitas experiências no desenvolvimento do pequeno grupo que ele organizou numa pequena sala em Londres e como a tornou uma organização de proporções mundiais, a liberdade e interesse de Sr. George influenciaram outros a nos ajudas e eu não só consegui uma soma, mas também fiz contatos e amizades que tem atravessado os anos.

Desde o inicio eu tenha estado intimamente relacionado a ACM no Rio e um membro da Comissão Nacional Brasileira. A ACM foi a primeira organização de seu feito no país, mas por motivo de sua natureza evangélica alguma oposição tinha sido esperada. Esta oposição, porem, manifestou-se de uma maneira muito gratificante para nós, isto é, nas tentativas da parte da igreja católica Romana em imitar nossos métodos e eu organizar associações semelhantes para sua própria juventude. Um notável aspecto do primeiro programas foi uma tarde de domingo evangelista com pregação. Certa ocasião quando eu estava pregando, eu observei a presença de um eminente e de um bem conhecido negociante. Eles sentaram-se e ficaram atentos durante o culto e no final deste, fizeram perguntas sobre nosso trabalho e foram-lhes mostradas as dependências, do prédio. Poucas semanas depois a imprensa anunciou o inicio de atividades católicas. Visitei as salas indicadas e descobri que a ACM estava sendo imitada em todos os aspectos. O secretário na direção era um ótimo rapaz que eu conhecia bem e apreciava. A organização católica assim iniciada tem contimado seu bom trabalho.

Eu também tive o privilegio de receber o primeiro secretario da Associação Cristãs Feminina no Rio, dando conselhos e ajuda no trabalho dela. Aceitei ser membro da Junta Diretora e Mr. Tucher tem sido membro ativo da

comissão desde o começo. A Associação Cristã Feminina está prestando um importante serviço para as moças do Rio, mas não tem sido tão feliz como a organização co-irmã em conseguir um edifício próprio. Isto, porem, é um sonho que será realizado com certeza.

A primeira experiência que me pôs em contato com o empreendimento missionário mundial foi a participação na Concenção Internacional do Movimento Voluntário para missões Estrangeiras em Cleveland, Ohia, em fevereiro de 1898. eu tinha saído do Rio em novembro, com a idade de 40 anos, com a saúde abalada e, na avaliação de amigos, colegas e médicos, uma pessoa fisicamente arruinada. Juntei-me a esposa e dois filhos na casa de seus pais em Oshland, Virginia. A voz que tinha murmurado, "ainda não", no delírio da febre amarela, pareceu-me murmurar mesmo mensagem na viagem e tão rápida foi minha recuperação que pude assistir a convenção em fevereiro. La encontrei e ouvi homens que vim a conhecer mais intimamente através dos anos: John R Mott, Robert E. Speer, J. Ross Steveson, W. R. Lambuth, Harlan P. Beach, Fennel P. Turner, Robert T. Wilder, Frank K. Sandere, F. B. Meyer de Londres e muitos outros. Voltei ao Rio com a saúde retomado, ansioso para retornar e para pensar sobre as coisas que tinha ouvido e visto sobre horizontes mais amplos.

Três anos depois, em setembro de 1901, eu assisti o Congresso Ecumênico de Metodista em Londres como delegado da Igreja Metodista Episcopal, do Sul, representando sua missão no Brasil. Na famosa capela "a City Road Chapel, de John Wesley, e enconteri e ouvi os mais notáveis líderes Metodistas do mundo". Eu fiquei especialmente emocionado quando um missionário pioneiro patriarcal com cabelos lerancos esvoaçantes, relatou a historia de seu trabalho nas ilhas Fiji, durante o

qual ele tinha visto canibais transformados em personalidades civilizadas cristãs. Visitei a Rua Aldersgate onde John Wesley sentiu seu coração "estranhamente aquecido" e na contemplação da qual aquela experiência tinha significado para o mundo, meu próprio coração foi movido e eu rededíquei-me ao serviço em que me empreguei.

Em Setembro, dia 14, eu recebi a noticia que o Presidente Makinley tinha sido assassinado. A capital britânica registrou profunda tristeza. Expressões de condolências e dor vieram de círculos oficiais e pessoas eminentes, mas eu fiquei mais comovido quando eu vi numerosa pequena bandeiras americana erguidas a meio-pau em lares humildes num distrito pobre. A bem-amada Rainha Vitória tinha falecido em Janeiro e o povo britânico ainda guardava luto por ela e a consternação que tinham sofrido seus irmãos de língua inglesa através dos mares provocou grande simpatia pelo fato. Tive então minha primeira impressa vivida da força verdadeira da amizade que une nossas nações, e a convicção de que este ela deve ser reforçado tornando-se indissolúvel e aprofundado com o passar dos anos.

O Congresso Ecumênico enviou uma mensagem apropriada para família do presidente assassinado e para a Nação Americana e teve um serviço fúnebre memorial no qual discursos foram feitos pelo Bispo J.H. Vicente e pelo Dr. T. Bowan Stephenson. "Quando oito meses atrás". Disse o Dr. Stephenson, "a melhor mulher que jamais se sentou no trono, Rainha Vitória, estava morta sobre o Solent, parecia para nós que podíamos ouvir os sinos plangendo através do Atlântico e quase podíamos nelas bandeiras americanas balançando a meio-pau sobre a Casa Branca em Washington. Mas podíamos imaginar que oito meses depois os sinos estariam badalando tristemente

neste lado e as bandeiras a meio-pau aqui para o bom e generoso homem que ordenado aquele sinal de respeito pela memória da Rainha e por simpatia com a nação britânica".

Nosso Congresso mandou uma mensagem de saudações o rei Eduard VII e expressou simpatia (respeito) pela perda de Sua Majestade, recebendo em resposta o cortês agradecimento do rei.

Em Londres nesta visita eu ouvi pela primeira vez o General William Booth, fundador do Exercito de Salvação, Sua figura importante, olhas brilhantes rosto forte e cabelos lerancos como a neve fazia dele uma personagem impressionante e suas mensagens despertavam um sentimento de missão social. Eu o vi e ouvi comissionar um grupo de seus oficiais para o trabalho além-mar.

Em 1893 nos o tínhamos encontrado no Rio e o recebemos em nossa casa o Commsioner J. C. Railton, que estava fazendo um tour de investigação e prol do Exercito da Salvação, arranjei um encontro para ele na igreja do Catete e achei divertido quando cantou uma pequena canção que ele tinha composto com a música! "O velho cavalo cinzento veio furioso da mata selvagem". Mais tarde, em agosto, 1922 nós também recebemos Coronel e Mrs. David Meich que vieram da Suíça para definitivamente estabeleceu o Exercito da Salvação no Brasil. Em 1930 uma das filhas do General Booth, comissário Lucy Booth Hellberg, veio de Buenos Aires e passou duas semanas em nossa casa. Eu, naturalmente dei toda ajuda possível a estes e outros representantes do exercito da Salvação em seus esforços para servir ao Brasil e tenho visto com gratidão seu crescimento em utilidade e em favor popular.

Voltei de Londres ao Rio passando para N.Y. onde estabeleci contato direto com Dr. Walter Reed, o que levou a cooperação na erradicação da febre amarela. A viagem de volta inclui uma viagem de mil milhas amazonas acima. Chegando ao RIO mergulhei no trabalho de conseguir uma nova tradução da bíblia e na cooperação em vários projetos sociais, mas sempre antes de mim estava a paróquia mais ampla do mundo que eu tinha divisado em minhas viagens.

A oportunidade seguinte para contatos mais amplos veio em 1910 quando fui convidado para descrever no sexto Congresso da Associação Mundial de Escolas Dominicais em Washington. No caminho, passei em poucos dias no Congresso Geral da Igreja Metodista Episcopal do Sul, em Nasville, Carolina do Norte, uma experiência particularmente agradável para mim. Mais de 4.000 pessoas de 24 países encheu a sala da Convenção na qual a Associação de Escolas Dominicais se realizou em Washington. Ali eu encontrei e ouvi algumas das grandes personalidades do movimento cristão, incluindo o Presidente Willian Howord Taft, que fez o discurso de boas vindas, o Dr. F. B. Meyer de Londres, Justice J. J. Maclaren do Canadá, Carey Bonner da Escócia e Dr. George Bailey, Marion Laurence, John Wanamaper, H. J. Heinz e outros da América do Norte. Como o Congresso Ecumênico em Londres tinha prateado a morte da Rainha Vitória e do Presidente Mckinly, assim também o Congresso de Washington prateou a morte do Rei Eduardo VII. Um culto memorial foi realizado sob a direção do Dr. F. B. Meyer na hora do enterro do finado rei em Londres. Foi necessário usar três das maiores igrejas para reunir as multidões.

A América do Sul atraiu muita atenção neste Congresso. Marion Laurence, que foi eleito Secretário Geral da

Associação, me convidou para encontrá-lo em seu hotel no termino do Congresso. Em nossas discussões os problemas e necessidades da educação religiosa no Brasil e outros paises sul americanos foram apresentados e foi motivo de muito interesse e simpatia de Mr. Laurence. Quando retornei ao Rio convidei algumas pessoas interessadas para vir ao meu escritório e nós organizamos a União de Escolas Dominicais do Brasil. O trabalho era tão vital que nós nos propulsemos a realizar, e tão intimamente ligados ao trabalho da Sociedade Bíblica Americana, que eu deixei-me persuadir a tornar-me diretor da organização apesar das muitas e varias das responsabilidades já colocadas em meus ombros.

Eu era um executivo oficial da União de Escolas Dominicais do Brasil por 10 anos, e durante tal período meus contatos com Mr. Laurence e seu sucessor Frank Brown foram experiências agradáveis e enriquecedoras.

Não havia material para treinar professores, de qualquer tipo, em português e eu promovi a tradução à publicação: "O treinamento do professor de Escola Dominical", de Oliver. Foi conseguida permissão e dois professores do colégio Granbery fizeram à tradução. A Associação mundial de Escolas Dominicais contribuiu $ 250,00 para a publicação. Já que esta quantia era insuficiente e nós não tínhamos fundos suplementares. Eu procurei meu amigo sempre pronto a ajudar, Dr. Rodrigues pelo problema de edita o livro. Sua estimativa do custo exata era pouco maior do que o que tínhamos em mãos, mas descobri que podia cobrir a diferença dos meus fundos pessoais. A publicação, portanto, pude continuar. Dentro de poucos meses a edição completa de 1.000 cópias foi vendida e me foi possível publicar uma segunda e maior edição. O pequeno volume foi a predecessor de uma longa serie de materiais originais traduzidos, neste setor.

Varias missões e igrejas com adeptos limitados estavam procurando publicar sua literatura própria. O resultado foi de materiais inferiores e perda financeira. Fiz um estudo da situação e convoquei lideres evangélicos para formarem um sistema de coordenação. Lealdades denominocionais apresentaram dificuldades, mas o projeto foi por fim obtido.

A Missão Metodista tinha em São Paulo uma pequena impressora que mais tarde desenvolveu-se numa casa publicadora de grande capacidade e este equipamento nos permitiu a lidar com os problemas comerciais. A produção de literatura evangélica tem, desde então, continuado com sucesso numa base cooperativa.

Em 1920, depois de muitas recomendações de minha parte, a Associação Mundial de Escolas Dominicais enviou H. S. Harris com o secretário de tempo integral para se encarregar do trabalho no Brasil. Mr. Harris tinha anteriormente visitado os paises da América do Sul numa viagem de inspeção. Ele trabalhou 15 anos no Brasil e em 1935 foi sucedido pelo seu eficiente assistente brasileiro, Rodolfo Onders.

Eu não voltei diretamente do Congresso em Washington ao rio, mas passei por Edimburgo, na Escócia, como delegado ao Congresso Missionário Mundial. O tema era: "Levando o Evangelho ao mundo não cristão" e todas as considerações de missões evangélicas em paises católicos romanos foram excluídas. Meu primeiro impulso foi recusas a honra de assisti-lo, mas depois de refletir, eu achei que não somente me privaria de um privilegio, mas que eu podia, de alguma maneira, me suprir para discussão futuras da validade de tal missão para o qual eu tinha dedicado minha vida.

Os 1.356 delegados se reuniram para a presidência de Dr. John R. Mott na sala de assembléia da Igreja de Escócia. O primeiro relatório foi a respeito: "Levando o Evangelho para todo o mundo não cristão". Missão navios da África, Japão, Coréia, Índia, Mongólia, Ásia Central e outros paises estavam presentes, mas nenhuma palavra foi dita sobre América do Sul. Sentei-me em silencio, orando para que, de alguma maneira, esta vasta área pudesse ser acrescentada ao quadro de necessidade e promessa de serviço. A resposta a minha oração surgiu em seguida na minha mente. Eu pediria permissão para falar em prol dos milhões de índios não cristãos nos vales e planícies da zona Ondina, do Panamá a Patagônia. Enviei meu pedido a mesa do presidente e me concederam por 3 minutos, mas me disseram que causei forte impressão. O Dr. J. M. Buchley, famoso editor do "Christian Advocate" perguntou pela identidade do missionário que tinha tido a coragem de introduzir a América do Sul em cena e conversou comigo no intervalo. Outros ficaram interessados e eu fui convidado para um almoço para discutir o assunto, o Dr. Robert E. Speer, Dr. William I. Haveu e Dr. W. R. Lambuth estavam presentes entre outros. Uma comissão de 7 foi convidada a preparar uma declaração sobre a situação, para a junta de missões nos Estados Unidos, os fatos apresentados naquela declaração criaram um interesse que contribuiu para o Congresso de Trabalho Cristão na América Latina no Panamá em 1916.

Em 1913 eu voltei a Edimburgo com delegado do Congresso Mundial da ACM. Desta reunião prossegui para Zurique, Suíça, para assistir e discursar no sétimo Congresso da Associação Mundial de Escolas Dominicais. Nesta reunião de 2.600 delegados de 58 paises diferentes, eu outra vez, encontrei homens e mulheres promitentes nos campos de Escolas Dominicais e missões cristãs.

Minha filha que se formado no Colégio Randolph Macon, em Virginia se reuniu a mim em Zurique. O Interprete do congresso era o Rev. Professor H. L. E. Luering. Minha filha e eu nos dirigimos a ele em português e ele prontamente respondeu. Este homem notável contou-nos que ele podia pregar em 25 línguas e ler 12 outras.

Nossa reunião foi realizada no grande Tonhalle de Zurique. Bem ao alto da plataforma dos oradores um compacto Globo mostrava os continentes flutuando em oceanos azuis. Ainda mais no alto estava dependurada uma cruz, com a cor do sangue do Salvador. Ambos eram iluminados a noite e o emblema "erguido"da cristandade denominava sua luz sobre o mundo em baixo.

Eu tinha estudado o trabalho de Pestalozzi e fui a Bahmostrasse para ver a famosa estatua do grande educador e o menino. Tinham me contado que o menino estava olhando para cima o rosto do mestre, para receber o conhecimento que de podia lhe transmitir, e eu recebi esta impressão. Um dos oradores que falou no Congresso sobre "Pastalozzi o Educador", porem, nos disse que, sob o toque da mão do mestre, o menino olhava não para seu benfeitor brit "em direção ao céu e a Deus". Fui logo reestudar o trabalho de arte. O orador estava certo. O menino não estava olhando para o rosto de Pestalozzi, mas reagindo para aquela mão bondosa, ele estava olhando para o além e para cima. Comprei a melhor fotografia daquela estatua e por um quarto de século, envoldurada e colada numa parede de meu escritório, ela tem sido uma inspiração para o interesse ativo na educação cristã e no enriquecimento da infância.

O Congresso de Trabalho Cristão na América Latina, já mencional num capitulo anterior, foi realizado em fevereiro, 1916. Teve grande significado porque deu um novo imposto nova missões evangélica na área, e desenvolveu uma organização permanente para estudar problemas, aperfeiçoar planos para promover e coordenar o trabalho. Como resultado das deliberações criou-se a comissão de cooperação na América Latina. Eu tinha sido responsável por levar a América do Sul a frente no pensamento missionário, em Edimburgo em 1910 e fui dos sete na comissão nomeados em discussões privadas para preparar uma declaração para corpos missionários. Fui membro da comissão que preparou o relatório sobre "Pesquisa e ocupação", e a comissão de negócios que ancorou os procedimentos do congresso.

A Guerra Mundial então assoladora tinha interrompido as viagens de tal maneira que era necessário ir para o Panamá via N.Y; como mais tarde eu tinha participar nas celebrações do centenário da Sociedade Bíblica Americana nos Estados Unidos, eu fiz um circulo completo do Rio via N.Y. No caminho de N.Y. para o Panamá, fiquei surpreso de encontrar-me no velho "Alliança" que eu tinha conhecido na rota do Brasil 30 anos atrás. Seu capitão era um amigo dos velhos tempos.

Fui acompanhado ao congresso do Panamá por um companheiro missionário, Samuel R. Jammon, e três amigos brasileiros e colegas, Eduardo Carlos Pereira, Álvaro Reis e Erasmo Braga; todos estes já faleceram. O congresso foi composto por 230 delegados oficiais, 74 membros condados e 177 visitantes; 124 eram missionários residentes na América Latina e 21 eram evangelistas nacionais. Era um corpo mais compacto e homogenco do que o do grupo de Edimburgo e endereçado a assuntos mais definitivamente concretos.

Através da cortesia dos oficiais dos Estados Unidos todos os que estavam assistindo o congresso foram escoltados através do canal e receberam informações a respeito do mecanismo dos grandes comportas.

Eu era membro de um dos cinco grupos comissionados para conduzir os Congressos Regionais em vários centros da América Latina a fim de fazer as declarações da reunião do Panamá disponíveis para uma maior clientela. Meu grupo consistia de 40 pessoas e nós fomos designados para capitais nacionais de Lima, Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Foi uma viagem mensurável de 2 meses e meio através da América do Sul e da volta a N.Y. A história destes congressos foi escrita pelo Dr. Charles Clayton Morrison editor do "Christian Century".

O encontro missionário internacional no qual eu participei foi em Montevidéu, Uruguai em 1925. Este também foi um congresso de trabalho cristão na América Latina, sucessor do congresso do Panamá. Doze comissões trabalharam por meses juntando materiais e preparando relatórios sobre os 12 tópicos a serem discutidos, o congresso realizou-se de março 29 a abril 18 e ocupou-se somente com a América do Sul ao invés de toda a América do Sul. Eu fui presidente da seção brasileira em movimentos sociais.

Dos 200 delegados no congresso de Montevidéu metade eram nacionais os outros eram missionários estrangeiros na América do Sul e representantes de juntas de missões em número igual. O presidente oficial era meu amigo íntimo e companheiro de viagem por 20 anos, Erasmo Braga. Entre os convidados especiais estavam Gabriela Mistral a poetisa chilena, Dr. e Mrs. Ernesto Nelson, educadores da Argentina e Dr. Horta Barboza secretário do departamento de Índios do Governo Brasileiro: todos

meus amigos pessoais. Foi dito que esta foi a mais importante reunião evangélica jamais reunida no continente. Os relatórios foram publicados em dois volumes e constituem o que muitos acreditam ser os mais cuidadosos e completos estudos jamais feitos dos movimentos sociais e espirituais da América do Sul.

O nono e maior das 12 reuniões internacionais das quais eu tenho participado o Concílio Missionário Internacional em Jerusalém em 1928. Ele contrastava com Edimburgo em muitos aspectos. Havia 1.356 delegados em Edimburgo e somente uns doze eram nacionais; em Jerusalém havia 50 nacionais, homens e mulheres de notáveis habilidades e de liderança, num grupo limitado de somente 240. Destes, 24 tinham estado em Edimburgo, antes, eu não tinha permissão de falar da América do Sul a não ser indiretamente, chamando a atenção dos índios no interior. Agora em nossa delegação de 4 daqueles continentes, 3 eram líderes nacionais conquistados e desenvolvidos pela missão evangélica 51 países estavam representados na conferência.

Barracas de madeira e cabanas no Monte das Oliveiras eram os locais onde ficávamos os executivos do concílio e as mulheres delegadas. Todos os outros viviam em pequenas tendas heranças espalhadas entre as oliveiras no monte sagrado para a memória de todos cristãos. As reuniões eram realizadas num edifício construído por cristãos alemães e presenteado a Imperatriz com um somatório para obreiros cristãos; depois da I Grande foram devolvidos para os cristãos alemães britânicos que governava sob o mandato da Liga das Nações.

Jerusalém estava repleta de pessoas na Páscoa com turistas e judeus, mulçumanos e peregrinos cristãos, não havia alojamento nos hotéis para os delegados que chegavam cedo. O abrigo católico romanos de Notre

Dame de France ofereceu acomodações para uns poucos; duas pessoas ocupavam cada pequeno quarto e comida simples eram colocados nas mesas, mas não tinha quem servisse. Consegui um quarto e procurei um companheiro. O maior dos delegados tinha arranjado companheiro, mas eu observei um homem negro da África andando para lá e para cá procurando um companheiro. Havia alguma coisa de patético em sua atitude e eu me dirigi a ele: "Irmão vamos ficar juntos". Ele contou-me num inglês perfeito que ele estava com gripe, e que estava com medo de passar sua doença para os outros e que ninguém no sanatório cuidaria dele. Eu recentemente me curara da gripe e não tinha medo e afinal consegui convence-lo a ficar comigo. Ele ficou de cama por vários dias e eu levava comida para ele. Este homem ficou extremamente agradecido e mais de uma vez eu o ouvi dizer: "Lá vai meu bom samaritano".

Os delegados de Jerusalém representavam à liderança religiosa do mundo. Havia professores de universidades de reputação internacional, advogados famosos, um representante e escritório de evangelho internacional de Genebra, e especialistas nos campos de economia e de relações sociais e internacionais. Eles lá estavam a negócios do Rei e deram muita atenção aos problemas que os fizeram se reunir. Os que foram constatado foi publicado em cerca de 12 pequenos volumes e foi estudado por grupos nas igrejas em muitos países.

Nós estivemos no Monte das Oliveiras três Domingos que nunca serão esquecidos. Nós primeiro caminhamos pelo tempo onde Jesus foi tratar dos negócios do Seu Pai e visitamos o templo. Meu serviço devocional ao sopé das Oliveiras, um bispo anglicano contou a história da cidade santa. No Domingo de Ramos cultuamos numa elevação em frente à Betânia, caminha em peregrinação através

Bethyage (?) e seguimos a estrada da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Na tarde de 5ª feira caminhamos pelo jardim de Gethsamone e atravez do Vale de Kedron. Pelo jardim no qual Jesus passou a noite de agonia eu repeli as linhas do hino de Sidney Lanier: "Meu Mestre entrou na floresta". Vários de meus companheiros de distantes partes do mundo não conheciam o poema e em resposta a ansiosos pedidos, mais tarde fiz copias na maquina de escrever portátil. Na 5ª feira à noite depois de um culto com comunhão na Igreja Anglicana dentro dos muros de Jerusalém, nós caminhamos na Rua Davi, ao longo da Via dolorosa, através do portão de Santo Estevão e sobre o riacho Kedron. E em ao clarão da lua nós oramos sob as oliveiras no jardim da Agonia onde Ele exclamou "Tua vontade e não a minha seja feita".

Na 6ª feira Santa nós caminhamos pela Via Dolorosa ao lugar do Tumulo. Na manhã da Páscoa houve um significativo culto com comunhão. No quais os membros da Igreja Alta Anglicana, os não conformistas, os Luteranos, os Metodistas e pregadores e homens leigos e outros somos da Igreja de Cristo participavam na Congregação e distribuição do pão e do vinho. Aqui onde os pés do Cristo tinham realmente caminhado pudemos fazer o que tinha sido impossível no congresso de Fé e Ordem em Lausanne no ano anterior.

Naturalmente entre as sessões eu visitei a maioria dos lugares de interesse histórico. Certa tarde, com um grupo de amigos, eu fui a Belém e Hebron e abaixo para Jerico e o Mar Morto. Ao por do sol olhamos para as areias ler ancas do mais salgado dos mares, a 1300 pés abaixo do Mediterrâneo, sem saída. Repeti um pequeno poema e, naquela noite outra vez fiz copias em resposta aos pedidos de amigos.

Eu olhei um mar,

E ho: estava morto,
Embora as nuvens de Hermon,
E Jordão o alimentavam.

"Como surgiu um destino tão cruel?
O historia logo contou:
Tudo que ganhou, guardou
E ligeiro, conservou.

Todos os riachos tributários
Aqui encontraram seu túmulo
Porque este, mas recebeu,
Mas nunca deu.

Oh mas está morto! Na ensima
A saber, e sentir,
Que a posse egoísta e cofiça
Meu destino selará.

E Deus ajuda a fazer o melhor,
A dar o melhor de mim mesmo
Para que eu possa a outros abençoar
E como Tu, viva!"

Depois do encerramento do concílio, nossos delegados Latinos Americanos juntaram seus fundos limitados e fizeram um tour pela Palestina e áreas adjacentes. Descrições do que nós vimos podem ser lidos em qualquer

guia de viagens, mas nem um livro poderia indicar o interesse e o significado da área, para o nosso pequeno grupo. Fomos a Nazaré, Tibéria, o mar da Galiléia, Cafarnaum, Samaria e Monte Hermon. Andamos pela chamada Estrada de Damasco, exploramos o Líbano, vimos as ruínas de Baoblech, passamos por Antioquia, Constantinopla, Atenas e Corinto, fizemos um pouso no Cairo para visitar as pirâmides e os túmulos dos reis, os touros no deserto e o museu contendo as relíquias dos sarcófagos de tutancamon. Eu encontrei e mantive longas conversas com Dr. John M.Gardner, autor de Faraós Ressurretos, um volume contendo a história da descoberta do primeiro túmulo com o Faraó e seus conteúdos intactos. Ele mandou uma cópia assim inscrita: Rev. Dr. Tucher tenho o prazer de ter a honra de apresentar este humilde livro a um cavalheiro de cultura e ampla educação em cumprimento da promessa do autor, John M. Gardner. Do Cairo nós prosseguimos para a Itália aonde vimos as belezas e maravilhas de Nápoles, Roma, Pompéia, Genova, Turim, Milão, Veneza e outros lugares de interesse naquelas terras.

Era necessário que me apressasse a voltar para os Estados Unidos para assistir a Décima Convenção de Escolas Dominicais em Los Angeles em julho de 1928. Viajei por mar de Cherburg, França no "Aguitarra" e cruzei o Atlântico em 5 dias. Depois de chegar a N. Y. eu conversei com os oficiais da Sociedade Bíblica Americana a respeito de minha aposentadoria, visitei nossa filha e sua família em Boston prosseguiu para Los Angeles.

Na Convenção havia 7.631 delegados de 51 países com 5.000 visitantes de registrando para admissão a sessões únicas. Nossa delegação brasileira era de 16 pessoas. Esta tem sido chamada "maior reunião religiosa que jamais se reuniu sob as estrelas." Havia 75 discursos, 42 feitos por

delegados do exterior. Havia música por um coro de 2.000 vozes treinadas, suplementadas as vezes por 1.500 outras. A exposição era provavelmente a maior coleção de livros, mapas, fotos e outras literaturas a respeito de educação religiosa jamais reunida ao mesmo tempo, a audiência que assistiu o culto vespertino no Hollyood Bowl chegou a 40.000 pessoas os discursos e descobertas desta grande Convenção foi publicado meu volume intitulado "Venha o Teu Reino".

As forças evangélicas do Brasil tinham, desde a organização de nossa Escola Dominical Brasileira, desejado uma Convenção Mundial de Escola Dominical no Brasil e a antecipada oposição da parte dos elementos religiosos reacionários tinha desencorajado nossas esperanças em Los Angeles, porém, eu apresentei um convite oficial e para nossa satisfação foi aceita. As notícias foram mandadas por cabo pelas associações de imprensa ao Rio e em nossa volta fomos recebidos com congratulações e alegria.

Eu tinha sido eleito Vice-Presidente da Comissão Executiva da Associação e com o Presidente Deam Luther A. Weigee esperava-se de mim que repartisse a responsabilidade da preparação do programa e, a promoção da Convenção, especialmente a direção de arranjos no rio. Eu tinha 73 de idade, pastor da Union Church sobre carregado com os detalhes de construção da casa da Bíblia e tinha 12 ou mais "espeto no fogo" mas em Zurique em 1913 em Glasgono em 1924 eu tinha me feito ouvir por delegados, a respeito de uma futura reunião no Rio. Eu precisava, então, suporto muito da responsabilidade pelo sucesso da reunião. Seria o maior evento evangélico que jamais se efetuou na América do Sul e, em seu sucesso, dependia num alto grau o futuro do movimento evangélico.

Era esperada oposição, mas quando surgiu foi quase instantaneamente abafada pela condenação geral da atitude reacionária. Um jornal diário publicou um artigo por um capacitado leigo Católico Romano, intitulado. “A invasão Protestante do Brasil”. Amigos viram a mim sugerindo que formulasse uma resposta adequada mas em os aconselhei a ignorar o ataque e nada mais apareceu. Nossos amigos no Ministério de Ralações Exteriores aconselharam a hierarquia que eles sabiam da natureza da organização que se reuniria em nossa cidade e que era aconselhável não fazer criticas.

As autoridades públicas foram cooperadoras ao ultimo grau. Eles concederam o uso gratuito do magnífico Teatro Municipal, orgulho da nação, um teatro menor para reunião de grupos e abundante espaço para exposições no edifício de Belas Artes. As acomodações nos hotéis eram adequadas e os proprietários não só ofereceram preços módicos nas contribuíram para despesas locais, uma porcentagem de todas as quantias recebidas por aqueles que assistiam à convenção. Nosso apelo as contribuições encontrou resposta generosa.

Quando o dia chegou, a cidade tinha um brilho intenso com bandeira e emblemas de boas vindas, grandes letreiros cintilavam nos teatros e não Museu de Belas Artes. O mundo inteiro estava no meio de depressão econômica sem precedentes e uma perturbação interna, quase chegando a proporção de uma guerra civil espalhou-se por uma grande parte do Brasil, e esta circunstancia reduziram o atendimento contudo, havia 1626 delegados oficiais e centenas de visitantes registrados representando 33 nações.

Arranjando a convenção eu visitei o Presidente da Republica, o Ministro de Relações Exteriores, outros oficiais do governo, o prefeito do Rio e notáveis lideres de

negócios e da imprensa para torná-los conhecedores da natureza da assembléia e para conseguir sua cooperação. Eles foram invariavelmente simpáticos e animadores. O Presidente me deteve por uma hora fazendo perguntas sobre a associação pra "O Cristo Vivo", um assunto apropriado para ser discutido na bela cidade sob a sombra do enorme "Cristo" a 2000 pés no Corcovado.

Uma longa e sempre crescente estrada tinha sido percorrida desde a primitiva Escola Dominical que eu assistia no Tennessee rural, que se reunia em uma sala e não tinha equipamento à literatura, a grande reunião que trouxe para a magnífica capital da maior nação no hemisfério sul os mais notáveis lideres em educação religiosa moderna.

Em duas ocasiões, em Atlanta em 1924 e em Dayton em 1934, eu tive a honra de participar de reuniões do Concílio Federal das Igrejas de Cristo na América. Por varias vezes tenho assistido a Conferencia de missões Estrangeiras na América do Norte, uma agência representante 69 juntas e sociedades e funcionando através de 136 conselhos cristãos em campos estrangeiros.

Fui nomeado como delegado junto com outros pregadores brasileiro, ao Concilio Universal para Vida e Trabalho, em Oxford e a Conferencia sobre Fé e Ordem em Edimburgo em 1937. Podíamos pagar as despesas de somente um delegado, porem, e embora a comissão votasse unanimemente, exceto pelo meu próprio voto, que eu deveria ir, eu insisti pelo contário alegando minha idade, a necessidade de colocar nossos pregadores nacionais nos caminhos do Cristianismo Mundial, e pelo fato de que, na sua volta um delegado brasileiro poderia contribuir mais a igreja. A minoria de um prevaleceu por fim e o Rev. E. Moura tornou-se nosso delegado. Eu tinha

levantado a maior parte do dinheiro e nos últimos momentos consegui fundos com os quais podemos mandar o Rev. Wilson Fernandes, um ex-aluno do Colégio Epanbery, representando a mocidade do Brasil. Esta circunstancia foram quase exatamente duplicadas quando o Concilio Internacional Missionário foi realizado em Tambaran, perto de Madras, Índia em 1938, para o qual enviamos três lideres evangélicos brasileiros. Foi também um privilegio conseguir fundos para mandar três jovens brasileiros para o Concilio de Mocidade Cristã em Amsterdã, Holanda no verão de 1939.

Quarenta e quatro anos depois do primeiro Concilio da Igreja Metodista Episcopal do Sul, foi organizado no Brasil com três membros, tinha chegado a grandes proporções. Tinha se espalhado por todo Brasil, estabelecido mais de duzentas igrejas e desenvolvido 12 instituições educacionais notáveis. Em 1930, seguindo ação afirmativa do Concilio geral nos Estados Unidos, foi separada da Igreja Mãe como Igreja Autônomo do Brasil. Uma comissão dos Estados Unidos veio ao Brasil, uma constituição foi delineada e a primeira Conferencia Geral do novo corpo se reuniu na Igreja Metodista Central, em São Paulo em 2 de setembro de 1930. Este corpo delegado (?) adotou a Constituição Submetida.

Fui eleito presidente do primeiro Concilio Geral da Igreja Metodista no Brasil. Uma menção tinha sido feita preriomente do fato extraordinário de que o primeiro bispo era meu amigo de longa data, colega e companheiro de hotel do Concilio Oniral, o Rev. Dr. J. W. Tarboux. Ele estava morando, aposentado em Miami na Florida, mas voltou ao Brasil e eu tive o grande prazer eu dirigir os ritos de consagração.

O Concilio Geral estabeleceu três juntas para supervisionar atividades relacionadas; a Junta Educação,

de Missões e Serviço Social, e, apesar dos anos avançados fui reeleito em 1934, 1938 e 1942. Como seu nome sugere, esta Junta tem relação conselheira e supervisiona para todas as atividades de serviço social da Igreja Metodista no Brasil e é também encarregada com relações interdenominacionais. Desde que me aposentei do trabalho ativo como Agente da Sociedade Bíblica Americana tenho me dedicado ao trabalho desta Junta e a meus vários deveres cívicos.

Em julho de 1940, o Dr. John R. Mott secretário Geral do concilio Internacional Missionário, visitou o Rio e eu tive a honra e o privilegio da organizar seu programa. O Embaixador dos Estados Unidos me disse que o Secretario de Estado lhe avisado da vinda do Dr. Mott e sua cooperação foi concedida.

Além de uma reunião na Embaixada eu consegui entrevistas com o Ministro de Relações Exterior, com outros distintos Brasileiro e visitas patrocinadas com a Associação Brasileira de Imprensa, a Sociedade Cultural Brasil - Estados Unidos e outras instituições publicas e privadas. Arranjei um jantar patrocinado por varias organizações religiosas, culturais e econômicas. O Reitor da universidade do Brasil aceitou o convite para presidir, e o jantar foi assistido por 200 pessoas de importância na diplomacia, no governo, na religião e em atividades educacionais e sociais. O discurso francamente religioso do Dr. Mott teve grande influência e trazer a mensagem evangélica perante as pessoas influentes da cidade. Ele também falou no Colégio Bennett, uma escola Metodista para moças no Rio. O Dr. Mott tinha cortesmente me apresentado a audiências internacionais em varias ocasiões desde o nosso primeiro encontro em Cleveland, Ohio, em 1898, e eu agora estava feliz por devolver o cumprimento. Depois de sua partida 150 lideres eleito

organizaram em Congresso Evangélico com o propósito de implementar e prosseguir o trabalho do Dr. Mott.

Capitulo XIX

Memórias de Um Velho

Cada dia de trabalho, no presente, em plena forma de saúde e de vigor, eu vou para me meu escritório e trabalha em tempo integral como Secretario Geral da Junta de Serviço Social e primeiro tesoureiro da Igreja Metodista do Brasil. E trabalho em numerosas juntas e comissões e ainda participo ativamente nos empreendimentos sociais e cívicos de meus dias e de minha geração. Mas estou na lista de aposentados da Sociedade Bíblica Americana e super annuated. Missionário da Igreja Metodista. Nasci em 1857 e vim para o Brasil em 1886. O veredito dos anos que passaram não pode ser negado. Eu sou um velho.

Que eventos transpiraram no período abarcado pela minha memória! Eu relembro da escravatura e sua abolição na terra nativa, a Guerra civil, o assassinato de três presidentes, metade da história inteira dos Estados Unidos. Lembro a invenção da maquina de escrever, do

telefone, do gramofone. Da luz elétrica, das canetas-tinteiro, cinema, automóvel, avião, radio, Raios X, pneus de borracha, telegrafo, submarino, foto gravura e televisão.

Quando vim para o Brasil levei um mês de viagem; hoje em dia o tempo levou-se 8 horas de vôo entre Miami ao Rio é de 8 horas.

Aqui no Brasil e vi abolição ser abolida e a Monarquia derrubada. Tenho visto a nação passar por despotismo militar através de um longo e ordeiro processo de governo constitucional para o presente regime de ditadura leranda e benévola. Tenho tido contato pessoal com cada chefe de estado de D. Pedro II a Getulio Vargas.

Eu trouxe a primeira maquina de escrever ao Brasil e a instalei em meu escritório, a primeira escrivaninha com tampa rolante. Tenho visto o Rio de Janeiro expandir-se num lugar de ruas pavimentadas com pedras e iluminada por bruxuleantes lampiões a gás a uma cidade das mais modernas e magníficas cidades do planeta. Quando cheguei, as ruas eram pontilhadas com quiosque onde se vendia café, pão, rum e bilhetes de loteria. O leiteiro guiava sua vaca de casa em casa com um bezerro amornado a sua cauda e fornecia seu leite no lugar. Mascates de rua faziam um barulho especial para cada tipo de mercadoria que vendiam. O transporte era por tilbury ou carros puxados a cavalo. Os trilhos de carros elétricos foram construídos por um empresário americano que vendia bônus para financiar a empresa, daí os veículos serem chamados de bondes, até hoje.

Tenho viajado através dos estados desde grande Republica e distribuído Bíblias ao povo. Sou o único fundador vivo da Igreja Metodista do Brasil. Participei na tradução da Bíblia e em grande parte ajudei na literatura

cristã, fundei o Instituto Central do Povo, cooperei com a fundação do Colégio Grambery e tenho me relacionado com as origens de várias outras instituições educacionais. Fiz parte na construção do Hospital dos Estrangeiros, do Hospital Evangélico, da Casa da Bíblia, da Union Church e da ACM. Cooperei com a erradicação da febre amarela, com o estabelecimento do primeiro play ground, jardim de infância, clinicas medicas e dentarias, de classes em enfermagem, em economia domestica e de campanhas contra a tuberculose, doenças venéreas e lepra. Em todos os movimentos para a melhoria moral e espiritual do povo do Brasil eu tenho me esforçado a fazer minha parte com um digno cristão.

Estou ligado ao Brasil por laços que nenhuma agencia humana pode romper. Aqui, em 16 de julho de 1891, eu casei com a mulher que ainda senta-se a meu lado. O certificado de O. H. Dochery, Cônsul Geral dos Estados Unidos está diante de mim agora. O evento foi registrado na Igreja do Catete e está nos arquivos do Departamento de Estado em Washington, aqui nossos filhos nasceram: Elvira Grambery em 30 de março de 1894 e Hugh Clarence em 15 de março de 1897. o único pedaço de terra que possuo é um pequeno espaço de terra na seção "não consagrada" do centenário de São Francisco sob as majestosas palmeiras reais, que, como sentinelas vigiam as praias da Baia do Caju, onde desde 1900 tem desçado o corpo de nosso pequeno menino. Ele teve sarampo e contraiu um resfriado. O médico fez o que poude e recomendou uma mudança de ares, mais havia uma greve de motoristas e nós não podíamos chegar às montanhas. No Hospital dos Estrangeiros o serviço médico e de enfermagem suplementaram o cuidado constante da mãe. Não havia telefone, mas cedo de manhã de 18 de janeiro um a nota chamou-me ao hospital, mas o espírito de nosso

filho havia partido quando cheguei. Minha esposa, meus filhos, o tumulo de meu único filho e as amizades e afeicões de mais de meio século me prendem ao Brasil.

Mas nunca quebrei os laços que me prendem a minha terra nativa, laços de nascimento, cidadania, família, amigos, igreja e uma lealdade que nunca deixou de existir. Sempre a minha base familiar e umas doze ou mais vezes através dos anos tenho ido para casa de férias ou para cumprir uma Missão de serviço. Minha filha e meus netos, meus irmãos e única irmã, minhas sobrinhas e sobrinhos, todos moram nos Estados Unidos hoje em dia.

Como nunca esqueci meu país, assim meu país tem lembrado de mim, os notáveis púlpitos e plataformas e as colunas da imprensa tem sempre estado abertas para mim. Em 1917 a Southuvevesrtern University em Georgetoron, Texas, conferiu para mim o grau de honra de Doutor de Divindade e em 1929 o Rondolph Macon College da Virginia me honrou com o grau de doutor de Leis. Tenho diante de mim dois certificados sem paralela, dois certificados de membro perpetuam da Sociedade de Mulheres Missionárias da Igreja Metodista Episcopal, do sul. Um é datado de 15 de março de 1892 e tem os nomes de Mrs. Mcljaooch secretaria correspondente; e Mrs. H. N. Mctyere, tesoureira, nomes familiares à velha geração de Metodistas e a estudantes da História do metodismo. O outro é datado de 20 de março de 1935 e é assinado por minha irmã. Mrs. J.W. Perry, presidente; Mrs. Helen B. Bourne, secretaria organizadora; e Mrs. Ina Davis Fultou, tesoureira – nomes igualmente familiares a metodista dos dias atuais.

Porque eu tenho pertencido a duas grandes nações americanas tenho sempre achado o cultivo de boas relações entre elas uma elevado dever e um privilegio. E fui um “Bom Vizinho” no Brasil quando Cordell Hull era

estudante e Franklin Roosevelt era um nenê. Por mais de 50 anos tenho recebido meus conterrâneos que vieram ao Rio e tentava apresentá-los ao melhor da vida brasileira e cidadania. Muitos que são agora proeminentes em círculos empresariais moravam conosco quando chegaram; gerentes de bancos, secretários da ACM e outros do ramo são formados pelo lar dos Tuchers.

Eu não poderia possivelmente mencionar os nomes de todos que nos deram a honra de ficar conosco em nossa casa. Foram numerosos e a cada um minha esposa e eu fiz tudo que podíamos para impressionar bem o Brasil e os brasileiros. O Dr. Robert E. O. Parh da Universidade de Chicago, veio, e seguindo-o veio o Dr. E Mr. Donald Pierson para fazer pesquisas e publicou descobertas no problema de raças. O Dr. Charles A. Elwood autor famoso e sociologista da universidade foi meus hospede. Tenho sua conta diante de mim: "Quanto ao seu trabalho, parece a mim um grande trabalho de inteligente esforço social que conheço e fico maravilhado com o que você tem conseguido realizar. Eu me congratulo com você e nossa Igreja sobre seu empreendimento". Outro hospede foi o Dr. Emory S. Bogardres, Deão da Esenha de Serviço Social da Universidade de Califórnia do Sul. "Seus empreendimentos no Rio, ele escreveu permanecerão em nossas mentes como extraordinária. Estamos gratos pela reunião a noite (do Instituto Cultural Brasil - Estados Unidos) onde você presidiu e onde tive a oportunidade de discutir as relações culturais entre Brasil e os estados Unidos". Recebemos também o Dr. R. D. Hunt, deão da Escola Superior ephaduade da Universidade da Califórnia do sul: " Seu vasto cabedal de informações, sua participação no estabelecimento e atividades de muitos movimentos e instituições; tudo isto foi uma revelação para mim e sua abundante energia era quase inacreditável.

Minhas atividades de Bom Vizinho culminaram em 1937 com o estabelecimento do Instituto. Uma divisão de relações culturais Internacional tinha sido estabelecida no ministério de relações Exteriores. Tinham sido organizadas sociedades entre os grupos franceses e, inglês, alemão, italiano e outros grupos. A visita de boa vontade do Presidente Roosevelt tinha sido anunciada e o congresso Pan Americana de faz foi marcado para reunir-se em Buenos Aires. Como o tempo parecia propicio, um pequeno grupo reuniu-se no Palácio Itamaraty por convite do Ministro do Exterior, em Janeiro de 1937. Eu presidi esta reunião inicial na qual nos organizamos o Instituto Cultural Brasil - Estados Unidos. Dr. Helio Lobo que foi Cônsul Geral em N. Iorque e em outros países, foi eleito presidente e eu fui eleito primeiro vice-presidente da nova sociedade. Tenho sido um membro da junta desde o inicio.

O Instituto cresceu no que se tornou a força mais poderosa para cimentar a amizade das duas nações, no inicio era uma organização sem fundos, mas nos desenvolvemos a um grupo de membros com uma taxa anual e eu consegui uma doação anual liberal do National City Banho f N. Y. O instituto se expandiu e agora ocupa extensivo espaço num edifício de escritórios, seus Salões de Club incluem um auditório para palestras, salas de aulas para o estudo de inglês e português e a mais noderna biblioteca inglesa em todo país. O Instituto tem promovido palestras de vários trópicos, recebeu e ouviu quase todos os visitantes de importância nos Estados Unidos e está conseguindo um crescente numero de bolsas de estudo para jovens brasileiros em Universidades e colégios americanos.

Pude conseguir a biblioteca para o instituto de uma maneira interessante. Em 1939 publicadores americanos

colocação uma exposição na Biblioteca Nacional Brasileira no Rio, uma coleção 2000 livros recentes. Depois da exposição foram deixadas as disposições do Ministro Federais da educação que deu instruções para que fossem colocados permanentemente na Biblioteca Nacional. Disse ao bibliotecário que os livros não teriam serventia na biblioteca por motivo do regulamento que os livros só poderiam ser usados dentro do prédio, e fui de opinião que eles deveriam numa biblioteca circulante. O bibliotecário respondeu que nunca tinha tal coisa e que os livros seriam estragados e roubados.

Então procurei o Ministro de educação expliquei o plano da biblioteca circulante e fiz o pedido franco de que os 2000 volumes fossem doados ao Instituto. Mais tarde elaborei uma carta. O Ministro por causa disso doou os livros para nós e nós estabelecemos a primeira biblioteca circulante no Rio. Os leitores reagiram bem ao novo plano e os livros Americanos estão em constante circulação.

O Dr. Samuel J. Inman, por longo tempo secretário da Comissão e cooperação na América Latina e Conselheiro do Governo em negócios da América Latina, assim escreveu: "Entre os momentos de maior orgulho da minha vida foi em janeiro de 1937 quando um Instituto Cultural Brasil - Norte Americano foi organizado no Rio de Janeiro para promover relações educacionais entre os dois países". "Ministro Brasileiro de Relações Exteriores (que tinha convidado o grupo organizado de cerca de cem pessoas para uma reunião no Palácio Itamaraty) chamou o Dr. Tucher do mais representativo Norte Americano, a ocupar a cadeira de Presidente".

Desde minha mocidade tenho sido atirado de encontro em contato e frequentemente e estreita associação com homens e mulheres de notável caráter. Primeiro meus

próprios pais; austeros e tementes a Deus, pobres neste mundo mais rico em caráter que deixaram como herança para os filhos: bens morais espirituais além do preço de rubis. Então meus professores: Bispo Holland N. Mctyeire cujo parentesco com a família Vandeibilt por casamento o capacitou a fundar e desenvolver a Universidade Vandeibilt, Chanceler L. C. Garland, professores Thomas O. Summer, John C. Grambery, A. M. Shipp e Thomas Dudd – todos os nomes familiares para educadores e metodistas da geração passada. O Chanceler e Garland uma vez me disseram que ele tinha sido escolhido a ir para o Brasil para organizar escolas e supervisionar educação para os colonos que imigraram para lá depois da guerra civil, mas não pode porque o transporte era impossível. Professor Grambery tornou-se um bispo e eu o acompanhei na sua primeira episcopal ao Brasil. Varias vezes, nestas memórias, eu disse que sua filha tornou-se minha esposa, mas o fato é digno de repetições sem fim. Em 1940 no ano de 50° aniversario do Grambery em Juiz de Fora, Mrs. Tucher puxou a corda retirando a bandeira de seda do Brasil, de um busto erigido em honra do fundador e eu livre a tarefa apropriada de elogiar seus esforços e sua memória no principal discurso ocasião.

Eu tenho sido inspirado e guiado por centenas de colegas no movimento evangélico no Brasil: os melhores homens e mulheres de varias denominações. J. W. U. Tarboux de Carolina do Sul, J. L. Kennedy de Tennessee e J. M. Lander de Carolina do Sul, todos de sagrada memória agora, eram camaradas pioneiros e, por causa disso, especialmente chegados e queridos por mim. Lander foi o primeiro presidente do colégio Grambery. Ele conseguiu um brilhante sucesso e um vitral numa janela do colégio atesta a apreciação da administração atual, por seu

trabalho. Tarboux era o mais santo homem em nossa missão e era quase apaixonadamente amado por nosso povo. Ele era um pregador evangelista com poder e ele, também, serviu como presidente do Grambery. Kennedy era um homem vigoroso, poderoso e o sem astúcia que amava o Brasil e São Paulo tanto que ele não pode ficar no Tennesse quando a Junta de Missões chamou-o para receber aposentadoria. Ele era evangelista, pastor, presbítero mais velho, editor, presidente de colégio e autor de uma Historia do Metodismo no Brasil; eu suponho que ele levou mais almas para Cristo, do que qualquer homem no Brasil.

Tenho conhecido com certo grau de intimidade o Presidente Roosevelt, Taft, Wilson e Hoover, Elihu Root, William J. Bryan, Rainluidge Colly, Charles Evans Hughes, Cordeel Hull, Summer Weles e muitos outros e tenho estreitas relações com todos os Embaixadores dos Estados Unidos e Cônsul Geral enviados ao Rio e 56 anos. Tenho conhecido praticamente cada americano que veio à cidade e tenho sido amigo intimo de toda a colônia dos amigos estrangeiros.

Entre os primeiros a me cumprimentar e em 1886, foram os Embaixadores e a Sra. Thomas J. Jarvis de Carolina do Norte e o Cônsul Geral e a Sra. H. Clay Armstrong de Olahana. Eles tinham sido em grande parte responsável pela minha vinda e eram membros de minha congregação, leais em comparecerem liberais nas ofertas fiem aos princípios do Evangelho. Ambos eram meus amigos queridos e sábios conselheiros e frequentemente convidavam-me para atividades publicas e me apadrinharam na confiança dos oficiais brasileiros.

A Sra. Tucher e eu travamos conhecimentos com Elihu Root, Secretario de Estado, que nos visitaram em 1906 no terceiro Congresso Pan-Americano. Era a primeira visita

de um Secretario de Estado. Tivemos uma conversa numa lancha viajando através da baia e ele fez-me numerosas perguntas, mostrando um interesse sincero e inteligente em meu trabalho com a Bíblia e com a expansão do Evangelho no Brasil. M. R. Root foi convidado a discursar no Congresso Brasileiro uma honra nunca antes dispensada a um estrangeiro. As galerias de visitantes estavam repletas, mas o Secretario do Congresso, Dr. James Daray, secretamente colocou-me na Assembléia enquanto todos os olhos estavam ficços no Dr. Root e no presidente e deu-me seu cartão de identidade para proteção em caso de eu encontrar dificuldades com o sargento (at arms).

O Secretario Root fez uma visita especial a Vila Americana e a Colônia de Santa Bárbara de Americanos. Os colonos ficaram profundamente tocados pela vinda do seu distinto conterrâneo. As lagrimas corriam pelas faces de homens fortes quando apertavam sua mão em despedida, mas nenhuma manifestou a esperança de ver sua terra nativa outra vez.

Um dos amigos que me ajudaram por muitos anos foi o Embaixador Edvin V. Morgan. Durante seus vinte anos de serviço, seu interesse e meu trabalho foi genuíno e generoso e nenhum homem fez mais para fornecer para mim conhecidos prazerosos de contactos úteis em altos escalões. Quando Mr. Morgan chegou ao Brasil estava de luto pela morte de seu mais distinto homem de estado, Barão de Rio Branco e o novo Embaixador logo colocou uma coroa de flores no tumulo recém feito. Este gesto simples foi publicado pela imprensa e em seguida conquistou o coração do país. Em sua aposentadoria em 1932, Mr. Morgan decidiu ficar no Rio na esperança de prestar auxilio a um numero de jovens artistas e a certos movimentos de bem-estar social. Ele forneceu um

escritório na Casa da Bíblia, onde eu o via diariamente, e quando ele faleceu preguei no seu funeral em português e organizei um culto memorial especial Union Church para uma grande audiência de distintos visitantes.

Senti uma grande emoção de orgulho pessoal quando o secretario de Estado Cordell Hull chegou. Ele era um conterrâneo de Tennessee era um garoto de pés descalços quando eu atravessei sua região vendendo Bíblias, em épocas anteriores. Foi arranjada uma recepção e fui convocada a apresentar os convidadeos a Mr. Hull. Eu hesitei modestamente e insisti que esta honra leveria caber a alguma personagem oficial, mas ele disse: “Você é a única pessoa que conhece todos”. Assim eu fiquei ao lado do Secretario, e, a medida que a longa fila de dignitários e homens e mulheres proeminentes na vida oficial e de negócios passava por nós e apresentava cada um ao distinto convidado. No inicio eu dei tanto os nomes e suas relações com negócios, mas Mr. Hull fazia comentários e perguntava a cada pessoa pelos seus interesses especiais e eu decidi omitir dados biográficos e a pronuncias somente os nomes, como fiz no começo eu tremi de medo pensando nas horas em que ficaríamos naquela longa fila.

Eu vim para o brasil como um adorar crente na liberdade religiosa, na Bíblia aberta, no direito de cada homem de interpreta-la por si mesmo e no acesso direto todo homem ao Seu Criador. No Tennessee os Católicos Romanos eram como todos os outros, e quando comecei meu trabalho com a Bíblia no Brasil eu visitei e procurei a cooperação dos padres em todos os lugares. As atitudes que encontrei estão escritos em muitas paginas destas memórias. A Bíblia foi queimada e denunciada com falsa, enquanto os trabalhadores evangélicos eram amargamente perseguidos.

Lentamente uma mudança esta chegando e ela será mais marcante a medida que a nação progride. Depois de muitos anos os próprios católicos romanos traduziram a Bíblia e agora estão promovendo com determinação a sua circulação. Eu lembro o comentário de um proeminente educador católico romano: "Estou convencido que os protestantes são boas pessoas. São nossos irmãos". Certa ocasião o Secretaria da Marinha pediu-me uma historia da Reforma Protestante por que tinha ficado impressionado com o caráter e trabalho Protestante. Durante a I Grande Guerra fez um apelo por doações para trabalho social e a primeira resposta veio do Cardeal Arcebispo Católico Romano, que fez uma generosa contribuição. Este mesmo Arcebispo, numa tradução a uma tradução em português do Novo Testamento, referiu-se aos protestantes com "nossos irmãos separados". Um dos presidentes da Republica a quem conheci pessoalmente, declarou que ele tinha se convencido do valor e da fecundidade de nossa interpretação do cristianismo pelas vidas consistentes do povo no Colégio Metodista E na igreja de sua cidade.

De religião também pode ser dito "competição é a vida do (trade) comercio (ou negócios) "A atitude de mudança gradual do Catolicismo tem se realizado quase que exclusivamente pelo introdução (aparecimento) do Protestantismo e somente isto já é um forte argumento a favor das missões evangélicas. Nada é mais desejável de que a igreja dominante se torne uma força progressiva para a retidão social. Seus princípios medievais e atitude intolerante há muito tempo expulsou a inteligência da Nação. Mas estes não se tornaram Protestantes por razoes bem compreendidas. O resultado é que o Brasil e outras nações latino-americanas estão desenvolvendo uma liderança que não tem lealdades religiosas. Oteismo no topo, superstição em baixo, a classe média praticamente

não existente este é o programa ante a toda. Este é um panorama sombrio que anula qualquer esperança de democracia estável e liberal, mas nada pode evita-lo exceto a fé evangélica.

O que me esforçado para fazer pelo Brasil tem sido milhões de vezes retribuído pelos resultados que tenho visto e aos sinais de respeito que tenho recebido. Aqui, por exemplo, há uma valiosa citação:

Union Church

O Rio de Janeiro

“” Os justos serão sempre lembrados”

Em nome da Constituição da

Union Church do Rio de Janeiro

Sua junta oficial oferece para

O Ver. Hugh C. Tucher. D.D.

Por ocasião de sua aposentadoria do pastorado desta igreja, este tributo de alta estima e profunda gratidão por sens excepcionais serviços prestados a sociedade da igreja, desde sua fundação em 1914 em várias capacidades como:

Pastor

Pastor Substituto

Membro da Junta

Amigo e Conselheiro Constante

E em testemunho desta estima e gratidão, e como prova de suas orações por umas férias felizes e uma breve volta a anos de continua camaradagem e serviço nesta nossa igreja e comunidade, os membros da Junto proporcionam

este memorial a ser aumentado e seus nomes afixados na cidade do Rio de Janeiro, nesta 25º dia de julho no ano de nosso Senhor 1934.

Tenho um documento similar, lindamente gravado,ornamentado e envoldurado, apresentando em nome da Sociedade Bíblica Americana do Rio, "este testemunho da mais alta estima e afetuoso respeito na ocasião do 50º aniversario de sua chegada no Brasil e o começo de uma residência continua no Rio de Janeiro devotada aos melhores interesses de brasileiros e americanos e as suas relações mutuas".

Tenho outro documento numa veia mais leve nem por isso sério em importância e igualmente apreciado. Num almoço arranjado em minha honra, no meu 75º aniversario, o Bispo Episcopal Protestante, Bispo W. M. M. Thomas referiu-se a mim como "o velho navio indo para o estaleiro". No seu devido tempo eu recebi de alguns amigos o seguinte documento:

Outubro 4, 1932

Que ABAIXO ASSINADO J. H. Barbour, inspetor ao AMERICAN BUREAU OF Shipping, New York; e W. S Cunningham, correspondente da Junta de Seguradores, N. Y. e representante da Associação de Salvamento dos Estados Unidos, N. Y. juntos e vários assistiram o Bom Navio "Dr. H. C. Tucher" de cerca de 71 quilos líquidos registrados enquanto fundeado na cidade do Rio de Janeiro, no quarto dia de Outubro de 1932 com aviem de emitir um certificado de serventia marítima em conseqüência do 75º aniversario do mencionado Bom Navio "Dr. H. C. Tucher". Para posteriores particulares, é feita referencia para o "diário de bordo" sempre aberto para todo mundo ver. O abaixo assinados são de opinião que o Bom Navio "Dr. H. C. Tucher" esta atualmente

bem e em boas condições para navegar, adequado para carregar e entregar cargas completas de bênçãos, alegria, bondade humana e boa vontade para todos os portos da humanidade e mantém o presente estado físico aprovado em todos testes e velocidades por, pelo menos 75 anos mais.

http://1re.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=2118